



CAPITULO XIII

MEMORIA E ASSOCIAÇÃO DAS IDEIAS

Aspectos geraes da memoria. — Condições cerebraes de que resultam as funcções associativas. — As lembranças. — Qualidades de memoria. — Evocação e associação. — Typos de memoria. — Memoria elementar. — Substituição de representações. — Perturbações da memoria. — Character geral da associação das ideias. — Formas de associações. — Contiguidade e semelhança.

1. Vimos que a actividade mental se caracteriza como—*capacidade de utilizar experiencias anteriores, para elucidar situações actuaes*. De sorte que toda elaboração intellectual repousa sobre essa propriedade de reconstituição do passado, a que chamamos — *memoria*, propriedade que resulta, finalmente, da plasticidade do aparelho nervoso, e da concurrencia de diversos centros cerebraes, no desenvolvimento de cada processo mental. E de tal modo se passam as cousas, que a memoria se torna condição essencial na realisação da vida psychica. As exigencias do methodo nos levaram a reservar para agora o estudo e a analyse desse aspecto da actividade mental, tratando da memoria como si fôra função á parte. Todavia, desde que tivemos de descrever o processo do conhecimento abstracto (pag. 127), assignalamos o papel da memoria, accentuando ao mesmo tempo — que nenhuma elaboração mental se pode realizar sem o concurso dessa propriedade de reconstituição, e que a chamada *função da memoria* era, de facto, a ex-

pressão de uma propriedade geral da materia viva. Em verdade, a memoria não chega a ser uma função distincta na actividade mental, analoga á percepção ou á imaginação. E' essencial o papel da memoria, mas sempre subsidiario. Não ha função, nem momento da vida intellectual que se possa realizar sem incluir exercicio de memoria. Todavia, em certas circumstancias, ha operações intellectuaes que se definem principalmente como reconstituições do passado; então, podemos apreciar os resultados da memoria como que isoladamente e de modo distincto. Nesses momentos, o aspecto — *memoria* pode ser perfeitamente estudado e analysado.

2. Para comprehender devidamente o papel da memoria na vida mental, papel ao mesmo tempo essencial e subordinado, convem considerar toda elaboração da intelligencia como resultado de: funções representativas — percepção, imaginação, juizo... e de funções associativas (pag. 126). Nas funções associativas, de que resulta a reproducção dos estados de consciencia, distinguem-se, por sua vez, — a "memoria" e a "associação das ideias". Define-se, então: *memoria* — a capacidade de fixar, conservar e evocar experiencias anteriores; *associação de ideias* — a propriedade em virtude da qual, dada uma representação, outras são attrahidas ao campo da consciencia. Em verdade, não ha memoria, não ha reconstituição do passado, sem associação das ideias. Essas duas funções concorrem para o mesmo fim, si bem que resultem de factos physiologicos distinctos: *plasticidade nervosa e concurrencia de centros corticaes*. No caso, devemos assignalar que a memoria corresponde a uma propriedade mais geral, e que, de certa forma, a associação das ideias está comprehendida na memoria. Na realidade, as duas funções são inseparaveis. Essas duas expressões designam aspectos caracteristicos da condição fundamental na organização da experiencia mental — a capacidade de reconstituição do passado relacionado ao presente.

3. Os processos mentaes evocados em memoria recebem o nome de *lembranças*. Consideram-se, na lembrança, diversos aspectos, que são como outras tantas "operações da memoria": a *fixação*, a *conservação*, a *reprodução*, o *reconhecimento* e a *localisação*. . . As tres primeiras operações definem-se nesses mesmos termos que as designam; ellas constituem a propria essencia do acto de memoria. Não póde haver lembrança, sem a triplice aptidão do espirito — para fixar, conservar e reproduzir. O *reconhecimento* é o acto no qual acceitamos a representação, ou noção evocada, como producto da memoria, e não como pensamento original; a *localisação* consiste em determinar as circumstancias, de tempo e de lugar, em que se deu a elaboração originaria da representação evocada. As lembranças acompanhadas de reconhecimento e de localisação recebem o nome de *lembranças completas*. As outras são reminiscencias (1). A falta do reconhecimento implica naturalmente a falta de localisação, e muda completamente o tom subjectivo da lembrança, porque leva o espirito a admittir como *originaes* representações que são puras evocações. E' nestas condições que o individuo acredita ter produzido imagens, ou conceitos novos, quando está simplesmente repetindo reminiscencias. A realisação da memoria, em boas condições, equivale a vantagens mentaes, que se designam como — "boas qualidades da memoria": *facilidade* (de fixação), *tenacidade* (de conservação), *promptidão* (de reprodução), *fidelidade* e *exactidão* (de reconhecimento e de localisação).

4. Esta analyse da lembrança tem a vantagem de distinguir a parte que resulta propriamente da plasticidade cerebral, da que depende mais directamente da associação ou concurencia dos centros cerebraes, e faz comprehender, ao mesmo tempo, uns tantos as-

(1) Na linguagem commum, chamam-se de *reminiscencias* — as lembranças em que ha reconhecimento, mas falta a localisação. Deste modo, são negadas as mais interessantes das reminiscencias.

pectos paradoxaes no modo de ser da memoria. O mais frisanste desses paradoxos está na apparente opposição — entre a *facilidade* e a *tenacidade*. Em geral, a memoria que fixa com facilidade, com facilidade esquece... Porque? Para explical-o, é mistér determinar as condições de que depende, em especial, cada um dos actos — a fixação e a conservação. A fixação é a expressão, ou o resultado immediato, da plasticidade nervosa, plasticidade que pode ser maior ou menor, e que se exprime subjectivamente pela impressionabilidade. As crianças apresentam naturalmente o gráo maximo de plasticidade cerebral; são muito impressionaveis—*têm memoria muito facil*. A conservação, porém, depende do vigor nos traços resultantes das impressões; comprehende-se muito bem que a materia nervosa pode ser muito plastica — para se fazer impressionar facilmente, mas que os traços deixados não tenham vigor, e facilmente se dissipem. Dahi, decorre que a conservação depende immediatamente, não da impressionabilidade, mas da repetição da impressão; é esta a condição que assegura a persistencia dos traços, e lhes dá vigor. Não ha opposição essencial entre as duas qualidades de memoria; mas occorre que, si a memoria é facil, como acontece com a criança, o individuo não insiste em repetir as impressões; os traços não se accentuam, e, por isso, não terão persistencia. No emtanto, si a pessoa dotada de memoria facil insistir em repetir as impressões, mesmo depois de as haver fixado, dará ás suas lembranças o tom de tenacidade que têm as dos individuos que, por terem memoria menos facil, se vêm forçados a insistir nas repetições.

5. A reproducção, essa depende explicitamente da associação. E' evidente que não se póde evocar sinão aquillo que foi fixado e se conserva; mas, em si mesma, a reproducção resulta de uma circumstancia actual — de uma oportunidade. Evocações absolutamente expontaneas, não as ha. O mecanismo geral é este: uma *excitação* qualquer dá logar a uma representação, onde ha elementos identicos aos de ou-

tra representação — anterior, e isto provoca a evocação dessa representação passada. Estive numa reunião em companhia de diversas pessoas; encontro-me, agora, com uma dessas pessoas, e *lembra-me* o aspecto do salão... No jardim onde passei grande parte da minha infancia, havia certa herba de olor penetrante; hoje, si sinto esse perfume, acodem-me á lembrança as scenas e as *paysangens* de então. A explicação do facto é muito simples: o trabalho mental se faz, sempre, mediante o concurso de differentes centros corticaes, e, para a realisação de cada processo intellectual, estabelecem-se outras tantas systematisações ou agrupamentos de centros coordenados e em funcção; crêa-se, de facto, uma especie de habito, ou tendencia á reconstituição desse agrupamento funccional; si, posteriormente, um desses centros é excitado por nova impressão, manifesta-se a tendencia á reconstituição da associação antecedente, na qual elle entrara; isto é, a excitação actual de um dos centros que participaram da systematisação anterior tende a propagar-se a todo aquelle systema, e o fará funcionar (pag. 128). E' a evocação. Está bem visto que nem sempre se realisa essa reconstituição ou revivescencia das systematisações funcçionaes anteriores, em connexão com as impressões actuaes; si tal acontecesse, seria a balburdia mental. A reconstituição só se dá quando a impressão actual se refere a um centro que teve participação importante e caracteristica na systematisação anterior; por outras palavras — a evocação ocorre quando o elemento representativo commum ás duas representações tem um valor caracteristico para cada uma dellas. Não é porque me encontro com uma pessoa vestida de preto que me lembrarei da reunião a que assisti ante-hontem; mas si ouvir hoje o mais bello dos trechos de musica ali executados, é muito provavel que a evocação se dê, assim como se dará a lembrança do enterro a que compareci hontem — si hoje me encontro com uma pessoa trajada de luto.

6. Dessa multiplicidade de condições naturaes,

que determinam a reconstituição do passado, resulta que a memoria se apresenta como funcção de varios aspectos, ou qualidades, e que pôde haver mesmo, como vimos, uma qual opposição entre as qualidades da memoria, opposição que se estende á capacidade de promptidão, fidelidade e exactidão. Uma memoria *prompta* é muitas vezes infiel, inexacta. A boa systematisação das associações constitue a garantia dessas qualidades da memoria; mas as associações podem desenvolver-se em duas sortes de series — *lineares* e *irradiadas*; quando predominam as lineares, por exemplo, a memoria é *prompta*, com prejuizo da fidelidade; si predominam as associações irradiadas, isto é — em torno de uma representação, a memoria é mais fiel e exacta, si bem que seja mais lenta. Essas distincções se tornarão mais comprehensíveis depois de estudadas e analysadas as differentes formas de associações. Agora, o que devemos assignalar são as diversas modalidades que se accusam no exercicio da memoria. Tambem concorre para a promptidão da memoria a riqueza de imagens, porque ellas facilitam as associações. As imagens formam, de facto, o substractum de toda memoria, porque contêm os resultados immediatos das primeiras experiencias mentaes ou do exercicio dos sentidos. São ellas as primeiras representações fixadas pela memoria. Por isso mesmo, a natureza sensorial das imagens interessa especialmente á analyse das funcções associativas — porque serve para caracterisal-as e definil-as. Já sabemos (pag. 147) que, no exercicio dos sentidos, ha quasi sempre predominancia de um sobre os outros, resultando dahi uma riqueza maior das imagens que a esse sentido se referem. Ha pessoas que mais facilmente fixam imagens visuaes, ao passo que outras gravam mais promptamente as imagens auditivas... Nestas condições, sendo as imagens o substractum da memoria, no lembrar, certas pessoas evocam desde logo as imagens visuaes, ou recorrem de preferencia para essas imagens, quando outras recorrem ás imagens auditivas, ou motoras. Dahi o distinguirem-se

tres typos de memoria: typo *visual*, typo *auditivo* e typo *motor*.

7. Sendo a memoria a capacidade de fixação e conservação, de que resulta a reconstituição do passado, somos forçados a admittir uma *memoria elementar* e indistincta, como base de toda a primeira experiencia mental... E' a memoria correspondente á phase inicial da vida intellectual — que vae das primeiras sensações externas até o momento em que a actividade mental já está caracterisada nas suas formas essenciaes — e a criança já ajuiza, já possui ideias, e já se serve dellas correntemente por meio da linguagem. E' a phase do surgir da intelligencia, e que se termina, o mais tarde, aos tres annos. Nessa idade, rara será a criança, que não mereça a denominação de — ser intelligente. Ora, a capacidade intellectual que a criança possui nessa quadra presuppõe exercicio de memoria — fixação, conservação, reprodução; toda experiencia mental ulterior vem repousar sobre a organização e a capacidade intellectual de então. E' obvio que, si os resultados ou effeitos do exercicio da memoria, até ali, se dissipassem, a criança teria de recommençar a sua organização intellectual. A memoria de "antes dos tres annos" continua-se necessariamente com a dos quatro, e cinco annos, como a dos cinco annos se liga á dos seis e oito annos. No entanto, essa memoria correspondente á phase inicial da organização mental é inteiramente indistincta, e não se exprime por actos explicitos; quer dizer: geralmente, não nos lembramos de nada que nos tenha occorrido antes dos tres annos. As representações anteriores a essa idade como que se dissipam; dir-se-ia que houve uma eliminação de toda a experiencia mental dos primeiros tempos. Tal não se poderia dar; mas ha impossibilidade de reconstituição ou reprodução explicita, e a memoria é, apenas, uma conservação elementar, basica, mas implicita, da experiencia primitiva.

8. Não é a questão do tempo, ou a distancia, simplesmente, que torna impossivel a evocação das repre-

representações anteriores aos dois annos e meio ou tres annos de idade: um adolescente não consegue lembrar-se dos primeiros passos que deu quando bebê; no entanto, um velho de sessenta annos pôde lembrar-se da sua entrada no collegio, aos seis annos de idade. Dá-se, mesmo, o facto, tão notado e referido, de que os velhos evocam e conservam bem mais facilmente as representações de longa data, que as de origem recente, o que é muito natural, pois que a conservação depende da repetição, e a evocação depende da nitidez das associações, que, por sua vez, tambem depende da repetição. As representações antigas, que se conservam, estão firmadas em traços profundos. Repetidamente evocadas, ellas se reforçam cada vez mais, e a propria perda da plasticidade cerebral, resultante da idade, garante os traços antigos. A impossibilidade de reconstituir representações anteriores aos tres annos de idade resulta da — *substituição*, que necessariamente se fez, dessas representações por outras mais perfectas e completas. Essa substituição não se realisa subitamente; ha uma necessaria gradação; mas a verdade é que as ideias, imagens e noções de uma criança de seis annos não são mais aquellas que se lhe representavam na consciencia aos dous annos. A propria forma dos processos mentaes se modifica muito, porque se tornam mais complicados, mais explicitos e diferenciados. O bebê, mesmo quando já manifesta intelligencia e discernimento — aos dous annos de idade, realisa uma vida psychica onde os estados de consciencia não accusam diferenciação; cada representação é um bloco, que é ao mesmo tempo — conhecimento e affeição. Os termos do juizo não se distinguem. Por isso mesmo, nessa idade, a linguagem da criança faz destacar, apenas, a phrase, mostrando claramente que os dados mentaes, em vez de se synthetisarem em representações distinctas, capazes de se coordenarem por sua vez em juizos explicitos, condensam-se desde logo em juizos expositivos e implicitos, juizos que têm a forma global e simples de representações immediatas, juizos que

são necessariamente falhos e precarios. Resulta de tudo isto, que taes representações têm de ser substituidas mais tarde, por outras mais explicitas e correctas. Si se pudesse fazer o inventario do conteudo mental de uma criança de sete annos, bem poucas representações — imagens ou ideias — se encontrariam das que existiam aos dous annos de idade; ao passo que num joven de 16 ou 18 annos, ainda persistem representações que vêm directamente dos 5, ou 7 annos de idade.

9. De todos os aspectos da actividade mental, é a memoria aquelle que mais promptamente e mais explicitamente se resente das modificações e perturbações organicas. São por isso muito communs — as *quédas de memoria*, as lacunas, as restricções, os esquecimentos, geraes ou parciaes. Todas essas perturbações recebem o nome de *molestias da memoria* (amnesias geraes, ou parciaes), cujas causas podem ser geraes, ou locaes. Já vimos que a idade, pela redução da plasticidade cerebral, produz uma quéda geral do poder de retenção da memoria. As outras causas geraes são — a fadiga, as intoxicações... todos os factores, emfim, de depauperamento organico. Note-se que nesse caso — quando a memoria enfraquece pela fadiga, ou por outras causas analogas, o esquecimento não alcança por igual todas as formas de representações. Na fadiga, por exemplo, esquecem-se de preferencia os nomes proprios, e os nomes correspondentes a ideias pouco abstractas; o desmemoriado pensa numa pessoa, num animal conhecido, mas o nome não lhe acode, ou, pelo menos, é-lhe preciso um esforço especial para evocar e achar esse nome. O facto explica-se muito bem: taes ideias evolvam-se geralmente sob a forma de imagens geraes (pag. 135). Para as necessidades do pensamento interno, silencioso, basta essa forma de evocação; e o cerebro, pela lei do menor esforço, dispensa-se de fazer a evocação do symbolo dessas ideias menos abstractas. Quando ha, porém, necessidade de exprimir o pensamento, accusa-se o esquecimento ou ausencia

do signo verbal, e faz-se preciso um esforço especial para evocal-o. As causas locais de amnesias são as lesões cerebraes, provenientes geralmente de hemorragias, de tromboses... Essas lesões podem produzir desmemoriamientos mais ou menos vastos, affectando taes ou quaes ordens de representações, taes ou quaes processos mentaes. Isto depende, por um lado, da extensão da lesão, e, por outro, da região ou centro cerebral lesado. Certas vezes, ha perda total da memoria da palavra, sob todas as formas; outras vezes, perde-se apenas a memoria necessaria para a decifração da escripta... Comprehende-se bem: si a região lesada é o centro de interpretação dos sons como valores verbais—o doente esquece a significação das palavras, assim como pôde esquecer a coordenação dos movimentos do braço, si foi esse centro motor o lesado. Num caso, ou no outro, ha o recurso da reeducação.

10. As representações mentaes associam-se graças aos attributos communs: tal imagem apresenta, bem nitido, o attributo *rubro*... a ideia da guerra encerra o attributo *ferida* — *sangue*... é muito provavel que a vista dessa imagem evoque a ideia de *guerra*. A existencia do attributo commum implica, já o vimos, a concorrência de um mesmo centro cerebral na elaboração das duas representações associadas. Esse attributo commum é o élo, ou a ponte de passagem: trazem-me uma papoula para que eu a admire: por uma serie de associações, vêm-me ao espirito... *sangue* — *combate* — *morte* — *luto* — *orphão* — *criança* — *escola* — *escripta* — *papel*... de tal modo que, cinco minutos depois de receber a flor, acode-me perguntar á propria pessoa que m'a trouxe — "Já veio o papel que encomendei á papelaria?"... Sendo os attributos communs os élos associativos, comprehende-se, desde logo, que as associações se podem desenvolver, como dissemos, por duas formas: ou em séries *lineares*, quando a consciencia passa de uma representação a outra, por um desses élos, e desta outra a outra... como no caso papoula... papel; ou — *irradiadas* — em torno da mesma representação, a que

se vêm ligar varias outras, correspondendo a cada um dos attributos: papoula-sangue, papoula-medicamento, papoula-belleza, papoula-assetinado, papoula-jardim... Si se trata de uma representação rica de attributos, o agrupamento é muito maior: *navio-vela*, *navio-viagem*, *navio-leme*, *navio-bussola*, *navio-madeira*, *navio-quilha*, *navio-bordejo*, *navio-commando*, *navio-convéz*, *navio-naufragio*, *navio-pharol*... Essas associações têm de ser, necessariamente, limitadas, pois dependem do numero de attributos que concorrem na representação.

11. Ha intelligencias nas quaes predominam as associações em series lineares; noutras, predominam as associações irradiadas. As associações em series lineares são mais faceis, mais communs e mais promptas; dão ao espirito uma pronunciada volubilidade, uma qual vivacidade de pensamento. As segundas constituem a condição necessaria do pensamento profundo e realmente original, porque a originalidade da producção intellectual está em chegar a associações justas e precisas, mas que não sejam banaes, nem corriqueiras. Ora, para tanto, é preciso que o individuo seja capaz de manter na consciencia um objecto, uma ideia, considerando-a em cada uma das suas associações possiveis, até que se definam associações novas. E' isto que dá valor proprio ao pensamento, e caracteriza as verdadeiras creações estheticas. Nas mentalidades affeitas ao pensar meditado e ao labor artistico, as associações triviaes passam-se como que em surdina, e só as associações ou approximações originaes se impõem vigorosamente á consciencia: "*O mar é fiel... vai e vem...*" (Richepin). Antes de chegar a esta associação, tão precisa e tão bella, o poeta naturalmente repassou a generalidade de associações que occorrem á ideia de *mar*. O seu espirito, sem sair da representação, afastou toda a chusma das banalidades, para chegar á approximação — "*fluxo-refluxo...* vagas que constantemente *vão e voltam...* constancia-fidelidade..." em contraste com as aguas

do rio — que *passam e não voltam nunca...* (1). A inspiração subita, rara aliás, corresponde aos casos em que esse perpassar preliminar de associações vagas e banaes se faz de modo subconsciente.

12. A associação das representações pressuppõe sempre uma contiguidade funcional, no tempo ou no espaço, contiguidade de centros cerebraes, trabalhando concomitantemente, ou successivamente. Então, admitte-se que — toda associação se reduz a casos de contiguidade. Apesar disto, a exemplo da Logica, a Psychologia continúa a distinguir, nas associações, dous typos — por *semelhança* e por *contiguidade*: *papoula-sangue*, — *semelhança*... *papoula-jardim*, contiguidade. Em verdade, nas semelhanças ha uma simples contiguidade de attributos. São semelhantes ás representações onde se encontram attributos communs, e a semelhança é tanto mais pronunciada, quanto maior é o numero desses attributos. Entre *canario* e *morcego*, a semelhança é menor do que entre *canario* e *pintasilgo*, porque, aqui, ha mais attributos communs. Na contiguidade propriamente dita — *balança* e *peso*, ha uma contiguidade de imagens, ou de ideias, dentro de uma representação mais vasta: *balança* e *peso* são dados na representação geral da ideia de *venda* e *mercado*... Os logicos distinguem ainda as associações de: *causa* e *efeito* — *combustão* e *calor*... *forma* e *substancia*, *genero* e *especie*... e muitas outras, inclusive as de contraste — *bom* e *mão*, *dia* e *noite*... Todas ellas se reduzem á contiguidade, até mesmo as associações de contraste: *dia-noite*... *branco-negro*... *bom-mão*... são polos de uma escala; são polos ou extremos de uma escala onde existem todos os grãos intermediarios, mediante

(1) E' facto a notar: a criança, inexperiente, com reduzida riqueza de ideias, tem o seu movimento associativo muito restricto; não lhe acodem muitas dessas associações triviaes no adulto, e chega, então, frequentemente a associações, si não justas, pelo menos interessantes pela originalidade, como acontece quando ella diz: que a borboleta é uma flor que está voando.

os quaes se faz a contiguidade. Pelo habito, esses grãos intermediarios se eliminam nas intelligencias já educadas. Sem a noção dessa escala intermediaria, seria tão pouco frequente e tão absurda a associação claro-escuro, como a associação claro-longe.

A memoria, como capacidade plastica que é, fixa e conserva tudo que concorre para o proseguimento da vida mental. E', de certo modo, passiva: acceita e guarda o que lhe offerecem. Reprodiz o que existe mas, no reproduzir e reconstituir, ella já é subsidiaria da associação. Nesta, encontramos um aspecto mais accentuadamente activo. W. James pretende que "o character do individuo está inscripto nas suas associações". De facto, ellas exprimem a propria estrutura mental; é nellas que se fixa o methodo.



CAPITULO XIV

A LINGUAGEM

Exteriorisação e objectivação da actividade psychica. —

Expressão intencional e linguagem. — Character geral da função da linguagem. — Symbolisação. — Exteriorisação e comunicação. — Analogia das consciências. — Socialisação do pensamento. — Expressão verbal automatica. — Condições psycho-sociaes da linguagem. — Origem da palavra. — O grito e o gesto. — Vantagens dos signaes sonoros. — Evolução das linguas. — Normas e lexicon. — Desenvolvimento do vocabulario. — Diferenciação dos termos.

1. As reacções psychicas tendem a exteriorisar-se, porque, de modo geral, correspondem a transformações das excitações sensoriaes em estímulos motores. A exteriorisação póde fazer-se sob a forma de movimentos e actos expontaneos, determinados directamente pela excitação, e sem utilidade immediata, como as contracções faciaes do riso, as lagrimas que acompanham as dores; ou sob a forma de movimentos e actos intencionaes, immediatamente uteis, como o de quem vê um fructo e o *colhe*. Tanto num caso como no outro, esses actos de exteriorisação se prestam a ser interpretados, e permitem ajuizar dos estados de consciencia a que estão ligados. A differença essencial entre elles consiste explicitamente, no seguinte: os primeiros são actos puramente emotivos, inteiramente expontaneos, sem nenhuma coordenação ponderada ou intencional, pois que são instinctivos e mecanisados; ao passo que os outros são actos de uma co-

ordenação adrede instituída, de accordo com a situação actual e immediata a que correspondem; são actos mais ou menos reflectidos e reformaveis (1). De par com essas formas de exteriorisação, occorrem duas outras, que têm fim utilitario e são intencionaes — não como realisação immediata ou directa, e sim como recurso de comunicação. São os actos e as manifestações que se fazem com o intuito definido de serem percebidos e interpretados pelos outros, como expressão dos estados de consciencia de quem os produz.

A actividade psychica traduz, de modo geral, as relações com o meio; mas, como realisação, ella se desdobra: ou é preparo e coordenação de actos em que o individuo se adapta directamente e isoladamente; ou é processo para coordenar a actividade individual com a dos outros.

2. Esses actos — intencionalmente expressivos — constituem a *linguagem*, que é, de facto, a forma mais extensa e mais completa de expressão. No entanto, não esqueçamos que todas as outras formas de exteriorisação, capazes de serem interpretadas, são outros tantos actos expressivos, e que a linguagem é, apenas, uma das formas de expressão. Por sua vez, os actos de linguagem podem ser: ou *immediatamente expressivos* — como quando apontamos para um perigo que ameaça alguém, e quando reproduzimos num desenho uma imagem; ou *symbolicamente expressivos* — quando nos servimos de signos que indicam ideias e imagens a que estejam convencionalmente associados. Tal acontece quando nos exprimimos por meio de palavras, ou de quaesquer outros signaes convençionados.

(1) Muitas das exteriorisações mecanicas ou expontaneas, nas emoções, são innegavelmente uteis — no medo, no desejo... mas a sua realisação é independente da reflexão ou da vontade; ainda que sejam uteis, não são intencionaes.

Assim resumindo, a expressão se distingue em:

EXPONTANEA manifestações emotivas
INTENCIONAL —

{	Sem o fim de express- são	actos immeditamente uteis
	Intencionalmente ex- pressiva (lingua- gem)	{ expressão directa expressão symbolica

Toda linguagem presuppõe, por conseguinte, a produção e o uso de signaes; mas, ao passo que, na linguagem directa, os signaes se cream no momento — para indicar especialmente um estado de consciencia, na linguagem symbolica, usam-se signaes de valor convencional, que exprimem principalmente ideias, ou quando muito, imagens já vulgarisadas. A linguagem symbolica, ou linguagem propriamente dita, é, pois, um systema de signaes convencionaes. Esses signaes são as palavras. Quando dizemos “systema” queremos assignalar que, não só os signaes têm valor determinado, como são usados segundo regras precisas.

3. De modo geral, a linguagem symbolica corresponde a uma importantissima necessidade da vida psychica e social: é o meio pelo qual se communicam effizamente as consciencias. Accentuando este facto, reconhecemos que, fosse esta, embora, a sua função unica, ella não poderia deixar de interessar á Psychologia, porque o exercicio da linguagem vem patentear: 1° — que ha analogia nos processos geraes das consciencias; 2° — que, graças a essa analogia, se realisa a communicação das consciencias. Notemos, porém, desde já, que os signaes da linguagem verbal correspondem, na vida psychica, a uma outra função, toda intima, exclusivamente mental, pois que concorrem para a propria elaboração do pensamento. E’ a fun-

ção de *symbolisação das ideias*. Por isso mesmo, desde que descrevemos e analysamos o processo de elaboração das ideias, fizemos referencias a essa ultima phase — de denominação ou symbolisação (pag. 111). Tudo se resume no facto de que — nós pensamos com duas sortes de representações: umas inteiramente concretas — percepções e imagens; outras mais ou menos abstractas — ideias. As representações concretas evocam-se directamente, nos proprios attributos ou valores sensoriaes: quando penso no incendio que vi hontem, o que me vem á mente é o conjunto de sensações características. As ideias, porém, evocam-se nos respectivos symbolos, e quando pensamos em — *meditar, saber, caridade, sciencia, destino...* essas representações se nos affirmam á consciencia sob a forma necessaria de signaes verbaes. E' verdade que certas ideias menos abstractas, como as de — *lavrador, naufragio, cão...* podem evocar-se numa imagem geral, ou generalisada (pag. 113); mas os conceptos, esses, qualquer que seja a consciencia onde se representem, têm que ser evocados em palavras. Quer dizer: independentemente da função de expressão, ou exteriorisação e communicação, a palavra tem um papel interior, essencial na elaboração do pensamento — o de symbolisar, para a propria consciencia individual, as suas representações abstractas.

4. A palavra é, em si mesma, um som ou uma combinação de sons, cuja imagem associamos intimamente a uma representação, geralmente abstracta. A essa associação é que se dá o nome de symbolisação. O processo de associação symbolica póde estender-se a outros signaes que não sejam palavras, e é assim que a ideia de *patria* se associa á da respectiva bandeira, a de *esperança*, á da côr verde... Taes symbolos têm, porém, mais referencia á vida affectiva que aos processos representativos. O typo perfeito do mecanismo de symbolisação nós o encontramos na linguagem verbal. A importancia primeira da palavra está em que — sem esse signal, fôra impossivel de-

finir, classificar e evocar categorias geraes de seres e de relações. Então, com toda a razão se diz — que o homem pensa com palavras, sempre que tem de evocar representações abstractas. Reconhecendo na palavra essa função interna, de symbolisação, comprehendemos perfeitamente a sua extensão, no exteriorisar-se — para exprimir e communicar os pensamentos. A imagem que, no intimo da consciencia serve para distinguir as ideias e evocal-as, objectivada e traduzida em actos perceptíveis, dá-lhes necessariamente a justa expressão, — a que as mesmas ideias convém. Quando sentimos a necessidade de entrar em comunicação com outras consciencias, basta-nos: realizar os movimentos correspondentes á emissão, ou fixação, das imagens sonoras com que vamos symbolizando a parte abstracta do pensamento, e, ao mesmo tempo, decompor em termos abstractos as imagens concretas, exprimindo-as como se fossem outros tantos conjunctos de abstracções, porque só assim podem ser ellas exteriorisadas na linguagem symbolica, uma vez que a palavra só traduz directamente abstracções. Si eu penso commigo mesmo — “que o grito ouvido ha pouco, deve ter sido lançado por uma pessoa em perigo...” o que se evoca na minha consciencia é a imagem ou reviviscencia sensorial do grito, e os symbolos verbaes correspondentes ás ideias de — *creatura humana... terror... perigo... imminencia...* Mas, si eu tenho de communicar o caso a outrem, para exprimir a imagem do grito, devo decompor-a, e dizer, por outros tantos symbolos de abstracções, cada um dos attributos do grito — *profundo, longo... dolorido, angustiado...* Ao passo que as ideias propriamente ditas, essas exteriorisam-se immediatamente, desde que eu dê forma objectiva aos respectivos signaes verbaes.

5. Resumindo: a expressão do pensamento pela linguagem consiste — a) em realizar objectivamente os movimentos correspondentes aos sons que symbolizam as representações abstractas; b) em decompor as representações concretas, para exprimir os respe-

ctivos attributos como outras tantas abstracções. Na consciencia humana, a função geral da linguagem está instituida como um jogo de symbolos de abstracções, porque fôra impossivel desenvolver um pensamento sem fazer intervir ideias, e realizar communicação, isto é, ser comprehendido, sem um systema de valores geraes. A linguagem se baseia na analogia dos processos mentaes, e presuppõe um código de formulas e de signaes. Na expressão humana, predomina necessariamente o signal verbal, principalmente para a vida intellectual; todos os outros recursos, espontaneos ou intencionaes, são subsidiarios. O pensamento tende para a acção, mas é essencialmente socialisado. A propria acção humana é sempre socialisada, desde que tenha um character intelligente; ao mesmo tempo, nelle concorrem sempre abstracções, e de tudo isto resulta que, mesmo nos casos de execução immediata, o pensamento tende para a expressão verbal.

Como se vê, a função intima da palavra — a symbolisação — é essencial na elaboração do pensamento; mas, nas apreciações communs, só a função de expressão parece existir. Duas circumstancias concorrem para dar ao signo verbal esse papel restricto, como simples recurso de expressão: 1º, no cotejo entre as duas phases da intervenção verbal — a symbolisação interna e a enunciação, esta ultima se impõe de modo mais preciso á attenção, porque se traduz num acto explicito, positivo e objectivado; 2º, a generalidade das ideias que formam a riqueza mental das consciencias são ideias transmittidas, isto é, são ideias que se adquirem já feitas e symbolisadas, de sorte que ellas se integralisam no conteúdo mental fundidas ao respectivo signo; o trabalho de symbolisação propriamente dita só se destaca nitidamente na consciencia que crêa a ideia. Mas a criação de taes valores mentaes é cousa relativamente rara. O commun das mentalidades pensa como o acervo de ideias correntes. E' innegavel, porém, que quem consegue lóbrigar aspectos novos nas cousas, e chega a

criar ideias, distingue perfeitamente o processo necessario — da symbolisação. Quando Darwin chegou á ideia capital da sua theoria da evolução biologica, teve certamente consciencia da necessidade de assignal-a, para si mesmo, na formula — *selecção natural*. Por esse motivo, para a generalidade dos individuos, a palavra tem realmente o valor de simples signal convencionado.

6. A linguagem propriamente dita se define, pois, já o vimos, como — conjuncto de signaes sonoros, com que symbolisamos as representações abstractas e generalisadas, e as exprimimos quando se faz mister communicar o pensamento. E', por conseguinte, uma funcção, ao mesmo tempo, individual e social. Não ha nisto contradicção, nem antagonismo. O aparelho nervoso cerebral tem a mesma conformação geral em todos os individuos normaes; as funcções psychicas se realisam com uma relativa uniformidade de processos. Dahi deriva a analogia das consciencias. O raio luminoso, que dá a sensação amarello a um individuo, determina a mesma sensação em todos os outros typos normaes. Por isso mesmo, a interpretação dos phenomenos e a discriminação das relações se pôdem fazer com um relativo accordo das consciencias, e com a collaboração, mais ou menos explicita, de todas as intelligencias; donde resulta que o proprio pensamento humano é essencialmente social, não só pela generalisação dos valores symbolicos, como pela marcha dos processos cognitivos. As ideias são verdadeiros typos evocativos socialisados; quando affirmamos que a palavra — *trabalho* — tem a mesma significação para todos, queremos dizer que ella corresponde a uma representação abstracta, com o mesmo valor para todas as consciencias; é essa representação que dá significação á palavra. Por outro lado, verificamos que o criterio — *razão*, orientador do pensamento, é um criterio socialisado, resultante do cotejo de todas as consciencias. Noutros termos: cada um de nós, desde que pensa, por mais que se

isole na sua consciencia, tem de realizar um pensamento caracterisadamente communicavel, porque as normas e os objectos hão de ser os mesmos que os das outras consciencias. De sorte que, em verdade, entre a elaboração intima do pensamento e a sua expressão verbal, ha uma distincção muito menos nitida do que parece, quando se admite a definição de linguagem como — simples *função de expressão*.

7. Na realisação formal da mentalidade humana, é impossivel ajuizar, reflectir, raciocinar... approximar ideias, relacionar-as, sem as distinguir, na propria consciencia, sob a forma de symbolos; e o pensamento que assim se define, é, *ipso facto*, communicavel, porque o trabalho da elaboração pessoal consiste, justamente, em ajustar as relações que lobrigamos, e as concepções que temos, a esses valores mentaes generalizados. Por mais original que seja uma mentalidade, o seu merito estará sempre em tirar das ideias existentes outras ideias, que possam entrar para a corrente geral das consciencias. O proprio pensamento creador começa na experiencia geral, e para ella se volta. A noção simplista de — linguagem-expressão é, não sómente incompleta, como desorientadora. Philologos, pedagogos e linguistas, que tratam a linguagem como qualquer cousa de exterior á elaboração mental, chegam por isso a conclusões absurdas. Imaginam que o pensamento só se associa á forma si tem de ser exteriorisado, e dictam applicações e preceitos como si no caso só houvera simples questões de forma, quando, em verdade, no pensamento, *forma e substancia* se confundem, porque o elemento caracteristico, como substancia — a ideia — existe generalizado e prezo a um symbolo. A linguagem nasceu certamente da necessidade de communicação, ligada ao instincto social, e dahi resultou para o pensamento o character socialisado e abstracto que lhe é proprio, mas tornou-se desde logo — condição essencial na propria elaboração interna do pensamento.

8. Não esqueçamos que o valor da intelligencia humana está na sua capacidade de abstracção e generalisação; no emtanto, si o espirito é capaz de abstrahir, só se pôde servir dessas abstracções, só pôde pensar com ellas, associando-as a uma imagem sensorial, a um symbolo. A symbolisação é absolutamente indispensavel ao pensamento abstracto, cuja exteriorisação é antes um acto de realisação mecanica, do que effeito de uma elaboração especial, com vistas exclusivamente á expressão. E' bem facil de comprehender a grande vantagem que ha, quanto á communicação, em que as cousas se passem deste modo. O pensamento, elaborado em termos sociaes e modelos verbaes, exprime-se automaticamente, e é immediatamente comprehendido, independentemente de qualquer esforço especial por parte dos que se communicam. Como admittir que a linguagem se pudesse desenvolver, e que o convívio social se estreitasse como se estreitou, si cada individuo, para communicar-se, tivesse de realisar um trabalho duplo e distincto — *pensar e organizar* a forma de expressão? E' certo que muitas vezes a expressão do pensamento exige attenção especial; mas é preciso distinguir o caso em que a attenção se volta para o proprio pensamento, cuja elaboração é difficil, daquelles em que a difficuldade é caracterisadamente de expressão. Esta ultima hypothese é relativamente rara. De modo geral, pôde dizer-se: todo pensamento abstracto que se define nitidamente e claramente na consciencia está igualmente em termos precisos e justos de expressão. Isto é assim para os juizos correntes na vida commum, como para o alto pensamento scientifico e philosophico. As difficuldades de pura expressão referem-se á linguagem litteraria, quando o artista quer dar á sua obra effeitos especiaes de sonoridade, de *rhythmo*... ou, então, quando elle tem de traduzir na linguagem symbolica — em termos abstractos, mas ao mesmo tempo suggestivos — as suas imagens originaes.

9. A linguagem tem, pois, relações immediatas

e absolutas com a elaboração mental. Ella deriva do psychismo socializado da especie humana, mas, por sua vez, é condição do pensamento. A ideia é: generalisação, como valor representativo; symbolo, como evocação. O pensamento humano faz-se naturalmente em formas exteriorisaveis, e realisa-se como o reflexo, em cada consciencia, da experiencia geral. As communicações das consciencias se desenvolvem facilmente; cada intelligencia póde, então, assimilar os resultados da experiencia geral, e assim se estabeleceu uma verdadeira cooperação mental, no tempo e no espaço. A intelligencia existe como instrumento da acção; o pensamento é, de facto, um momento entre a sensação e o acto; mas, na especie humana a propria acção é socializada. Raramente o individuo passa do pensamento aos actos reflectidos sem se referir á experiencia geral, isto é, sem ter necessidade de buscar uma cooperação directa, ou indirecta. E essa cooperação presuppõe communicação, linguagem. A actividade mental é incompativel com o isolamento da consciencia; o pensamento tende naturalmente para a exteriorisação e communicação, e formula-se como linguagem.

10. O mecanismo e os termos, em cada lingua, têm um valor convencional, no sentido de que — só são comprehendidos, e só podem ser assimilados, pelas consciencias adrede preparadas; quer dizer, a linguagem se differenciou nos diversos grupos sociaes, como se differenciou a linba geral dos caracteres nacionaes, como se differenciaram os costumes. Mas, em si mesmo, o signal verbal tem origem expontanea, natural, e não convencional. A palavra deriva do grito instinctivamente emotivo, e das articulações expontaneamente imitativas. E' uma apropriação das exclamações interjectivas e das onomatopeias ás necessidades de communicação e de symbolisação. Poderíamos dizer: foi a expressão expontanea que, tornando-se consciente, evoluiu, reflectiu-se sobre a vida interior,

e se differenciou em linguagem, propriamente dita (1). Não ha nenhuma contradição entre affirmar-se — que o emprego da palavra deriva de um processo instinctivo de expressão, e que a linguagem evoluiu, desdobrando-se em differentes idiomas. Já o dissemos: houve no caso um desenvolvimento analogo ao que se deu com os costumes. O proprio pensamento tem um certo caracter em cada grupo social. A prova, no entanto, de que o processo da linguagem, como o do pensamento, corresponde a condições geraes da organização mental, é que as consciências guardam a capacidade de se servirem de outras linguas, que não o vernaculo, e que os grupos sociaes abandonam, muitas vezes, a lingua tradicional, e adoptam uma outra. E' o facto que se tem dado sempre que ha encontro de povos e de civilizações; é facto que a historia consigna de modo indiscutivel. Por outro lado, o modo pelo qual a criança adquire e organisa a sua linguagem mostra, bem claramente, que essa aquisição corresponde a um processo natural e necessario do seu desenvolvimento psychico-organico (2).

11. Havendo a tendencia (commum nos vertebrados superiores) a exteriorisar em gritos e em gestos certos estados de consciencia, dada a analogia dos processos psychicos, era natural que o homem primitivo, percebendo taes signos expontaneos, tivesse a representação evocativa do estado de consciencia que os determinou: grito ou gesto. Ainda hoje, si ouvimos um grito de alarma... si vemos alguém correndo... immediatamente, instinctivamente, se faz a representação de um estado de *medo*, ou a ideia de um *perigo*... de uma *fuga*, ou de uma *caçada*... Isto se

(1) Veremos adiante, a proposito dos "reflexos", que é commum e normal na evolução psychica — a absorpção de actos reflexos pela intelligencia, que os desdobra e os engloba em processos mais complexos, adaptadas a fins differentes. O grito é, de facto, um acto expontaneo e reflexo, aproveitado para o processo intelligente — da expressão symbolica.

(2) Primitivamente, na criança, a palavra cornesponde a uma representação concreta.

nota de modo bem apreciável na vida infantil: a criança encontra-se com uma guloseima — expande-se em gritos e gestos de prazer ávido... e as outras, si o percebem, acodem immediatamente, como se fossem chamadas. E' esta a primeira phase na evolução psychica da linguagem — “a *interpretação instintiva* da expressão expontanea”. A segunda phase, mais importante, decisiva, é a do “*emprego intencional* dos signaes”, com o intuito de comunicação. A passagem, no emtanto, de uma phase para a outra é toda natural, e depende, apenas, do desenvolvimento mental. Nos seus primeiros soffrimentos, a creança grita e geme, sem nenhum intuito de ser soccorrida; acodem os paes, trazem-lhe assistencia, e, com a continuidade, faz-se na consciencia infantil uma associação natural — entre os gritos de dôr e os beneficos effeitos que se lhe seguiram. Começa, então, a criança a insistir accentuadamente nesses gritos e gemidos, quando se torna necessario receber soccorro. E' o primeiro appello á expressão. O homem primitivo gritava e gesticulava instintivamente, em face das situações perigosas; os outros acudiam, e assim se fez, naturalmente, a associação entre o grito de alarma e o soccorro recebido... Essa deve ter sido a origem da linguagem. Aliás, muitos vertebrados superiores — os que vivem em grupos — possuem os seus gritos, ou de aviso, ou de appello... Deste modo, o grito ou o movimento expressivo qualquer que seja, adquire um valor especial para cada consciencia. Elle não é, apenas, a exteriorisação expontanea de um estado emotivo: é o *signal* evocativo de uma representação. Tal grito evoca a ideia de caça... tal outro, a de incendio... Nestas condições: intencionalmente emittido, devidamente interpretado, o signal expressivo, antes de ser exteriorisado, define-se na propria consciencia, como o equivalente ou o symbolo mental da representação que nelle se exprime: é signal designativo para quem a elle recorre, mas tambem é um symbolo evocativo, como o é para a consciencia que o interpreta. Desde que se fez a associação symbolica en-

tre a representação e o signal, não é mais possível disjuntal-os no pensamento; desde que o homem primitivo começou a exprimir systematicamente a ideia de *tigre* por certo grito, e a de *agua*, por um outro grito, não lhe foi mais possível pensar na féra, ou no liquido, sem que o respectivo symbolo lhe acudisse á consciencia.

12. Vimos que os signaes de expressão intencional podem ser — gestos e sons; ainda hoje, na expressão das representações concretas, frequentemente recorremos aos gestos — para obter a exteriorisação immediata, ou para reforçar e accentuar o valor da expressão verbal. Mas, na linguagem symbolica e abstracta, prevaleceram os signaes sonoros — por que? Por muitas razões: 1ª, ha uma tendencia irresistivel a fazer acompanhar os estados emotivos, e as proprias representações mentaes, de movimentos vocaes, tanto que os surdo-mudos, sem nenhuma noção do valor das vozes, acompanham sempre os seus gestos com gritos; 2ª, os gritos são mais facilmente e mais francamente perceptíveis do que os gestos — quem vê, deve ouvir, mas que ouve, póde não ver; 3ª, os gritos e sons se caracterisam melhor como signaes diferentes e distinctos, quer dizer — numa serie de sons consecutivos, é mais facil distinguir cada um dos signaes, do que numa série de gestos; 4ª, os sons podem combinar-se de differentes modos, e podem fornecer um numero muito maior de signaes especiaes do que os gestos; 5ª, os sons se isolam e se distinguem mais facilmente dos movimentos immediatamente uteis; são, por isso, mais proprios para a linguagem, porque permitem ao individuo *exprimir-se* e, ao mesmo tempo, *realisar actos productivos*; 6ª, finalmente, os sons são mais proprios para symbolisar as representações abstractas, porque se constituem em signaes puros, exclusivamente symbolicos. No emtanto, os gestos são mais proprios para a expressão das representações concretas, que não sejam imagens sonoras; por isso mesmo, nós os empregamos concomitantemente com as palavras — para precisar-lhes o

sentido e accentuar as particularidades. O desenho é geralmente um recurso de expressão concreta (1). Tudo leva a crer que o homem começou a interpretar os signaes emotivos e a empregal-os intencionalmente, numa phase em que tanto se servia de sons como de gestos; porém, os sons, prevaleceram na linguagem systematisada em razão daquelles motivos apontados. O gesto apresenta a vantagem, já assignalada — de ser concreto e mais imitativo, ou directamente representativo; mas o signal sonoro tambem pôde ser imitativo: immediatamente imitativo, quando se trate de imagens auditivas, ou metaphoricamente imitativo, tentando reproduzir, em *rhythm*o auditivo, imagens de outras categorias, que se caracterisam pelo *rhythm*o. Por essa razão, desde cedo, foram utilizados como recursos de expressão symbolica os sons imitativos, ou onomatopéas. Todas as linguas contêm vocabulos caracterisadamente onomatopaicos, como *zumbido*, *estrondo*, *sibilo*... Os grammaticos distinguem uma categoria de verbos — os “frequentativos”, que correspondem positivamente a uma onomatopeia metaphorica: *bebericar*... *palpitar*... onde a repetição das syllabas exprime justamente a repetição da acção — de beber, de palpar...

13. A indicação da origem da linguagem basta para mostrar que se trata de um phenomeno de evolução, isto é, uma função que continuamente se desenvolve e se multiplica em manifestações. Effectivamente, os idiomas são mecanismos que constantemente se modificam, e se complicam e enriquecem, acompanhando o natural desenvolvimento do espirito humano e os progressos do pensamento. Attendendo

(1) Do desenho nasceu a escripta ideographica, onde as ideias eram representadas por uma imagem — immediata, ou metaphorica; a ideia era *desenhada*, tão approximadamente quanto possivel. No copta primitivo, o sol era um disco... a ideia de “realesa” — uma vespa, de azas erguidas, com o seu perfil pomposo... a “sede” — um boi correndo ao lado de linhas sinuosas, figurando as vagas de um regato... Nessa escripta mesma, os signaes graphicos se foram associando directamente aos sons. Depois, veio a escripta phonetica, correspondente necessario da linguagem symbolica e abstracta.

a isto, não pôde parecer estranho, por conseguinte, que os signaes verbaes tenham tido origem nos gritos interjectivos e nos sons onomatopaicos, e que diferentes linguas se apresentem com os vocabularios riquissimos que possuem. Essa grande riqueza se constituiu por formação derivada. As linguas mais ricas e mais cultas — as indo-européas — são, justamente, as que patenteiam de modo completo a evolução da linguagem. Está demonstrado, hoje, que o vocabulario de todas essas linguas deriva, de um modo geral, de cem ou cento e cincoenta palavras primitivas, cujos traços se encontram em todos esses idiomas, sob a forma de raizes irreductiveis. Uma dessas palavras originaes, por exemplo, corresponde á raiz *spec*, "spic"... que se liga á ideia geral de *ver*. Em latim, ella tomou a forma de "specio". Pois bem, derivadas dessa raiz temos em portuguez centenas e centenas de vocabulos, desde "speculum", "espelho"... até "circumspecção": espectáculo, respeitavel, espião, suspeição, especulação, especie, episcopal, peito, aspecto, conspicuo, inspecção, perspectiva, respeito, expectativa, prospecto, espectro... A lista é muito mais longa. A cada um desses termos se liga toda uma familia de palavras. E' facil imaginar, portanto, todo o vocabulario que se formou tendo como ponto de partida o signal original ou primitivo — *spec*.

14. Em todo idioma ha a considerar: a syntaxe e o vocabulario. A syntaxe é o formulario de ordem ou de disposição dos termos, e corresponde, de modo directo, á propria organização do pensamento. Ha uma marcha normal e necessaria no arranjo e no seguimento das representações que concorrem nos juizos, ha uma correspondente ordem nas palavras, que se dispõem segundo a successão das associações: *O homem vinha a correr, e cahiu no barranco... Setecentos soldados, armados e municiaados, investiram contra o fortim, atacando-o por tres lados...* A forma da exposição verbal é, aqui — *syntaxe e ordem de representações*. Dos mesmos gestos do surdo-mudo,

póde-se dizer que têm a sua syntaxe, sem o que não poderiam ser interpretados.

O vocabulario é o repositório dos valores symbolicos da lingua. A disciplina grammatical tanto se refere á syntaxe, como ao vocabulario; mas tanto uma cousa, como a outra, desenvolve-se e modifica-se, ou evolue. As modificações de ordem syntactica têm sempre causas psychologicas, e se fazem como consequencia da evolução geral do pensamento. A queda da syntaxe synthetica, e a substituição do latim classico pelas linguas analyticas que a elle se filiam, no occidente europeu, tiveram como causa principal a orientação pesquisadora e critica que se impoz ao pensamento humano, levando os espiritos a attender, de modo bem explicito, a essas relações incluídas nas flexões causaes. Com isto, destacaram-se ellas nitidamente na consciencia, isolaram-se pelo processo natural de abstracção, e tornaram-se representações distinctas, mais livres e valiosas que as simples relações inclusas.

A evolução do vocabulario consiste, por sua vez, em: aquisição de termos novos, e modificações dos vocabulos existentes.

15. A multiplicação dos vocabulos corresponde de modo immediato a razões de ordem mental. Os termos novos surgem para symbolisar as novas ideias que se formam. Como se adquirem as ideias, assim se adquirem as palavras. Quer dizer, só se cream palavras na medida em que se cream ideias, e estas se formam acompanhando naturalmente o processo de formação daquellas. As ideias novas nunca surgem como novidade absoluta; ellas derivam necessariamente do cabedal intellectual já existente; resultam, por desenvolvimento natural, de outras já symbolisadas e de uso corrente. Entre as noções usuaes se formam aproximações, combinações, associações... que dão lugar a novas syntheses mentaes abstractas; são as ideias novas, que correspondem, então, a novas formulas de relações entre os seres e as cousas. Os

seus symbolos formam-se tambem por *derivação*, *combinação*, *associação* ou *juxtaposição* de termos existentes. Havia a ideia de — distancia (*telos*) e a de *graphar*: quando surgiu a ideia de — *graphar á distancia*, para symbolisal-a, formou-se a palavra — *telegrapho*. Muitas vezes, surge uma ideia que vem intervir nos mais altos pensamentos humanos, no entanto, não chega a receber uma dessas designações syntheticas; foi o que aconteceu com a genial concepção de Newton — a *attracção universal* e com a ideia central na theoria de Darwin — a *selecção natural*. Ordinariamente, é a propria consciencia creadora da ideia que lhe dá o symbolo, como fez Augusto Comte com as ideias originaes que formulou. Mas, ás vezes, surge a ideia, e só mais tarde vem a ter designação propria. Evidentemente, a ideia de — sentimentos contrastantes com os do egoismo — já existia desde muito tempo; mas foi Comte quem a firmou no termo *altruismo*. Num grande numero de casos, ideias novas tomam denominações existentes, de cousas que com ellas se associam: *ambição* era primitivamente, em latim, o “passeio em torno”. . . Os individuos que, na antiga Roma, desejavam obter os suffragios para os cargos publicos faziam esse passeio em *torno do Forum*; surgiu a ideia de — desejo de alcançar altas posições, e a denominaram de — *ambição*. E’ por uma transposição analoga que *forum*, sendo a mesma palavra que *feira*, significa hoje, para nós — local onde se distribue a justiça. Teremos de tratar ainda dessas substituições na significação dos vocabulos.

16. No commercio normal das ideias, quando ellas se transmittem, é com o respectivo symbolo; por isso, em todo idioma, encontram-se termos que não são vernaculos, isto é, que não são da propria lingua, como — *cheque*, *alfazema*, *chá*, *nickel*, *chic*. . . em portuguez, para onde taes palavras vieram com as respectivas ideias. Muitas vezes, recebendo do estrangeiro uma ideia, prefere-se dar-lhe um symbolo tirado do vernaculo, por derivação propria, como se a ideia fosse tambem propria; tal succedeu em por-

tuguez com as ideias de telegrapho, automovel, socio-genese... que são palavras portuguezas, ao passo que *wagon*, *debuture*, *sport*... são termos importados. As modificações propriamente ditas do vocabulario, ou são variações na significação e no valor dos termos, ou são alterações na sua composição phonetica. As primeiras correspondem sempre a determinantes mentaes; as segundas são ligadas geralmente a causas physiologicas, mas pôdem ser de ordem mental, tambem. A modificação no valor symbolico dos termos se faz no sentido de associações naturaes e frequentes, quando surge uma ideia nova (ou mesmo sem essa condição de novidade); vemos, então, uma palavra passar, em virtude de uma destas associações, a uma ideia inteiramente distincta, sinão differente, daquella a que ella estava primitivamente ligada. *Explorar*, *peculio*, *explosão*... mudaram assim de significação no latim, como *ministro*, *ministerio*... passaram a ter um outro valor vernaculo, em portuguez (1). No falar brasileiro, *capoeira* tem significação que lhe falta originariamente no portuguez. As alterações de pronuncia (e de graphia, por consequente) obedecem a motivos geralmente organicos — necessidades de euphonia, economia de esforços na articulação e na emissão dos sons (lei do “menor esforço”). E é assim que essas alterações têm um regimen preciso dentro de cada idioma. No portuguez, é característica a substituição do grupo *pl*, do latim, pelo *ch* — *chuva*, *choro*, *chumbo*... Esse pro-

(1) “Explorar” significa litteralmente — *chorar fora*.. Os que se apresentavam aos tribunaes romanos, pedindo justiça, mostravam-se naturalmente chorosos, e a ideia desse “choro em publico”, se associou a essa outra — das indagações necessarias para apreciar a exactidão da queixa. Assim, *explorar* passou para a linguagem judiciaria com a ignificação de *investigar*, e daí se estendeu ao vocabulario geral, com esse valor exclusivo, de tal sorte que, hoje, essa palavra, si faz lembrar a ideia de choro, é por um caminho que a põe como que em opposição com a sua primitiva significação: a exploração passou, de investigação a aventura, de aventura a extorsão mais ou menos disfarçada, mas, em todo caso, podendo fazer chorar a victima...

cesso de suavisação da pronuncia, estende-se a outras articulações em *L*, como — *mancha, egreja...* Ha abrandamento e suavisação na substituição do *c* pelo *i*, ou pelo *u* — *doutor, peito, noite...* e nas alterações de que resulta a eliminação dos esdruxulos — *pardo, treva, terrivel...* A lingua franceza eliminou de modo completo todos os esdruxulos. Algumas vezes, no emtanto, a alteração phonetica se faz por motivos psycholgicos, como acontece com a palavra *bagagem*, importada do francez, e que, no vernaculo portuguez, tomou a fórma que é commum a todas oriundas do latim, ou formadas por derivação com o suffixo *agem* — *sondagem, rodagem, imagem* (1).

(1) Ha coincidencias de alterações — phoneticas e symbolicas, que mudam quasi completamente a essencia do vocabulo; tal acontece com: *prumo, chão, piano, homizio, misier* (na phrase — é mis-ter)... são expressões que, tanto no significado, como na sonoridade, já se afastaram muito da sua origem.



Affectividade

CAPITULO XV

CARACTERES GERAES DOS FACTOS AFFECTIVOS

Polarisação affectiva. — Diferenciação da sensibilidade: sensação e afeição. — Co-existência de representações e afeições. — Distincções entre os estados affectivos. — Passagem do agradável ao desagradável. — Relatividade dos estados affectivos.

1. As excitações nervosas que repercutem na consciencia têm um duplo effeito: dão logar a representações que se coordenam em conhecimentos, e affectam a sensibilidade numa formula subjectiva de — *agradável* ou *desagradável*, isto é, de dor ou prazer, mais ou menos accentuado. Os factos que resultam dessa tonalidade subjectiva dos estados de consciencia formam o dominio da affectividade: são "estados affectivos", e correspondem, na realidade das nossas relações, á conveniencia, ou á inconveniencia, das impressões recebidas, e das excitações que se desenvolvem. Quer dizer: nas manifestações affectivas, nós temos a consciencia dos nossos interesses immediatos. E' bem de ver que não poderíamos ser indifferentes ás impressões que recebemos, e aos processos subsequentes que se impõem á consciencia, porque a realisação da vida e a sua conservação dependem, de modo absoluto, das nossas relações com esses agentes

e influencias que nos impressionam. Aliás, a situação é a mesma para todos os outros seres vivos, desde os *typos* mais simples. E' propriedade essencial da materia viva, é condição absoluta de vida — a *irritabilidade*, isto é, a capacidade de accusar activamente a recepção das impressões. O mais rudimentar dos viventes — a *ameba*, impressionada, manifesta a sua irritabilidade por meio de attracções, ou repulsas, quanto ao agente que a impressionou. Nos organismos superiores e complexos, essa propriedade essencial se differencia em — *sensibilidade e motilidade*. A sensibilidade é a manifestação inicial da reacção psychica integral, e corresponde — á recepção da impressão, e ás suas consequencias na actividade nervosa. A motilidade é o ultimo termo da reacção. Analysada na consciencia essa primeira phase da reacção psychica, distinguimos: aspectos que traduzem as condições do agente impressionante, e que são de certo modo objectivos, constituindo os elementos do conhecimento; e aspectos subjectivos, que traduzem immediatamente, como dissemos, a conveniencia, ou a inconveniencia, da impressão recebida. Esses factos nos fazem comprehender que, por sua vez, a sensibilidade se differencia, na consciencia, em representações — *objectivas* — e affeições — *subjectivas*. E' como si dissessemos: a intelligencia é, em si mesma, um aspecto ou um modo de ser da sensibilidade, em correspondencia com as condições objectivas dos agentes que nos impressionam, ao passo que a affectividade é o aspecto subjectivo da nossa sensibilidade.

2. Em physiologia, esta expressão — sensibilidade — tem um valor muito preciso e justo: é a capacidade de sentir ou de ser impressionado. Ella engloba todos esses processos intimos que só se differenciam na consciencia, porque, em verdade, a physiologia, adistricta ao exame dos factos tangiveis, só conhece na vida de relação — *sensibilidade e movimento*. Para ella, os estados intermediarios entre a recepção da impressão e a reacção motora, são pro-

cessos de plasticidade, de systematisação nervosa, e de transformação das excitações sensoriaes em estímulos motores. Por isso mesmo, torna-se muito geral e vaga, em Psychologia, a expressão — sensibilidade, pois que a ella se ligam os estados affectivos e os factos sensoriaes, que também são — processos ou modos de sentir, e que constituem, no emtanto, os processos elementares do conhecimento. Convém, por conseguinte, não deixar crear-se confusão entre “sensibilidade”, que é uma propriedade essencial na actividade nervosa, e *affectividade*, que o aspecto subjectivo dos factos sensíveis, quando apreciados na consciencia. Repetimol-o: dada uma impressão, manifesta-se a sensibilidade, e si a excitação resultante se propaga até os centros corticaes, a isto se seguem, como effectos da sensibilidade: representações ou distincções de ordem objectiva, e repercussões subjectivas, que são como que attracções ou repulsões, definidas na consciencia pela tonalidade agradável... ou desagradável... E a isto se reduz, em essencia, a vida affectiva. Nem poderia ser de outro modo, porque, como o dissemos, as suas manifestações correspondem, de modo geral, á conveniencia ou inconveniencia das impressões e excitações que repercutem na actividade cerebral. Dest’arte, o característico da affectividade é justamente esse — estar contida nas duas formas elementares: dor e prazer. Quem sente, sente sempre um *quê* de agradável, ou de desagradável. Diz-se, então: a vida affectiva está rigorosa e absolutamente polarisada entre as formas — dor... prazer, e é necessariamente uma modalidade de pena, ou de gozo. Dahi não é possível sahir, porque a tonalidade do sentir resulta das variações — de mais ou de menos — nas possibilidades que se offerecem para a realisação da vida. O prazer é a consciencia da actividade vital nas suas diferentes solicitações; ao passo que a dôr surge com o embaraço que se oppõe a estas solicitações, e é a consciencia de uma parada da propria actividade vital. Por isso mesmo, póde a dor apresentar-se com o caracter geral — o mal-estar de

uma infecção generalizada... o tédio absoluto; mas o prazer é sempre específico, e referido a uma forma determinada de satisfações. O estado de saúde physica, o equilibrio moral e mental, não se accusam na consciencia como prazeres positivos. Não ha prazeres geraes. Ha, quando muito, a sensação frustra de bem-estar.

3. Um outro caracter geral dos factos affectivos é que elles não chegam, nunca, a formar a totalidade da consciencia. Quer dizer: não ha estados de consciencia que sejam exclusivamente — *dôr*... ou *prazer*. A mesma cousa poderíamos afirmar quanto aos factos representativos; e quando, na linguagem psychologica, se oppõem estados affectivos a estados representativos, é simplesmente para distinguir as formas de consciencia onde *predominam*—ou aquelles, ou estes. No entanto, em certas mentalidades, habitua-das longamente ás elaborações complicadas do alto pensamento, ha phases de quasi absoluta neutralidade de consciencia, isto é, em que a consciencia se occupa, apenas, de conhecer. Em todo caso, o começo, ou o fim, desses longos processos mentaes se liga, de certo modo, a motivos affectivos. Quanto aos estados affectivos elementares, estes são, absolutamente, improprios para occupar a consciencia de um modo exclusivo (1). São tonalidades ligadas sempre a um objecto, que é a propria representação da causa — sensação, ou ideia. Por outras palavras: quando *sentimos*—prazer ou dôr, temos sempre a noção de que sentimos qualquer cousa, numa séde determinada, devido a uma causa qualquer. O ponto de partida do estado affectivo é, ao mesmo tempo, um facto ou um elemento *representativo*. Convém assignalar, todavia, que ha uma qualquer compensação na concorrência dos elementos affectivos e dos representativos, que se podem encontrar nos estados de consciencia: quanto maior é a importancia dos dados representativos, mais fraca é a tonalidade affectiva. Esta rela-

(1) Salvo nos casos de melancholia morbida.

ção se accusa de modo bem patente na gradação affectiva das sensações: os sentidos que mais concorrem para a vida mental são pobres de tonalidade. A visão propriamente dita ou perceptiva, o tacto de conhecimento, a audição commum, as representações cinesthesicas, são quasi neutras, ao passo que têm um valor essencial para o conhecimento; a generalidade das sensações internas, a olfacção, a gustação, de pouca importancia para a vida intellectual, são sempre de uma tonalidade affectiva muito viva. Verifica-se, deste modo — que a predominancia dos elementos representativos é mais exclusiva que a dos elementos affectivos.

4. A vida affectiva é absolutamente limitada á escala — agradável-desagradável; mas isto não quer dizer que, em consciencia, não façamos distincções entre os nossos estados affectivos. As distincções se formulam, necessariamente, de modo natural, e dimanam justamente da circumstancia a que acima nos referimos — de que os estados de consciencia nunca se formam exclusivamente de elementos affectivos. A estes se associam, sempre, dados representativos. Ao mesmo tempo, occorre que as manifestações affectivas — dôres, ou prazeres — correspondem de modo immediato ás sollicitações e exigencias da propria vida; ora, no homem, essas sollicitações se definem, bem explicitamente, em formas diversas, e com o vigor da energia vital. Nestas condições, as distincções que necessariamente fazemos entre as sollicitações e necessidades, accusadas na consciencia como pendores, servem, *ipso-facto*, para definir os proprios estados affectivos que a ellas se ligam. E é por isso que não obstante se limitarem ás formas essenciaes de — *dôr* e *prazer*, os nossos estados affectivos se differenciam ou se distinguem perfeitamente uns dos outros: pelas representações e os objectos mentaes que a elles se associam, e pela natureza dos pendores ou das necessidades vitaes a que se referem. O prazer que acompanha a audição de uma symphonia é — prazer

auditivo e é “goso esthetico”; o doce de uma iguaria é prazer de repasto e é *sabor* agradável. Do desprazer causado por uma dissonancia, poderíamos dizer justamente o opposto do que dissemos quanto á harmonia. Convém assignalar que as distincções nos estados affectivos desagradaveis são menos nitidas ou diferenciadas, em geral, que nos prazeres, não só quanto ás excitações sensoriaes que as determinam, como quanto ás tendencias a que correspondem. A dôr, como embaraço ou lesão que é, tende naturalmente a tomar um character generalizado; ao passo que o prazer — realisação ou satisfação de solicitações explicitas, guarda sempre o seu character especifico. Quer dizer: quando distinguimos o “goso de uma melodia”, do “prazer do exercicio muscular”, apreciamos bem as differenças, tanto do ponto de vista das tendencias ou solicitações naturaes a que elles correspondem — tendencias estheticas... necessidade de acção... como do ponto de vista das respectivas imagens sensoriaes a elles associadas; ao distinguirmos o penoso do “ranger do vidro” e o da “immobilidade forçada”, a caracterisação é menos nitida, quanto á natureza das necessidades naturaes que são contrariadas. Todavia, para estabelecer uma discriminação methodica dos estados affectivos, é indispensavel discernir e caracterisar as solicitações ou tendencias naturaes a que elles se ligam. Antes disto, porém, convém analysar as condições de transição, na consciencia, do tom agradável ao desagradavel.

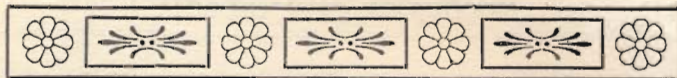
5. Dôr e prazer não são, apenas, as duas qualidades elementares das manifestações affectivas: são tambem, como vimos, os pólos da escala dentro da qual se pronuncia toda a nossa actividade affectiva; são tonalidades oppostas, separadas por uma gradação natural. E como essa gradação depende de condições subjectivas, verifica-se que, muitas vezes, uma mesma impressão se acompanha de tonalidades que passam gradativamente do — prazer á dôr. Tal acontece quando fazemos persistir sobre a lingua a im-

pressão de assucar: o *doce* é a principio *agradavel*, mas torna-se, finalmente, *desagradavel*. Em que consiste essa passagem? Qual a verdadeira forma da transição?... Não é uma simples substituição momentanea; isto nos diz a consciencia, pois que não ha dous momentos contiguos, em que os tons affectivos sejam nitidamente oppostos. Então, formularam alguns psychologos a hypothese de que — a passagem se faz por um decrescimento gradativo do prazer, á medida que a saciedade e a fadiga se vão pronunciando, até o ponto de extinguir-se completamente; começa, então, uma dôr de intensidade minima, e que vae crescendo, gradativamente tambem, até se tornar insupportavel. Esse ponto, ou esse momento, em que se extingue o prazer e começa a dôr, será como que um *zero affectivo*, analogo ao zero de temperatura, no dominio sensorial. Tanto vale dizer: esses psychologos admittem que haja estados affectivos neutros ou nulos, isto é, em que, *affectada* a consciencia, não é — nem dôr, nem prazer, o que ella sente. *A priori*, já se pôde affirmar que não deve ser assim. Essa hypothese admitte que ha um momento em que, havendo estado affectivo, isto é, em que “havendo na consciencia um *sentir*, não é — nem dôr, nem prazer, o que se sente.” Além disto, empiricamente, reconhecemos que não é assim que as cousas se passam, e que, nessa transição — *agradavel-desagradavel*, não ha nenhum momento em que a tonalidade prazer, ou dor, se dissipe na consciencia. Bem analysados os factos, verifica-se que a passagem se faz por uma *superposição*, na consciencia, de uma dor crescente, a um prazer decrescente. Concretamente: a tonalidade inicial da impressão de assucar é *agradavel*; mas desde logo começa, com o exercicio do aparelho sensorial, uma qual fadiga, que se vae accentuando de mais em mais, e que se pronuncia na consciencia como tom *desagradavel*, coexistindo com o prazer do *doce*. Então, simultaneamente, devido á saciedade, diminue o *agradavel*, e cresce o *desprazer* devido á fadiga que se accumula, até o momento em que a dôse

de prazer e de dôr se equivalem: é o *ponto* que corresponde ao chamado "zero affectivo". Em verdade, nesse momento não ha indifferença pela impressão, e sim, uma equivalencia de agradável e desagradável; quer dizer, a tonalidade de dôr não annulla a tonalidade prazer, contrabalançam-se as duas, mas coexistem, e nós as sentimos de modo confuso. Depois, accentua-se o elemento desagradável, que continua a crescer, enquanto a tonalidade agradável se reduz de mais em mais. E' essa coexistencia, de dôr e prazer, que os psychologos do *zero affectivo* regeitam, não admittindo que, num mesmo estado affectivo, possa haver elementos oppostos; ora, a interpretação dos sentimentos moraes complexos, como a *saudade* e o *ciúme*, seria absurda, si lhes não reconhecessemos a coexistencia de elementos affectivos de tonalidades oppostas — dôres que, num mesmo momento, se oppõem a prazeres. Devemos, pois, admittir que a consciencia affectiva pôde ser ao mesmo tempo agradável e desagradável.

6. A vida affectiva é toda pessoal, subjectiva pela sua essencia mesma, pois que ella engloba os differentes aspectos segundo os quaes se manifesta a conveniencia, ou a inconveniencia, das impressões e excitações que affectam o organismo. No *sentir*, accusa-se formalmente a correspondencia das condições pessoas com as influencias que interessam á realisação da vida, em cada individuo; a afeição é sempre relativa. No emtanto, ha categorias de influencias que produzem, geralmente, o mesmo effeito sobre todas as sensibilidades, e têm uma significação affectiva de character objectivo. Tal acontece, já o assignalámos, com os amargos — sempre desagradáveis, assim como as dissonancias, os máos odores... Em compensação, possui o doce um valor affectivo agradável, assim como os accordes musicaes, e algumas outras qualidades sensoriaes. Cumpre notar, porém, que a compensação — entre o valor objectivo dessas duas ordens de excitações sobre a affectividade senso-

rial — não é perfeita: as de valor subjectivo desagradavel são, effectivamente — sempre desagradaveis; ao passo que as excitações agradaveis se podem tornar — desagradaveis. Todos esses factos se explicam facilmente, sem contradizer a necessaria relatividade da vida affectiva. Si ha excitantes que são geralmente desagradaveis, é porque a organização nervosa apresenta uma perfeita analogia em todos os individuos. O sensorio tem, já o vimos, um character de defesa. Ha influencias que são nocivas para todos os organismos, e são, naturalmente, desagradaveis a todos: as temperaturas excessivas, os choques, as lesões... Os amargos têm uma significação equivalente: os venenos vegetaes são geralmente amargos; de sorte que, por selecção natural, elles adquiriram esse valor subjectivo — desagradavel. Os assucarados, que são sempre bons alimentos, adquiriram, pelo mesmo processo, uma significação affectiva opposta. Mas, como a repetição de uma excitação acaba fatigando o órgão sensorial, a persistencia do doce degenera em desprazer. Quando tivermos de tratar das affeições etheticas, voltaremos ao assumpto.



CAPITULO XVI

NATUREZA E CAUSA DOS ESTADOS AFFECTIVOS TENDENCIAS E INCLINAÇÕES

Caracterisação das solicitações vitais. — Diferenciação affectiva, segundo a natureza das solicitações. — Affectividade physica e affectividade idealizada. — Tendencias de conservação e tendencias de expansão. — Discriminação das tendencias egoistas. — Estados affectivos sensoriaes-organicos. — Causa e natureza nas affeições sensoriaes-organicas. — Estados affectivos sensoriaes externos. — Polarisação affectiva nas manifestações de character organico. — Compensação — dôr-prazer.

1. Já tivemos occasião de assignalar que os estados affectivos traduzem, segundo as necessidades e solicitações do proprio viver — a conveniencia, ou a inconveniencia, das impressões que recebemos, e das excitações que em nós se produzem. Elles correspondem, por consequente, ás possibilidades — positivas ou negativas, isto é, ás facilidades ou os entraves, que se nos offerecem na realisação da vida. Mas a vida se *realisa* como uma actividade que *tende a conservar-se e a expandir-se*; é neste sentido que ella se affirma, e é neste sentido que, na consciencia, se definem os nossos chamados — interesses vitais. Desta sorte, em torno desses interesses se desenvolve toda a nossa affectividade. Ao mesmo tempo, succede que, na sua necessidade de expansão e de conservação, a energia do viver se manifesta por diferentes formas de solicitações, a que chamamos de — *appetites, pendores, tendencias, inclinações*. . . Deste modo, o acto de rea-

lizar qualquer parcella da vida equivale a satisfazer a um desses pendores ou appetites. Por outras palavras: a necessidade de viver se formula na consciencia com o character de exigencias especificas, cuja satisfação se impõe á nossa sensibilidade de um modo mais ou menos vigoroso, e determina, então, as manifestações affectivas. A consciencia distingue e reconhece as diferentes necessidades e exigencias — *appetites* e *pendores*, e, com isto, distingue e reconhece os estados affectivos que a elles se ligam.

2. Em verdade, a nossa sensibilidade está diferenciada quanto á natureza das solicitações intimas da vida, como o está relativamente ás condições dos agentes impressionantes. Distinguimos o que nos interessa no mundo exterior, e distinguimos os nossos proprios interesses. E exprimimos o facto dizendo — que a nossa affectividade está discriminada e caracterisada nas tendencias que nos animam, e cuja satisfação corresponde á realisação explicita do viver. Nestas condições, quando recebemos uma impressão, ou quando uma representação qualquer se impõe á nossa affectividade, é sempre com o character de um despertar de appetites ou tendencias. Os estados affectivos se pronunciam, de facto, como verdadeiras *manifestações* de appetites, pendores e inclinações. Assim, distinguem-se elles, não só pela *causa* — que é a excitação sensorial ou representativa, que lhes está associada na consciencia, como pela *natureza*, que é o character da tendencia solicitada. As tendencias vêm a ser, por conseguinte, as exigencias intimas em que se concretisa a energia vital do individuo; são ellas, que determinam e definem a natureza dos estados affectivos. A combinação dos dous factores — causa e natureza — permite-nos caracterisar todas as modalidades geraes de manifestações affectivas; mas, desde que a natureza dos estados affectivos é, por sua vez, determinada pelas tendencias, para discernir e classificar aquellas, é indispensavel discriminar e caracterisar a estas. Por outras palavras: quanto á natureza, a classificação dos estados

affectivos se faz pela classificação e caracterisação das tendencias que os determinam.

3. Uma das distincções mais geraes na affectividade é a que a distribue nos grandes grupos: *dôres e prazeres physicos... dôres e prazeres moraes*. Hofding procura tornar mais precisa a separação, chamando aos primeiros de — *sentimentos inferiores*, e aos outros, de *superiores* ou “*ideaes*”; e carecterisa a distincção “...na differença que ha em que um sentimento seja determinado pelas sensações ou pelas representações”. Isto é, elle attende simplesmente á causa, mas institue uma differença que é tambem de natureza. Esse criterio, que é geralmente acceito, torna-se falho, tanto que podemos objectar, concretamente: “O estado affectivo ligado á audição de uma symphonia é bem rigorosamente determinado por sensações, ao passo que o *desejo de comer*, despertado pelo — ouvir falar em almoço... é determinado inicialmente por uma representação; no emtanto, ninguém considera a este ultimo — um *sentimento superior* relativamente ao primeiro. O defeito dessa distincção geral provém de indicar-se o character e o valor do estado affectivo como resultado exclusivo da respectiva causa, sem tomar em consideração a natureza da tendencia que nelle se manifesta. Ha, certamente, uma relação necessaria entre natureza e causa; ha tendencias que se movem por certas ordens especificas de causas, mas, para fazer uma discriminação intelligivel e racional dos estados affectivos, é mistér distinguir, em primeiro lugar, as tendencias que os determinam, e, então, estudar o mecanismo das causas a que elles se ligam. Não ha duvida que as causas são sempre — ou de ordem simplesmente sensorial, ou de character representativo; mas a sua significação varia muito segundo se trata de umas, ou de outras tendencias. De modo geral, consideram-se como *sensoriaes* ou *physicos* os estados affectivos ligados a causas exclusivamente sensoriaes; e *ideaes* aquelles que derivam de representações mentaes. Neste caso, é

preciso não confundir a expressão — *ideal* com a expressão — *moral*, porque um estado affectivo de natureza inferior e organica, póde ser determinado por uma ideia: póde ser ideal, sem ser moral. E' por isso mesmo que se torna necessario insistir na analyse — quanto ao mecanismo das causas em relação com a natureza das tendencias, porque só deste modo é possível caracterisar as especies de estados affectivos.

4. Logicamente, devemos distinguir e dividir as tendencias humanas em: tendencias de simples *conservação* da vida, e tendencias de *expansão*. As primeiras fazem gravitar o individuo para os seus interesses pessoas e exclusivos; são as tendencias caracterisadamente *egoistas*. As segundas projectam o individuo, e attrahem a sua actividade, para outros seres, e o fazem sympathisar com o sentir alheio. São as tendencias *sympathicas* ou altruistas. Por sua vez, as tendencias egoistas se distinguem em *appetites*, ou tendencias á satisfação de necessidades organicas; e *tendencias idealisadas*, isto é, cujas satisfações se definem de ideias. As tendencias de expansão ou sympathicas manifestam-se, geralmente, com o caracter ideal, isto é, tendo como causa representações. Ha appetites ligados a essas tendencias, mas as suas manifestações espiritualisam-se ou idealisam-se desde logo, de sorte que, como appetites puros, elles não têm na vida affectiva do homem normal a importancia distincta que têm os appetites ligados á conservação da vida individual. Tudo resumindo: as nossas tendencias se distribuem em dous grupos geraes — tendencias de conservação, e tendencias de expansão; por sua vez, as tendencias de conservação se distinguem em — appetites organicos e tendencias idealisaveis. Quanto ás tendencias de expansão, essas tomam geralmente o aspecto de pendores ideaes.

5. Esta discriminação das tendencias faz comprehender de modo completo a distincção entre manifestações *inferiores* da affectividade e manifestações *su-*

periores, e assignala, com precisão, a relação natural entre os estados affectivos sensoriaes ou physicos, e as chamadas manifestações inferiores. Já tivemos occasião de ver que estas duas ordens de expressões: *sensoriaes* — *inferiores* e *ideaes* — *superiores* não são equivalentes; a distincção *sensorial* — *ideal* é puramente psychologica, e deriva da causa, ao passo que a formula: *inferiores* — *superiores* se liga á natureza, e corresponde, de certo modo, a uma apreciação moral. Em psychologia, quanto á natureza, os estados affectivos tomam a designação das proprias tendencias a que se ligam: *tendencias* — *egoistas-defensivas*... sentimentos — *egoistas-defensivos*... Devemos assignalar, no emtanto, que geralmente se consideram como *inferiores* as manifestações de natureza egoista, principalmente as que traduzem directamente os appetites organicos, porque são as mais simples, e as que mais cêdo se impõem á consciencia. Então, do ponto de vista da elucidação psychologica, essa expressão *inferior* tem a significação de *primitivo*. Realmente, os appetites são exigencias essenciaes e primitivas. Por sua vez, os appetites se definem pelas necessidades physiologicas a que correspondem.

6. O character de affectividade physica ou sensorial se determina rigorosamente pela causa. São *sensoriaes*, por definição, os estados que resultam immediata e directamente de sensações, independentemente de qualquer interpretação ou associação intellectual: o agradável de um *perfume*... o desagradável de um *sabor*... o prazer de uma *melodia*... São *ideaes* ou representativos os estados affectivos que resultam de uma excitação symbolica associada, e que presuppõem interpretação cognitiva. Um harpejo affecta-nos a sensibilidade, e um gemido tambem nos affecta; mas, ao passo que os sons musicaes nos agradam pelos puros attributos sensoriaes — sonoros, o gemido nos commove e penalisa pela sua significação symbolica — pela ideia de soffrimento que a elle se associa. Um simples colorido — que seja o classico

ouro sobre azul... dará um prazer exclusivamente sensorial; mas a percepção de um quadro produz estados affectivos ideaes, porque ali as sensações se combinam em syntheses representativas e evocativas. Em tal caso, o estado affectivo pode ligar-se a uma percepção, ou a uma simples evocação, num acto de memória: o prazer de ouvir a voz de um amigo... o desgosto ao lembrar um medicamento que deve ser ingerido. O curso de um pensamento qualquer me traz a ideia da guerra actual, e sinto *pena*... vejo o retrato de alguém que me calumniou, sinto *magoa*... ouço um gemido, sinto *compaixão*... ouço o chamado para a mesa, sinto *satisfacção*...

7. Em todos esses casos, temos estados ideaes, si bem que de natureza differente. Devemos reconhecer tambem que a significação e o valor da causa representativa são bem diversos quando ella se refere a tendencias organicas ou appetites, e quando se refere a tendencias de ordem propriamente ideal. Essas tendencias, quer sejam egoistas, quer sejam sympathicas, dão lugar sempre a estados affectivos directamente relacionados com a vida moral; então, consideram-se ideaes, porque taes estados affectivos têm necessariamente como causa um valor mental. Qualquer que seja a situação em que surja o odio, a compaixão, o despeito, a ambição... taes manifestações se ligam a uma representação mental, e têm repercussão directa sobre a moralidade. Em qualquer dellas, o factor *causa* se distingue nitidamente do factor *natureza*, e, tanto um como o outro, caracterizam-se bem nitidamente: o motivo do despeito... o caracter odiento do respectivo sentimento... são valores que se assignalam com todo o vigor.

No dominio da affectividade organica, a distincção entre causa e natureza é menos nitida, e por isso mesmo o valor ou papel das causas ideaes é differente. A esse proposito, convém assignalar — que os estados affectivos ligados aos appetites correspondem, como causa immediata, a sensações internas. Por essa razão, é preciso distinguir, então, nelles, a causa affe-

ctiva e directa ou immediata, da causa occasional, indirecta ou symbolica. Então, a *causa* directa se confunde com a propria natureza do appetite: a *dôr* da sede — a *sensação* da sede... são dados de consciencia que se não distinguem; quer dizer — a causa do prazer de beber é o proprio appetite... Mas é preciso notar que esses estados affectivos podem ter uma causa occasional, representativa-symbolica: o desagradavel da fome e o desejo de comer podem resultar exclusivamente da sensação de *fome*, produzida espontaneamente como reflexo devido á vacuidade do estomago; ou podem ser despertados pela vista de uma iguaria, ou por ouvir falar em refeição... Num caso e no outro, a manifestação affectiva teve como causa immediata a sensação de fome, sem o que, fôra impossivel sentir-lhe o desprazer e o desejo de comer. Mas, no primeiro caso, a sensação pura constitue o elemento inicial, e é o facto dominante na consciencia de todo o processo affectivo; ao passo que, no segundo caso, o processo tem como ponto de partida e factor característico uma representação — imagem, ou ideia, que desperta o appetite, evocando as respectivas sensações. Nestas condições, taes sensações, que não são productos de impressões formaes, têm um character como que ficticio, ou, pelo menos, muito attenuado, porque o que domina na consciencia é a causa indirecta e occasional — a representação evocativa. De todo modo, os estados affectivos correspondentes aos appetites são sempre inferiores e sensoriaes: — *puramente sensoriaes*, ou *symbolico-sensoriaes*.

8. Ao lado dessas manifestações organico-sensoriaes internas, ha os estados affectivos physicos, ligados ás puras sensações externas: o prazer de uma melodia, ou de um *rhythm*; o desagradavel de um odor deleterio, a suavidade de um contacto... São manifestações que se ligam directamente ás boas, ou más condições, no exercicio do respectivo sentido. Aqui, a causa se define pela forma ou condição da impressão, e a natureza, pela propria qualidade sensorial. O agra-

davel, ou a belleza, de uma melodia ou de um accorde, deriva da relação physica entre os sons successivos (relação numerica nas respectivas vibrações), ou concomitantes, assim como a esthetica de uma combinação de matizes resulta das respectivas relações das côres no espectro. Uma luz só é agradável, ou desagradável, pela sua conveniencia ou inconveniencia ao exercicio do órgão visual. A designação desses estados affectivos sensoriaes externos é a mesma que a dos respectivos sentidos: prazer dos *olhos*... goso *auditivo*... goso *olfactivo*... Dahi resulta que se dá, neste caso, cousa analoga ao que vimos acontecer no dominio da affectividade organica, ligada aos appetites: a causa dos estados affectivos sensoriaes externos se funde com a natureza dessas mesmas manifestações. E' obvio que a causa é rigorosamente a excitação sensorial, e si a natureza se define explicitamente pela qualidade das respectivas sensações, a indicação da causa — um *colorido* agradável, por exemplo, inclue a menção da natureza da respectiva manifestação affectiva. Por conseguinte, devemos considerar esse aspecto — fusão de causa e natureza — como caracter commum á affectividade organica e sensorial.

9. Convém notar que os estados affectivos sensoriaes externos se podem desenvolver tambem por effeito de representações que, por associações directas ou symbolicas, evoquem imagens sensoriaes, evocando no mesmo acto a lembrança de prazeres ou penas relativas a essas mesmas sensações passadas: um amador de musica póde vibrar, ou estremecer comovido, ao perceber o titulo de uma peça cuja audição lhe tenha agradado. Neste caso, ha uma revivescencia do conjuncto no estado de consciencia; ha uma evocação dos dados sensoriaes, e uma como que memoria do movimento affectivo concomitante. Quer dizer — todo o conjuncto acode á consciencia, desde logo, mas de forma muito attenuada; as imagens sonoras lembradas não têm, nem poderiam ter, o vigor das sensações internas que acodem á consciencia, num desses casos — em que o estado affectivo é des-

pertado por uma representação symbolica. No dominio das sensações externas, o papel da representação evocativa é simplesmente o de trazer á consciencia uma imagem—lembrança conservada pela memoria, e sem o valor, por consequente, das imagens immediatas — por excitação dos sentidos; ao passo que no caso das sensações internas — fome ou sede, por exemplo, desde que a impressão é de origem organica, a representação, despertando o appetite, faz produzir-se a propria impressão, ainda que não seja com a intensidade que ella tem quando se produz espontaneamente, como simples manifestação physiologica.

10. Os estados affectivos de natureza organica, e os de ordem sensorial, comprehendem naturalmente outros tantos prazeres, e outras tantas dores ou penas; isto é, a cada appetite e a cada sentido podemos referir estados affectivos agradaveis e estados desagradaveis: *pena da sede... prazer de saciar a sede... prazer de um som musical... desprazer de um som estridente*. Devemos notar, no emtanto, que não ha, no caso, nenhuma compensação completa, nem quanto á forma, nem quanto ao numero dos estados affectivos contrastantes e discerniveis. Em geral, os prazeres organicos (ligados aos appetites) são mais especificos do que as dôres; mas são em numero muito menor. Ha toda uma vasta categoria de dôres — perturbações de funcções, lesões... para as quaes não ha prazeres correspondentes: a *molestia é dolorosa*, mas a saude é neutra e negativa quanto á repercussão na consciencia. Cousa analoga succede no exercicio dos sentidos: ha *qualidades* sensoriaes agradaveis, compensadas por outras *qualidades* desagradaveis; mas, quanto á *intensidade*, as manifestações affectivas são todas de character penoso; um som conveniente como intensidade, é apenas, neutro; muito intenso, elle se torna doloroso. O mesmo acontece em todos os outros dominios sensoriaes. Além disto, toda qualidade sensorial agradável (*dôce... efeitos melódicos...*) pela continuidade se póde tornar desagradável; ao

passo que as desagradáveis são sempre — desagradáveis.

Wundt admite que as affeições simples se desenvolvem, ou se manifestam, em duas outras direcções, além da formula geral — *agradavel... desagradavel*. Essas outras direcções vêm a ser: *irritante... calmante, tensão... allivio*. "Um sentimento individual, diz elle, póde pertencer a todas essas direcções, ou sómente a duas, ou a uma, apenas. E é somente por essa possibilidade que somos capazes de distinguir as direcções assignaladas". Não ha duvida que os estados affectivos podem ser — e são sempre — ou excitantes, ou calmantes. Esta circumstancia, porém, que depende da natureza da impressão ou da excitação, não póde ser assimilada ao aspecto — *agradavel... desagradavel*. Além disto, difficilmente se admite um estado affectivo que seja unicamente excitante ou calmante, sem elementos de dôr ou de prazer. Quanto á direcção: *tensão... allivio*, esta nem chega constituir uma polarisação, porque, em summa, um estado affectivo de *allivio* póde contrastar, não só com o de *tensão*, como com o de *irritação*, e o de *dôr*. Em resumo, as duas *direcções* de Wundt, são, apenas, especificações de dôres e de prazeres, ligados a excitações que têm esses efeitos característicos sobre o systema nervoso.



CAPITULO XVII

AS AFPEIÇÕES SYMPATHICAS

Idealisação das affeições. — Diferenciação das tendencias sob o influxo das representações. — Depuração, multiplicação e definição das manifestações affectivas. — Tendencias egoistas: defensivas e aggressivas. — Origem das tendencias sympathicas; unidade affectiva. — Expansão da vida individual. — Influencia do grupo domestico. — Espiritualisação das tendencias de expansão. — Contraste — egoismo-sympathia. — Riqueza da affectividade sympathica. — Affeições desinteressadas. — Affectividade esthetica. — A actividade artistica. — As affeições sympathicas e a saciedade.

1. A affectividade é, originariamente, a indicação subjectiva, sob a forma de prazer ou de pena, das attracções e repulsas do organismo quanto ás excitações que nelle se passam, e que resultam serem convenientes ou inconvenientes á conservação e expansão da vida. Nas suas formas mais simples e primitivas, os estados affectivos ligam-se immediatamente aos processos sensoriaes, e têm como causa directa a pura sensação. Ao mesmo tempo, occorre que a affectividade se define em tendencias, que correspondem de modo geral aos interesses vitaes do individuo; de sorte que as tendencias originarias e primitivas, caracterisadas nos appetites e exigencias organicas, agitam-se e despertam ao simples choque das excitações sensoriaes. Tanto vale dizer: a affectividade original é toda de ordem organica, e as tendencias que a definem vibram directamente com o choque das pro-

prias impressões que determinam as sensações. Mas, desde que as sensações se synthetizam em conhecimentos, desde que na consciencia se discriminam representações e valores mentaes, essas representações constituem excitações capazes de despertar as tendencias, e tornam-se, assim, causas determinantes de estados affectivos, que tomam, então, o character de manifestações idealisadas. Já tivemos occasião de descrever o mecanismo de estados affectivos que têm como ponto de partida representações. Referiamos-nos (pag. 225) aos casos em que uma ideia, ou uma imagem, pelas suas associações formaes, ou pelo seu character symbolico, tem o poder de evocar a lembrança de sensações, e de, assim, despertar appetites. E' esse o caso mais simples de idealisação dos estados affectivos, idealisação que, aliás, não é completa, porque ha uma intermediação de elementos sensoriaes como causa immediata, si bem que sob a forma de imagens evocadas. Todavia, são muito interessantes essas manifestações, porque constituem uma transição entre a affectividade primaria, puramente sensorial, e os estados inteiramente idealisados.

2. Com o desenvolvimento da intelligencia, no evoluir do espirito, são as proprias tendencias que se desdobram, differenciando-se em "inclinações" que se manifestam sob o influxo directo e exclusivo de representações. Esse facto, que se designa como — *espiritualisação* das tendencias, tanto se observa nas *tendencias de conservação*, como, principalmente, nas de expansão. Estudemol-o em primeiro lugar nas tendencias egoistas, para fazer, então, a discriminação das diversas modalidades com que ellas se apresentam. Accentuemos, desde logo, que — com a "espiritualisação das tendencias" crêa-se na alma humana a capacidade para a vida moral, porque, em verdade, a moralidade se realisa como se fôra uma "escolha decidida entre os estados affectivos", e essa escolha só é possível quando o individuo *conhece* o valor das causas que o fazem sentir, e pôde

apreciar a sua relativa conveniencia, ou inconveniencia. Ora, a espiritualisação e differenciação das tendencias consiste, justamente, nessa intervenção da intelligencia apreciando as manifestações affectivas. Por outras palavras: dizemos que as tendencias se *espiritualisam* e se *sublimam*, quando é possível despertar-as e agital-as com as causas de ordem puramente mental. No dominio dos pendores egoistas e individuaes, isto se realisa graças ao conhecimento que temos dos nossos interesses, e das condições que lhes trazem satisfação. Esse conhecimento se synthetisa em imagens e ideias, e essas representações têm, então, o poder de agir sobre a affectividade como outras tantas causas. A passagem da sensibilidade physica para a moral se faz por uma transição gradativa e natural. A principio, a representação actua como um symbolo ou motivo evocador de lembranças sensoriaes (pag. 225), e é a essas lembranças que o estado affectivo se associa; com a continuação, porém, reforçam-se e tornam-se mais nitidas as representações, podendo, então, associar-se directamente á consciencia das dôres e dos prazeres, e fazel-os surgir immediatamente. Ha uma abreviação no processo affectivo, pela eliminação ou dispensa da evocação sensorial. A affectividade como que se afasta da sua base natural — o sensorio. Ella perde com isto em vehemencia de momento, mas ganha em extensão, porque, com as representações mentaes, cream-se para ella novas causas, riquissimas em formas.

3. A phase mais importante na evolução da affectividade é essa — quando, pelo concurso da memoria e da imaginação, concretisados em representações ideaes, os estados affectivos saem do dominio da pura sensação, e, em vez de se associarem a dados sensoriaes e de se definirem desse modo, definem-se associando-se a objectos mentaes. Isto constitue a differença mais geral entre a affectividade physica e a moral; dahi resultam aspectos novos na vida sentimental, e dos quaes os mais importantes são os seguintes: 1.º, os estados affectivos de ordem ideal são

relativamente menos intensos, porque, definidos numa representação, não podem ter na consciencia a precisão e a nitidez das manifestações ligadas ao exercício dos sentidos; 2º, os estados affectivos ideaes são, por isso mesmo, mais persistentes e mais profundos; 3º, a sua causa determinante toma o character de permanencia, por ser uma imagem ou ideia, incorporada ao cabedal intellectual; isto é, em vez de ser uma simples causa transitoria, é um *objecto* permanente; 4º, dahi resulta a repetição frequente dos mesmos estados affectivos, e, com isto, o reforço das respectivas tendencias; 5º, desde que as manifestações affectivas ideaes se concretisam em representações, surgem novas distincções, definem-se outras ordens de manifestações, e as tendencias se differenciam, então, no sentido dessa *affectividade idealisada*: novos modos de sentir se patenteiam, e as tendencias como que se multiplicam. E' assim que o simples *instincto de conservação* se desdobra em duas ordens de pendores egoistas: de *defesa*, e de *affirmação* ou *agressão*. As tendencias de defesa, de aspecto negativo, correspondem á necessidade de evitar os perigos, e se exaggeram no zelo pela propria pessoa. As tendencias aggressivas, nitidamente positivas, traduzem a necessidade — de obter os meios que garantem a vida, e de desenvolver a plenitude da personalidade. Aquellas enleiam o individuo na — *cautela* e na *prudencia*, e o isolam na *desconfiança*; estas o atiram para a *aventura*, e desenvolvem *ambições*. . . Essa distincção é essencial, e tem uma grande importancia porque dá, desde logo, uma indicação para a definição dos caracteres.

4. As tendencias, que determinam de facto a natureza dos estados affectivos, dão-lhes o nome, e os especificam: *colera*, *odio*, *vaidade*. . . são manifestações que se denominam pelas proprias tendencias donde derivam; mas, muitas vezes, as tendencias se definem e se denominam pelas causas que as revelam provocando os respectivos affectivos: *ambição*, *ava-*

reza, amor das aventuras... são pendores que se diferenciaram sob a influencia de determinadas causas, cuja designação lhes é applicada. As principaes tendências defensivas são: medo, timidez, covardia, desconfiança, rancor, humildade, amor-proprio, avareza, emulação... O egoismo aggressivo se affirma nas tendencias de — vaidade, orgulho, arrogancia, ousadia, ambição, curiosidade, appetite de emoções... Cumpre notar que a avareza, a emulação e o amor-proprio têm um certo aspecto offensivo. As tendencias defensivas correspondem, de modo geral, ao receio das dôres, e alimentam estados affectivos que equivalem a uma perspectiva de penas, porque, em todos elles, ha apurado zelo pela segurança pessoal. Dahi resulta que a ideia do *eu* é uma representação e uma causa explicita em todas essas manifestações, e com isto coincide um certo retrahimento: *não agir, para não arriscar...* Emquanto isto, as tendencias aggressivas, correspondendo a uma perspectiva de gozo e de affirmação pessoal, levam á acção, e têm, muitas vezes, como satisfação, o mesmo *prazer de agir*; então, a *conquista do prazer, a luta pelo poder, a volupia da acção...* sendo os motivos concretos dessa affectividade, têm como objecto representações especiaes. Neste caso, as manifestações affectivas, apesar de serem por natureza egoistas, não determinam aquella obcessão do *eu*, porque o proprio objecto dos estados affectivos como que “projecta o individuo para fóra de si mesmo”, de sorte que, na realisação, essas tendencias se confundem com as tendencias de expansão.

O character permanente que têm as causas nos estados affectivos de ordem ideal lhes dá uma accentuada continuidade, e isto mais conecorre para que faes manifestações — paixões, ou sentimentos — se confundam com as tendencias donde derivam. No entanto, do ponto de vista moral, principalmente, tem muita importancia a distincção. O individuo pôde ser possuido de tendencias ambiciosas, e soffreal-as; ou pôde ser um apaixonado pelo poder e pela riqueza.

No primeiro caso, apesar de existirem as tendências, as manifestações se attenuam muito; ao passo que na segunda hypothese, dando-se plena expansão aos penhores, são os sentimentos, ou as paixões, da ambição que dominam entre as manifestações affectivas.

5. As tendências de expansão formam a base da vida moral e social, e ligam-se também ás necessidades de conservação da vida. Ellas têm como manifestações primitivas — o *amor*, propriamente dito, e a *ternura maternal*; quer dizer, é destas formas instinctivas que derivam todas as tendências expansivas, cuja essência se resume na propria *sympathia*, isto é,—a capacidade de sentir o que affecta os outros, e de vibrar por motivos que não são interesses pessoais. A *sympathia* é como que uma affectividade por imitação. A sua forma mais simples é o terror subito que de nós se apodera quando vemos, por exemplo, uma pessoa a cair sob as rodas de um vehiculo. Essa mesma expontaneidade e vehemencia com que sentimos, em tal caso, demonstra que a agitação *sympathica* é realmente instinctiva. O facto se impõe por si mesmo; e não é essa demonstração o que importa aqui, porque está entendido que ha, na vida affectiva, absoluta unidade, e que toda a affectividade é de base instinctiva. O que importa, no caso, é comprehender — como os estados *sympathicos* se ligam ás condições e ás exigencias geraes da affectividade, que é sempre uma repercussão pessoal. Por outras palavras: o que importa é explicar como o individuo pode chegar naturalmente a — sentir por *sympathia*. Já o dissemos: as formas iniciaes e originarias de todas as manifestações desta natureza são: o *amor* e a *ternura materna*. E' nestas emoções que vamos encontrar as primeiras agitações affectivas do individuo por qualquer coisa *que não é elle proprio*, ou, melhor — por qualquer coisa "que não é elle somente". Tomemos nota dessa formula, porque nella está a explicação do facto; porque ella é a propria formula da passagem do egoismo para a *sympathia*.

6. Na decorrença natural dessas manifestações instinctivas, as solicitações exclusivamente pessoas nos levam á situação de reconhecer uma íntima dependência entre a nossa própria actividade — a nossa própria existência, e a de uma outra creatura. Achamo-nos em face de um ser que nos interessa porque — aos seus destinos se prende o nosso próprio interesse, ou de um ser que—existe porque existimos, e que vive como extensão da nossa vida... Em qualquer desses casos, quando sentimos o que affecta a essa creatura a que estamos assim ligados, "sentimos ainda por nós mesmos... mas já sentimos por outrem". Em verdade, os primeiros anseios da joven mãe, as suas primeiras manifestações em torno da creaturinha — sua carne e seu sangue, são quasi tão egoístas e pessoas como aquillo que ella sentisse por si mesma. Mas o momento é decisivo: a própria vida e as próprias exigências pessoas projectaram o individuo para outros interesses que não os seus exclusivos; elle sente por outrem, ao mesmo tempo que sente por si, e, desde que tenha a representação dessa outra creatura, ha de associar-a, necessariamente, á consciencia dos prazeres e das dores que a ella se referem. Esses estados affectivos se desenvolvem, então, com uma dupla causa — uma dupla representação: a representação inicial—referida a pessoa estranha, e a representação dos seus efeitos affectivos sobre a própria pessoa. A representação inicial tem, então, um papel evocador, como no caso dos estados affectivos organicos sensoriaes — em que uma representação evoca a lembrança de sensações, e dá lugar a uma manifestação em que ha: uma causa symbolica evocadora, e uma causa immediata, evocada. Vimos (pag. 232) que essa forma de sentir constitue justamente a transição entre a affectividade sensorial e a puramente ideal. Pela repetição, faz-se uma como que abreviação — a supressão dos elementos e das lembranças sensoriaes evocadas; basta a representação inicial para despertar directamente o estado affectivo. Nisto consiste a evolução,

que resume a espiritualisação das tendencias; a representação se torna, de causa mediata evocadora, em causa immedita. Na passagem da affectividade egoista para a sympathia, realisa-se uma evolução analoga a esta: originariamente, o conhecimento da situação do ser que nos interessa evoca a representação do nosso proprio caso; depois, faz-se a suppressão dessa evocação, e a simples representação inicial basta para despertar o estado affectivo. Então, mesmo sem a representação do interesse pessoal, chegamos a sentir o que affecta outrem. E' o sentir sympathico.

7. A eclosão da sympathia e o seu desenvolvimento dependem necessariamente da capacidade mental (porque a affeição sympathica se realisa em torno de uma representação), e dependem tambem das condições naturaes e organicas que determinam a constituição do grupo familia (1). No agrupamento domestico, encontram-se as duas formas originarias de manifestações sympathicas; ha como que uma fusão das tendencias iniciais, que assim se reforçam, e constituem o nucleo affectivo donde dimana toda a affectividade social, base da moral. Si a analyse que fizemos — quanto á evolução necessaria das manifestações sympathicas — não bastasse para patentear a sua origem domestica, teriamos a demonstração historica: as sociedades ancestraes são agrupamentos que se consideram formados de individuos do mesmo sangue, e é a esses que as manifestações sympathicas attingem. Na contemplação dos costumes primitivos, vê-se, em toda a evidencia, que os laços sociaes se formam como expansão das dependencias domesticas.

(1) Dir-se-á que a existencia do grupo familia já é manifestação de tendencias sympathicas e sociaes; não: esse agrupamento resulta directamente de condições organicas, quanto á evolução embryologica e quanto á efficiencia vital do recém-nascido. As aves e os mamíferos não poderiam deixar de apresentar esse agrupamento de individuos, e é ahi que têm o seu primeiro surto os movimentos sympathicos. Dada a existencia da familia, outras condições — vigor mental, genero de vida, relações necessarias na economia natural, vêm, então, favorecer essa forma de viver, e reforçar os instinctos sociaes ou sympathicos.

Nota-se, na evolução das tendencias sociaes, uma verdadeira reacção circular: a eclosão da sympathia se dá com a existencia do grupo domestico, e se affirma pela capacidade mental ou de representação; mas, uma vez instituido o grupo domestico, as relações e condições que ahí se cream repercutem sobre as faculdades mentaes e os instinctos sympathicos, reforçando-os e apurando-os. Outros factores podem intervir, para entravar ou limitar a evolução sympathica e moral; mas as condições essenciaes dessa evolução serão sempre as mesmas: o agrupamento domestico e a capacidade mental-cerebral. De tudo isto resulta que as tendencias de expansão se espiritalisam mais nitidamente e mais completamente.

8. Nesse dominio — sympathia, a affectividade se associa geralmente a representações que a idealisam; o que não se dá com a affectividade egoista, ou de conservação pessoal, em que persiste uma grande copia de manifestações puramente sensoriaes. E' verdade que, tanto os estados egoistas, como os sympathicos, podem ser despertados — ou por imagens ou por ideias; mas ha, no caso, uma differença importantissima, que muito concorre para sublimar as manifestações expansivas: ha estados affectivos egoistas provocados por ideias que são realmente ideaes; mas os que derivam de representações concretas — imagens ou percepções — nunca se depuram completamente das evocações sensoriaes; enquanto isto, no dominio das manifestações sympathicas, até mesmo as despertadas por imagens, são, na sua generalidade, inteiramente ideaes. Isto deu lugar a que se creasse o culto — processo de despertar estados sympathicos por meio de imagens, e que produz o apuro e a espiritalisação crescente das respectivas tendencias. Um processo analogo — para despertar affeições egoistas por meio de imagens — teria effeito negativo quanto á espiritalisação dos pendorres. Na affectividade sympathica, as imagens incitadoras das tendencias são, pela sua propria natureza, distinctas da individualidade que sente; o seu effeito

mais característico é justamente este: eliminar do espirito as representações pessoais e os elementos puramente sensoriaes; de sorte que, quanto mais intensa é a imagem, mais se excluem as lembranças sensoriaes egoistas. Nas manifestações egoistas, é o contrario o que se dá: a vehemencia e nitidez das imagens têm por effeito necessario — evocar todo o cortejo de lembranças sensoriaes (nimamente pessoais) concernentes ao caso.

9. Affirmando a unidade da vida affectiva, não podemos deixar de attender á objecção que logo se apresenta, em nome da opposição essencial que parece existir — entre as tendencias egoistas e as sympathicas. Tão formal se afigura a opposição, que A. Comte foi tentado a crear o neologismo de — *altruismo*, como opposto de *egoismo*. Devemos reconhecer, no entanto, que, quanto á natureza das tendencias, a opposição é toda de apparencia. As causas das manifestações affectivas, os seus objectos, estes, sim, podem ser oppostos; mas isto tanto se dá entre a affectividade sympathica e a egoista, como no dominio exclusivo de qualquer uma dellas. Quer dizer, pôde haver uma opposição entre os objectos que nos despertam a affectividade, e dahi resultar contraste ou conflicto entre as differentes tendencias suscitadas, sem que esse facto signifique uma opposição essencial entre os elementos originarios da nossa natureza affectiva. O individuo sente desejo de comer determinada iguaria, mas pensa nos máos effeitos possiveis quanto á saude... hesita, e resiste á tentação, em nome dos exclusivos interesses pessoais. Houve, por consequente, um conflicto — uma opposição — entre tendencias manifesta e exclusivamente egoistas. Causa analogica se dá no dominio da affectividade sympathica, quando o homem tem de escolher entre — o abandonar a familia á miseria para defender a patria... e o resistir ao sentimento patriotico por amor da familia... Ha tanta opposição nessas duas situações, como quando o individuo resiste aos seus inte-

resses pessoas movido pela compaixão. Esses conflitos e essas escolhas, que, como dissemos caracterizam a vida moral, resultam exclusivamente da diferenciação das tendências em torno das causas e dos objectos que a intelligencia distingue; e é por isso mesmo que não pôde haver moralidade sem intelligencia. A affectividade é uma mesma repercussão subjectiva, polarizada entre dôr e prazer, em relação com as exigencias vitais; quando o individuo attinge a esse gráo de conhecimento que permite discriminar interesses e exigencias, é levado naturalmente a escolher entre tendencias; mas a affectividade continua ser uma, como a propria vida. As tendencias só se oppõem a outras tendencias na medida em que a vida se oppõe á propria vida.

10. A affectividade *sympathica* é naturalmente muito mais rica em especies e typos de manifestações, que o egoismo. No primeiro caso, as causas se multiplicam e os objectos se desdobram; pois que já não giram em torno de *uma* personalidade exclusiva. Os objectos em que se concretizam os estados affectivos *sympathicos* podem ter valor diverso como extensão; e a diferenciação das tendencias acompanha o desdobramento das causas. Assim, distinguem-se as tendencias *sympathicas* em: *pessoaes*, *geraes* — ou *sociaes* propriamente ditas, e *desinteressadas* — ou puramente *ideaes*. As primeiras alimentam as manifestações expansivas que se dirigem a individuos particularisados, e se caracterizam nos *sentimentos domesticos* e na *amizade*. As tendencias *sociaes* propriamente ditas, ou *geraes*, menos intensas talvez que as primeiras, alimentam as manifestações que se referem aos grupos *sociaes*, ou aos seres humanos indistinctamente, e caracterizam-se nos sentimentos de — *patriotismo*, *humanidade*, *generosidade*, *caridade*, *compaixão*... Como se vê, a differença entre as tendencias domesticas e as patrioticas, ou entre estas e as humanitarias, é, apenas, uma differença de gráo ou de extensão; ao passo que entre os sentimentos pa-

trioticos, ou os humanitarios, e a compaixão, a differença é quanto ao objecto. Os primeiros visam os interesses de uma collectividade, e agitam-se com a representação geral — do bem e do mal que possam attingir o grupo; os segundos correspondem a tendencias que vibram com a representação das dôres e dos prazeres, de qualquer individuo, mas que se manifestam em vista de um ser ou de uma creatura em particular.

11. Além desses objectivos concretos, as tendencias sympathicas se orientam para objectos inteiramente abstractos e puramente ideaes, como sejam — o *bem*, a *justiça*, o *dever*... A essa categoria pertencem as tendencias religiosas. E' muito commum designarem-se as manifestações dessa affectividade como — *sentimentos desinteressados*, juntando-se-lhes as manifestações estheticas ou *amor do bello*, e o *amor da verdade*. A esse proposito, notemos, em primeiro lugar, que essa expressão — desinteressado — é de um valor muito relativo; é tão desinteressado o sentimento de justiça ou o de bondade, como o sentimento humanitario em geral. Num caso e no outro, ha o mesmo interesse, que é o destino da especie. No entanto, não se pôde negar que entre essas duas ordens de sentimentos existe uma differença de caracter psychologico, quanto á extensão: os chamados sentimentos desinteressados, ligados a uma ideia pura, restringem-se muitas vezes, prendem-se de modo absoluto á representação abstracta, perdendo até o tom de sympathia que lhes é essencial. Isto se nota principalmente na concepção da "justiça."

12. Quanto á affectividade puramente intellectual — amor da verdade, e á esthetica, essas não devem ser consideradas de natureza exclusivamente sympathica, ainda que sejam apparentemente desinteressadas. O amor da verdade é o desenvolvimento da — tendencia a conhecer.

A esthesia, para ser bem analysada, deve distinguir-se em: *sensorial*, *sensorial-mental*, e *intellectual*.

A musica, os perfumes, o colorido, a cinesthesica... são de ordem puramente sensorial. A paisagem, a poesia, a esculptura, a pintura... affectam á esthetica sensorio-mental. A tragedia, a architectura, a eloquencia... despertam uma esthesia toda representativa ou ideal. Ora, assim distinguindo, temos de reconhecer como estrictamente egoista toda a primeira categoria de manifestações estheticas — que derivam directamente das proprias condições physio-psychicas dosapparelhos sensoriaes. A belleza dos accordes e a belleza das combinações de colorido resultam de correlações physiologicas, que a physica biologica nos explica facilmente: são agradaveis as sensações correspondentes a impressões que estimulam *convenientemente* o sensorio. Si podermos achar explicação analoga para a esthetica representativa, teremos patenteado o character egoista da generalidade das manifestações dessa natureza. Ora, em todas as formas estheticas a que nos referimos, os elementos de belleza são, ao mesmo tempo, condições de — *ordem, harmonia, precisão, proporção, symetria, variedade...* quer dizer, são, ao mesmo tempo, outros tantos elementos *convenientes*, porque facilitam a comprehensão do assumpto ou do objecto; são condições que dão em resultado — um *maximo* e *perfeito* (*optima*) de representação, com um *minimo* de esforço. Concretamente: a ordem, o rhythm, a symetria, a rima... são appellos que fazemos ao habito, para attenuar o esforço da attenção e facilitar a interpretação das percepções; e é assim que a symetria nos dispensa de interpretar uma das metades para comprehender o todo. A lei do menor esforço — interesse organico pessoal — nos explica, em grande parte, a affectividade esthetica. A par de todas essas ordens de esthesia essencialmente egoista, ha uma esthesia cujos motivos intimos correspondem, não a interesses simplesmente individuaes, mas a tendencias expansivas, e aos interesses geraes da espécie. Trata-se do sentir esthetico ligado á belleza humana — belleza

physica e belleza moral. Em tal caso, a affectividade que então se agita é toda de sympathia (1).

13. A esthesia offerece um segundo aspecto para distincções: quanto á actividade, ou a passividade, de que se acompanham as affeições estheticas. Os que se limitam a "sentir a belleza", e, commovidos, vibram diante dos motivos naturaes, ou das obras d'arte, são nitidamente — ou egoistas, ou desinteressados; mas aquelles que, embora num dominio de esthesia egoista — musica, paysagem... tanto se commovem que precisam *expandir* activamente o seu sentir e se tornam "creadores de belleza" — esses revelam uma ordem especial de tendencias expansivas. Nelles, as exigencias estheticas são tão fortes que fazem surgir da imaginação novos themas e novas causas (pois que a intelligencia é sempre um instrumento de realização pessoal), e o artista manifesta a sua affectividade produzindo formas de harmonia, mais perfeitas que aquellas onde a vida e a natureza se patenteiam. A sua attitude psychologica é analoga, em tom mais accentuado ainda, á do egoista affirmativo e ambicioso. A necessidade de realização pessoal se torna em força de expansão; tanto um como outro — agem, trabalham, produzem, creiam, e dest'arte "se dão á sua obra". Eis o que é summamente importante para o caso: as exigencias de affirmação individual — *sentindo*, ou *dominando* — os levam a produzir e a conquistar; e, agora, ha para a sua affectividade *outros* motivos além da exclusiva individualidade. Ha o publico — a quem a sua sorte se liga, ha a sua obra, a sua creação... E' uma forma especial de sympathia que se esboça; é uma outra forma de expansão que se define.

14. As tendencias de expansão têm origem nas exigencias da realização individual, e não contradizem a unidade affectiva. Fôra impossivel, já o vimos,

(1) O assumpto, por isso mesmo, que é de maxima importancia, é muito vasto. Por esse motivo, e pela sua propria natureza, não convém ás paginas singelas e abreviadas de um compendio.

estabelecer differença essencial, de character psychico, entre ellas e as tendencias puramente egoistas. No entanto, dessa divergencia de objecto — o interesse proprio... interesses extranhos, surge um aspecto de consciencia que distingue bem os estados egoistas, das affeições sympathicas. Os prazeres egoistas são sujeitos á saciedade, ou á desillusão; as dôres egoistas são dôres puras e exclusivas. Os prazeres sympathicos, si não são perennes, declinam sem saciedade, nem desillusão; as dôres sympathicas são sempre temperadas ou attenuadas pela propria sympathia. A affectividade egoista tem exigencias que lhe são proprias; as suas manifestações se desdobram necessariamente em — *desejo* e *satisfação*, donde resulta uma attitude de expectativa, em que collabora vivamente a imaginação, e que se termina forçosamente: ou numa dôr, quando não é possível obter o desejado; ou na cessação do desejo, pela satisfação. Ao desejo, succede o prazer; mas este se extingue fatalmente na propria satisfação. Ha uma quêda de tonalidade de consciencia; cessa a crise de excitação e de estimulo; e a depressão que se segue é, de certo modo, penosa. E' a saciedade. Além disto, a expectativa ou exigencia imaginativa determina uma qual exacerbação affectiva, a que as possibilidades naturaes não sôem corresponder; as tendencias inflam, as manifestações se exaggeram, para terminar numa convicção de impossibilidade, mais penosa ainda que a saciedade: é a *decepção*. Nada disto pôde occorrer na pura sympathia, porque as tendencias dessa natureza têm a sua satisfação implicita no proprio desejo, isto é, são tendencias que não exigem satisfação explicita. Quem ambiciona — conta com um prazer especial como preço dos seus esforços, e tem de apurar os resultados obtidos; quem se dedica — realisa desde logo, na dedicação, todo o prazer que a respectiva tendencia pôde proporcionar. O amador de musica, ouve o trecho, gosa-o... vibrante de prazer, pede *bis*, repete o goso uma vez, duas vezes, tres vezes... A sua situação será

finalmente a de — ou amortecer na saciedade, ou desistir e renunciar ao prazer. Tudo se resume em que as tendencias egoistas são exigentes, e se resolvem em estados affectivos que tendem a degradar-se pela satisfação; ao passo que as tendencias sympathicas são apenas expansivas; não têm forma explicita de satisfação, e escapam á saciedade. Dahi resulta que a dôr sympathica, ao pronunciar-se, já se encontra com esse tom de consciencia confortante, determinado pela expansão das respectivas tendencias. Nada disto poderia existir na dôr egoista.



CAPITULO XVIII

COMPOSIÇÃO E FORMAS DOS ESTADOS AFFECTIVOS

Afeições simples — Os estados affectivos compostos e a vida moral. — Discriminação das formas affectivas. — A emoção. — Cortejo sensorial e visceral das emoções. — Character primitivo da emoção. — Significação objectiva da emoção. — A paixão. — Evolução normal dos estados affectivos; sentimentos.

1. Os estados affectivos são, em todas as circumstancias, manifestações ou vibrações das tendencias que animam o individuo; isto não significa, porém, que em cada manifestação se deva encontrar a expressão de uma tendencia isolada. Muitas vezes, o mesmo objecto e a mesma causa fazem vibrar diversas tendencias, condensando-as numa synthese affectiva. Temos, assim, um novo aspecto na differenciação da affectividade. Apreciemo-lo. Os estados affectivos podem comprehender uma só tendencia, ou mais de uma tendencia. Ha, no primeiro caso, uma *afeição simples*; no segundo caso, uma manifestação *composta* ou *mixta*. A *alegria*, a *tristeza*, a *colera*, o *odio*, a *ternura*, a *esperança*, o *temor*, o *desejo*. . . são estados affectivos simples. Correspondendo á satisfação, ou não satisfação, de uma tendencia, a *afeição simples* define-se, para cada situação, numa das duas formas contrastantes — agradável-desagradável: *alegria* — *tristeza*, *ternura* — *odio*, *esperança* — *desalento*, *temor* — *impavidez*. . . Quanto a esse aspecto, exceptua-se o *desejo*, que não tem contrastante, porque a elle só se poderia oppôr a *saciedade* ou o *tédio*.

Ora, a saciedade, quando não é uma formula negativa de consciencia (cessação do desejo), é um estado mixto de dôres, lembranças de prazeres, decepção... A mesma cousa se pôde dizer do tédio, a que se junta uma forma surda de desespero. Essa condição especial do *desejo* resulta da sua própria natureza, e do seu valor como indicação affectiva. O desejo é simplesmente a manifestação consciente de uma tendencia; é projecção da individualidade para as perspectivas agradáveis, e caracteriza-se no objecto que desperta a tendencia; só deste modo pôde ser classificado, e, então, o seu contrastante penoso é a propria — não satisfação da tendencia em questão.

2. Os estados affectivos compostos ou mixtos comprehendem a quasi totalidade da vida affectiva moral. Nas consciencias embryonarias e primitivas, a vida affectiva consta de affeições simples, e se manifesta em emoções; mas nos espiritos feitos, com a experiencia do viver social e moral, a affectividade se torna muito complexa — pelo descortino da intelligencia, pela differenciação das tendencias, e pela multiplicidade das causas. Predominam, então, as manifestações complexas e mixtas — a *decepção*, a *devoção religiosa*, a *saudade*, o *pezar*, o *ciúme*, o *tédio*...

A composição dos estados affectivos pôde ser de: elementos *homogeneos*, ou elementos *heterogeneos*. Desta sorte, teremos: uma composição *concordante*, si entram nella sómente elementos agradáveis, ou desagradáveis; *discordante*, si ha elementos penosos ao lado de elementos agradáveis. A *veneração religiosa* (*sympathia* e respeito), o *enthusiasmo patriótico*, a *indulgencia*... são sentimentos compostos concordantes; a *inveja*, o *ciúme*, a *saudade*, o *ridículo*, o *sublime*, o *pudor*, o *despeito*... são estados discordantes. Comprehende-se bem que, em taes manifestações, devem predominar — ora, os elementos penosos, ora, os agradáveis. Na *saudade*, na *vingança*, no *comio*, no *sublime*, domina o aspecto agradável; no *despeito*, no *tédio*, na *inveja*... predominam elementos dolorosos. E' preciso não confundir o character composto

que tem o estado affectivo na sua unidade synthetica, com a situação de crise moral, muito commum nas consciencias formadas, quando inclinações explicitas, sob a forma de paixões, ou de sentimentos, se oppõem umas ás outras. Nessas crises, os proprios sentimentos discordantes se podem oppôr a outros do mesmo caracter. Assim acontece quando a *saudade* se cruza com o *ciume*, ou quando a *vingança* vence o *pudor*.

3. Os processos affectivos se distinguem tambem pela *forma* do seu desenvolvimento, considerando-se como — forma — a intensidade e persistencia dos respectivos estados, e a sua riqueza de associações mentaes. De modo geral, a affectividade se manifesta por tres formas de processos, a que convêm essas mesmas designações communs de: *emoções*, *paixões* e *sentimentos* (1). As emoções correspondem ás formas primitivas e originarias da affectividade

(1) De facto, ha tres formas de processos affectivos, e ha tres designações correntes para denominar as diferentes manifestações da affectividade: *emoção*, *paixão* e *sentimento*. No entanto reconheçamol-o, o valor desses termos não tem o rigor de uma tecnologia definitiva. Sempre que, no correr das dissertações, cabe designar uma manifestação vehemente qualquer, chamam-n'a os psychologos de — *emoção*, assim como chamam de — *paixão*, aos estados persistentes e violentos, ao passo que preferem a expressão — *sentimento* para os casos de inclinações vigorosas, mas reflectidas. Isto é assim quando as referencias se fazem com discriminação de forma. Desde, porém, que se trate de um estudo sobre a natureza das manifestações affectivas, parece-lhes indifferente o termo que empreguem, e muitos chegam a fazer a classificação de toda a vida affectiva, fallando apenas de *sentimentos*, ou enumerando apenas *emoções*. Não ha duvida que, uma discriminação das emoções quanto á sua natureza, applica-se aos sentimentos, pois que a differença entre esses dous estados é apenas de forma; mas, si essa differença existe, e si é indispensavel ter designação particular para cada fórma, é preferivel, parece-nos, na descripção da natureza affectiva, usar sempre das expressões genericas, — *estados*, *manifestações*, *processos affectivos*. . . e usar dos termos especiaes, consagrados pelo uso geral na distincção das formas affectivas, quando se trate de definir e descrever as formas especificas. Foi o que fizemos, reconhecendo, todavia, que essa distincção não tem a significação de uma doutrina. Nem isto se torna necessario.

humana. São manifestações mais ou menos subitas, vehementes e intensas, transitorias e subitas, acompanhadas de uma geral perturbação da vida mental, e modificações sensíveis do *rhythm*o physiologico e da expressão physionomica. O *desejo*, patente e explicito na consciencia, toma a forma de uma emoção; o *medo*, a *colera*, o *enthusiasmo*, o *terror*, o *pudor*, o *extasis*, a *veneração*, o *dó*, a *angustia*... são emoções.

A *paixão* é a concretisação de uma tendencia poderosa, ou mal educada, num determinado objecto; é uma emoção que se tornou chronica. Isto quer dizer que os estados *passionaes* têm, da emoção os mesmos caracteres de — vehemencia e de impulso, distinguindo-se, apenas, pela persistencia ou constancia das manifestações; ha, por conseguinte, na paixão, a turbação mental emotiva, e o cortejo de signaes expressivos.

Os sentimentos são processos affectivos de caracter constante, calmos e reflectidos, em que entram sempre causas de ordem mental. O sentimento tem de commum com a paixão o aspecto de *persistencia*. Uns e outros — paixões e sentimentos — são resultados da experiencia affectiva; são manifestações habituaes em que a vida affectiva se normalisa, segundo a sollicitação das tendencias pessoaes.

4. A emoção é, de facto, a forma primeira e originaria dos processos affectivos... Na criança, a affectividade é uma successão de emoções, quasi todas de fundo organico e sensorial. No adulto, cujas tendencias já se definiram em representações precisas, as emoções repetidas degeneram e convertem-se em paixões, ou apuram-se e normalisam-se em sentimentos; mas, nem por isso, deixam de occorrer crises puramente emotivas — sempre que uma causa nova suscita uma das tendencias caracteristicas do individuo, sempre que um novo objecto fere a affectividade. Das emoções, umas são excitantes, como o *enthusiasmo*, o *desejo*, a *colera*... outras são depressivas ou inhibito-

rias, como o *pudor*, o *medo*, a *decepção*. . . Essa diversidade, nos efeitos dos estados emotivos sobre o desenvolvimento das reacções que lhes são immediatas, faz bem comprehender qual seja a significação exacta das situações objectivas de que a emoção é symbolo subjectivo. Quer dizer, o facto de serem as emoções — ou excitantes, ou inhibitorias — demonstra patentemente qual a natureza das crises a que ellas correspondem: a emoção é o aviso explicito de — uma adaptação a fazer-se, ou a indicação formal de uma exigencia natural a realisar-se, segundo as solicitações da tendencia suscitada. De modo geral, esta é a significação e o caracter de todos os estados affectivos; na emoção, porém, o aviso e a indicação se formulam bem nitidamente, porque esse é o aspecto primitivo e mais simples da affectividade. O estado emotivo pôde ser produzido por uma impressão nova ou muito intensa, como pôde ser determinado por uma excitação de origem interna e de ordem mental. De todo modo, a situação se caracteriza sempre na mesma formula — iminencia de uma realisação adaptativa. Por isso mesmo, os efeitos emotivos se pronunciam — ou como excitantes, si a adaptação exige ataque e conquista, ou como deprimentes, si ella se resolve por uma retracção defensiva. Os casos typicos encontram-se no *desejo* e no *medo*.

5. A emoção caracteriza-se pela intensidade do estado de consciencia, concentrada em torno de um objecto, sob o choque de tendencias vigorosas (pagina 248). E' um estado sempre synthetico e exclusivo; no emtanto, em si mesmo, o campo da consciencia, na emoção, é muito rico. Além da repercussão propriamente affectiva — dor ou prazer, ahi se encontram: representações correspondentes á causa — quer seja esta de ordem mental, quer seja puramente sensorial, assim como sensações visceraes e motoras, que, de modo reflexo ou automatico, acompanham a emoção. As perturbações funcionaes organicas, peculiares ás emoções, explicam-se como resultado de excitações diffusas (Spencer), ligadas ao

proprio character das excitações emotivas; quer dizer: admitte-se que as excitações determinantes das emoções têm a tendencia a diffundir-se pelas systematisações inferiores, produzindo assim os respectivos reflexos. Os movimentos e gestos expontaneos, ou automaticos, da emoção têm geralmente uma origem hereditaria: são residuos, talvez, de gestos offensivos, ou defensivos (Darwin); são esboços de actos uteis, de natureza instinctiva. O arregalar dos olhos no *espanto*, o cerrar das narinas na *repugnancia*, o desviar da cabeça no *desprezo*... são, evidentemente, gestos adequados ás respectivas situações. De todo modo, os movimentos reflexos e as perturbações physiologicas constituem um cortejo caracteristico das emoções, e lhes servem de expressão natural (pag. 192). Tão importante é esse cortejo de reflexos, que alguns psychologos não heistam em affirmar, que é esse o facto essencial no processo emotivo, e consideram a emoção propriamente dita como "a consciencia das sensações internas e dos respectivos reflexos" (1).

(1) É' a chamada "theoria peripherica, ou vascular-visceral" das sensações, theoria posta em circulação por Lange e W. James. Para esses psychologos, a "consciencia da emoção é a consciencia das sensações viceracs, vasculares e motoras, decorrentes dos respectivos reflexos... Eliminadas estas sensações, nada mais resta do estado emotivo". Aliás, não se trata de uma mesma theoria: Lange põe em relevo, principalmente, as *perturbações vaso-motoras*, ao passo que W. James considera, de modo geral, todas as *perturbações visceraes e reflexas*. Eis como se explica este ultimo: "Dada a impressão e a percepção donde deriva a emoção, a ellas "se seguem immediatamente as modificações reflexas; é a consciencia que temos dessas modificações, á medida que ellas se produzem, que constitue a emoção como facto psychico... e nós nos sentimos afflicto porque *choramos*, encolerisados, porque *batemos*, atemorizados, porque *trememos*. Essa formula, paradoxal e interessante, não foi acceita no tom absoluto com que é apresentada; mas teve uma larga repercussão. Longamente discutida, ella serviu para impôr á attenção dos psychologos um dos aspectos mais interessantes da emoção. Reconhece-se, hoje, que essa theoria argumenta com uma série de factos verdadeiros, e que as manifestações reflexas têm, nos estados emotivos, uma significação bem mais importante do que a que se lhes dá quando se consideram taes estãdos como effectos imme-

Esse modo de ver consagra uma das mais célebres e das mais-debatidas dentre as theorias das emoções; será exagerada, mas não deixa de conter um tanto de verdade. Si a consciencia da emoção é constituída por esses tres elementos — *representação da causa, sensações visceraes e musculares, e repercussão affectiva*, torna-se claro que o cortejo de sensações vem a ser um dos aspectos característicos do estado emotivo, quanto á sua discriminação subjectiva.

6. Tudo isto significa, em verdade, que as emoções têm sempre um caracter sensorial e organico, mesmo quando a causa é de ordem puramente representativa e ideal. Os estados emotivos se definem pela intensidade. Dada a causa que os determinam, o vigor das excitações tem por effeito constante evocar as imagens que lhes estão associadas, ainda que

diatos e exclusivos das causas representativas iniciais. Mas, sem duvida, Lange e James exaggeram quando dizem: "Tememos porque trememos..." ou quando pretendem que o sentir do pudor é a *sensação do rubor*... Todos sabemos que pôde haver rubor facial, sem emoção de pudor, assim como pôde haver tremor de pernas, ou tremor generalisado, sem medo. Basta uma tal constatação para infirmar a theoria, nos termos absolutos em que é formulada. No entanto, é certo que as sensações organicas muito concorrem para caracterisar e reforçar as emoções. Illudidos pela simultaneidade com que occorrem na consciencia as tres ordens de elementos — representações, affeições e sensações organicas, chegam elles a negar toda importancia á causa representativa, como determinante no caracter da emoção. E' um absurdo, na propria formula de que se servem. Na emoção de medo pela visão dum perigo, a noção, ainda vaga, de *perigo* é facto essencial para que se pronuncie a *emoção*; e esta se define desde logo como terror, ou como colera, mesmo que o cortejo de reflexos não se manifeste. Todavia, num estado emotivo muito intenso, a attenuação das manifestações reflexas modera o proprio sentir, ainda mesmo que a causa persista. Na emoção, é tão violento e brusco o processo que, muitas vezes, parece haver uma interpretação instinctiva e subita da situação, de sorte que o individuo, antes de apreciar conscientemente o caso, já está a tremer, ou a rir, ou a fugir... Digamos, então concretamente: nos casos de perigos já conhecidos, quando já ha reacções de medo systematisadas, as sensações que formam a synthese perspectiva, antes mesmo de serem interpretadas como conhecimento, bastam como simples sensações, para produzir o *déclanchement* dos respectivos reflexos.

essas imagens sejam puramente sensoriaes, ainda que essas associações correspondam a gestos e actos inuteis (como o cerrar das narinas na repugnancia moral). Vehemente e turbadora, forma inicial do sentir affectivo, a emoção conserva, através de todas as situações, esse character de affectividade physica e de repercussão pessoal. As proprias emoções sympathicas têm essa propriedade — de evocar, de modo positivo, as imagens com um vigor quasi equivalente as das sensações immediatas. A vista de uma iguaria desperta no faminto reminiscencias sensoriaes tão vivas que — *lhe vem agua á bocca...* assim como a vista de um punhal produz, em certas pessoas, uma sorte de dôr terebrante — *como si o punhal estivesse penetrando...* dizem ellas. Causa analoga acontece, no dominio da sympathia, quando, ao ver um desgraçado apanhado por um trem, as mulheres compassivas caem desmaiadas, como si fossem ellas proprias que recebessem o choque.

7. A emoção vale por um aviso, porque é sempre a absorpção da consciencia pelas condições de uma situação critica para o individuo. E desse modo é util — na medida em que o aviso aproveita, na medida em que, dadas as circumstancias causasas, é o individuo projectado para a reacção mais conveniente. Concretamente: o medo retem instinctivamente, e ás vezes faz recuar e fugir, de modo automatico, independentemente de qualquer deliberação reflectiva. O medo é, pois, uma emoção de defesa, grandemente util. As suas reacções reflexas são realmente preciosas, pela subtaneidade e oportunidade com que se effectuam; mas, para que ocorram as vantagens da emoção no medo, é preciso que a forma da reacção coincida com as condições da situação. Si a pessoa foge, quando devera reter-se... si permanece inibida, quando fôra indispensavel fugir... o medo terá sido funesto; quer dizer, a emoção é nociva — na medida em que turba a razão, e leva o individuo a formas inadequadas de reacção, gastando-lhe as for-

ças inutilmente, ou de modo contraproducente. Já vimos, ao definir *paixão* e *sentimento*, que, no desenvolvimento normal da vida, as solicitações repetidas das tendências, em torno dos mesmos objectos, dão ás respectivas emoções o character de persistencia, systematisando-as como outras tantas inclinações explicitas do individuo. Esse facto constitue a evolução necessaria da affectividade quanto á forma das manifestações, evolução que, sendo uma normalisação de formas, é directamente determinada pela lei do habito. As influencias moralisantes da educação e da vida social em geral, assim como o descortino mental, intervêm mais ou menos na normalisação das manifestações affectivas, donde resulta que ella se póde fazer, de dous modos: ou como simples habito que se estabelece, e em virtude do qual, inveteradas e chronicas, as emoções se constituem em *paixões*; ou como a systematisação lucida de uma tendencia, escolhida e projectada para um objecto bem definido — é o *sentimento*.

8. A paixão será um traço da vida, mas não chega ser um producto da educação propriamente dita. E' o resultado de uma evolução exponíanea, e muitas vezes precipitada. A formação, ou o apparecimento, de paixões depende da forma do viver, do vigor e da precocidade das respectivas tendencias. Abandonada a si mesma, a affectividade invetera-se em paixões. Si consideramos, agora, o que ha de caracteristico e essencial nas reacções emotivas, é muito facil comprehender que, na forma chronica, essas reacções exaggeram o que nellas ha de inconveniente, e diminuem o seu valor como aviso propriamente dito. A paixão conserva o aspecto paroxistico da emoção, e todas as suas turbações mentaes e organicas. O habito torna, de certo modo, mais facil, mais violenta e mais prompta a manifestação perturbadora. Ha uma verdadeira degeneração da affectividade, porque, ao mesmo tempo que a repetição vae embotando a sensibilidade e exige impressões e excitantes cada vez mais fortes, vae

tambem reforçando e hypertrophiando as respectivas tendencias, e exaggrando os appetites. Deste modo, crêa-se uma exigencia affectiva nitidamente doentia. E' assim que se estabelecem as paixões puramente organicas — da *mesa*, do *sport*, do *fumo*, ou do *alcool*, e que são, finalmente, symptomas morbidos. Ha paixões excitantes, como as proprias emoções donde ellas derivam; mas, em si mesma, a paixão produz sempre uma depressão de energias, em razão, das reacções exaggeradas, desordenadas, inuteis e nocivas, que a sua vehemencia determina. Na paixão, os estados affectivos perdem aquella significação primitiva — de indicação adaptativa, não só porque a intelligencia, que é o verdadeiro instrumento das reformas adaptativas, se obscurece, ou se annulla, como porque a paixão corresponde fatalmente a um desequilibrio dentro da affectividade: certas tendencias se aggravam, e com isto se sacrificam alguns dos interesses essenciaes do individuo, em proveito de outros.

9. A elaboração do sentimento e o seu desenvolvimento traduz a evolução normal e necessaria da affectividade, si consideramos que o homem tem como regimen, tambem normal — o viver social e moral. Ora, a systematisação das manifestações affectivas, nas formas reflectidas e sentimentaes, é o resultado necessario da vida moral nas suas condições mais propicias, e é a consequencia directa da intervenção da intelligencia, esclarecida pela experiencia geral da especie, na escolha dos objectos e dos excitantes. A evolução sentimental (que é a evolução moral, quanto á forma das reacções) caracteriza-se pelos seguintes factos: *a*), subordinação das tendencias organicas ás ideaes (ha paixões organicas, mas não poderia haver sentimentos organicos); *b*), caracter representativo e ideal das causas; não ha sentimento sem a noção bem nitida do seu objecto, e o sentimento é, por definição, uma tendencia normal que se objectiva numa ideia; *c*), um relativo equilibrio entre as tendencias naturaes do individuo; um senti-

mento nunca será exclusivo, nem absorvente. De tudo isto, resulta que os sentimentos são manifestações calmas; são solicitações lucidas, sempre estimulantes para a intelligencia, mesmo no caso de sentimentos frenadores como a *prudencia*. Em verdade, a evolução sentimental se faz com a depuração da emoção, e a harmonia da affectividade no conjunto da vida psychica. O sentimento significa, realmente, que a tendencia se objectivou numa ideia, e que as formas das reacções adaptativas se normalisaram e se definiram.



A Vontade

CAPITULO XIX

FORMAS DE REACÇÃO

Definição da actividade consciente. — Formas geraes de reacção objectiva: reflexos, instinctos e acção voluntaria. — Caracterisação do acto reflexo. — Classificação dos reflexos. — Os quatro typos de Longet. — Relação entre os reflexos e a vontade. — Os actos reflexos e a consciencia. — O acto reflexo como typo da reacção psychica. — Os reflexos são systematisações especificas e hereditarias. — Formas da actividade reformavel. — A inibição.

1. A vida psychica engloba as nossas relações com o meio, se traduz nos esforços de accommodação ás condições que se nos offerecem. A essas relações se ligam reacções, cujo cyclo começa na recepção das impressões, e termina na realisação dos movimentos ou actos que devem accommodar o individuo ás influencias impressionantes (pag. 16). Tanto vale dizer — que toda actividade psychica tem como objectivo concorrer para o encaminhamento e a organização dos movimentos e actos reformaveis, mediante os quaes se realisa a adaptação actual do individuo. Os conhecimentos são, de modo geral, indicações de valor objectivo, quanto ao meio e quanto ás nossas possibilidades; os estados affectivos são indicações subjectivas, quanto aos nossos interesses. Então, sob o estímulo das affeições, com a orientação dos conhecimentos, organisa-se a acção consciente,

com todas as propriedades de — *actualidade, reforma e accommodação*. É a essa organização dos actos conscientes e reformaveis que se dá o nome de *vontade*, — elaboração synthetica por excellencia, resultante formal de toda a vida psychica, e até mesmo de condições puramente physiologicas e inconscientes.

2. Antes de proseguir na analyse da elaboração volitiva, devemos attender a essas duas circumstancias, de valor definitivo na caracterisação da actividade voluntaria: *a)* que os actos conscientes e reformaveis, apesar das propriedades especificas que possuem, entrelaçam-se intimamente com actos inconscientes e mecanizados; *b)* que nem sempre a volição dá lugar a actos positivos, objectivados; em certas conjuncturas, o acto de vontade se resolve numa attitude negativa, ou de reserva e suspensão. Por tudo isso, torna-se necessario considerar, de modo geral, todas as formas de actividade, assim como estudar os processos intimos que permitem as reacções suspensivas.

Em regra, distinguem-se as nossas manifestações positivas ou objectivadas em: actos reflexos, actos instinctivos, e actos voluntarios (intelligentes e reformaveis). O instincto, que se colloca num meio termo — entre os actos intelligentes e o puro reflexo, incluye as formas hereditarias de reacções psychicas, isto é, de adaptação ao meio. O instincto leva o insecto mimico para os objectos entre os quaes elle se pôde dissimular, assim como conduz o passaro a fabricar o ninho servindo-se do material que encontra... No homem, a actividade caracterisadamente instinctiva é reduzidissima — sucção, manifestações de ternura materna... Com o vigor e a extensão da intelligencia que possuímos, na intensidade de nossa consciencia, os instinctos ficam indeterminados, sob o aspecto de *inclinações*, ou de orientações geraes. Como forma, os nossos actos instinctivos se confundem nos reflexos, tal acontece com a sucção. Por isso mesmo, não ha necessidade de estudal-os, áquelles, de modo especial. No emtanto, feita a descripção dos

reflexos, teremos de voltar ao assumpto — para apreciar as relações dos instinctos e dos reflexos com a actividade intelligente — a proposito do automatismo.

3. Na accepção restricta do termo, o “acto reflexo” é a *volta* da excitação ao ponto de partida: um choque sobre o tendão rotuliano faz contrahir-se o musculo correspondente (biceps crural), e a perna se distende. O reflexo é a fôrma original, primitiva, da reacção neuro-motora, e onde se encontram, nitidamente ligados ainda, os dous processos em que se differenciou a propriedade essencial da materia viva — a irritabilidade. Na linguagem corrente, chamam-se — actos reflexos as reacções nervosas mais simples, reacções uniformes e irreformaveis, limitadas nitidamente, tanto em duração como em extensão, e que por esse caracter se oppõem ás reacções que se tornaram complexas e extensas, por se terem afastado do typo primitivo. No entanto, convém assignalar, desde logo, que a simplicidade de formas não é, de facto, um caracteristico dos reflexos, pois que os ha bem complicados e vastos — como a *tosse* e o *espirro*. A limitação no tempo, porém, é condição essencial. O reflexo pôde ser simples, ou complexo, sem perder o seu caracter — de coordenação mecanisada para responder a um fim determinado. No reflexo irido-pupillar, ha simplesmente a actividade das fibras do iris; no reflexo do vomito, ha actividade dos musculos abdominaes, dos musculos lisos do estomago, das fibras lisas e as estriadas do esophago, dos musculos respiratorios — de todos os musculos do tronco, em summa, e tambem dos musculos do pharynge e da face; mas, tanto num caso como no outro, o acto responde a uma necessidade definida, e liga-se a uma mesma excitação. Assim acontece em todos os reflexos normaes: uma impressão produz o estimulo de um grupo physiologico de musculos, e, do grupo, todos os musculos se contraem *harmonicamente* e *utilmente*, com vistas a um fim. Na tosse violenta, nota-se a combinação de quasi todos os musculos do corpo.

4. Ha diversas classificações de reflexos, e nenhuma é completa, porque são diversos os aspectos sob os quaes podemos distinguil-os e aprecial-os. Por isso mesmo, faz-se preciso approximar algumas dessas classificações, onde se condensam as diversas circumstancias apreciaveis no acto reflexo. Será o meio seguro de fazer uma ideia justa do phenomeno e das suas relações com a acção reflectida e reformavel. Em physiologia e em clinica, distinguem-se frequentemente os reflexos em: medulares, bulbares, sub-corticaes e corticaes. As designações corespondem aos centros onde se coordenam os respectivos movimentos. O criterio é facil de reter, e tem uma significação que vae além da simples referencia anatomica. Quer dizer, os reflexos sobem de importancia, approximando-se da vida psychica, á medida que sobem no nevraxe. Os reflexos medulares (1) são coordenações elementares, exclusivas da vida nutritiva, e, de certo modo, limitados nos vertebrados superiores pela actividade dos centros superiores, especialmente pelo bulbo. E' assim que as tensões arteriaes, os conductos esplanchnicos, e as fibras lisas, dependem de reflexos medulares; mas, de modo geral, são os centros bulbares que cream o rhythmio desses grandes mecanismos physiologicos. O nucleo de Goll, na região cervical da medulla, é um dos principaes centros de reflexos medulares. No bulbo se termina a coordenação reflexa dos actos da vida vegetativa. Do ponto de vista psychologico, convém accentuar — que ha reflexos *puramente nutritivos*, decorrentes da innervação sympathica e medullo-bulbar. Por isso mesmo, tem muita propriedade a classificação de Longet, de que fallaremos adiante. A' coordenação dos ganglios sub-cor-

(1) A contracção reflexa não é uma pura vibração muscular, como parece nos reflexos simples, e, sim: um curto tetano, constituido por uma série de contracções elementares. Qualquer que seja o aspecto do reflexo, fôra erro consideral-o como choque isolado e desordenado.

ticas do cerebro, pertencem todos esses actos nimia-mente hereditarios — ligados aos estados emotivos. Os reflexos tendinosos são tambem de coordenação sub-cortical. A tosse e o espirro são reflexos coordenados do mesocephalo, ao passo que os reflexos cutaneos — da coega, por exemplo, é de coordenação cortical (1).

5. A classificação de Longet tem como criterio o character da excitação e o da reacção — si de nutrição, si de relação, e distingue, assim, quatro typos: os que começam por uma excitação de ordem nutritiva, e se terminam por uma reacção tambem ligada á vida vegetativa; os que têm origem na vida de relação, e se terminam em reacções da mesma natureza; e os que entrelaçam a vida vegetativa á de relação. Como se vê, é esse um criterio bem interessante para a apreciação psychologica dos reflexos, que se pôdem distribuir, então, em quatro categorias, de que damos aqui exemplos typicos:

Excitação	Reacção
intoxicação carbonica do sangue N—N	accleração respira- toria
approximação do ob- jecto visado R—R	convergencia dos olhos
impressão de vermes no intestino N—R	movimentos convulsi- vos dos membros
percepção de um fru- cto acido..... R—N	salivação abundante

(1) Certos physiologistas negam que, no homem adulto, haja reflexos medullares, e argumentam com os casos em que a interrupção da medulla produz a suspensão de reflexos no trecho inferior. Dizem, então, que "no homem adulto, a medulla se despojou do seu papel de coordenador de movimentos..." A formula é exaggerada, e resulta de uma interpretação imperfeita de factos complexos

Estes exemplos são expressivos; mas devemos convir que certos reflexos esporádicos, como os tendinosos, não são, talvez, bem caracterisados, segundo o criterio de Longet; a formula R—R, que se lhes applica, abrange ordinariamente coordenações bem mais complicadas.

Os reflexos se distinguem, ainda em: *elementares* ou simples (os vasculares...) e *complicados* (o vomito...); *esporádicos* (os tendinosos...); e *rhythmicos* (respiratorios...); *defensivos* (vomito... espirro...) e *funcionaes* (irido-pupillar...). Notemos que essa distincção é menos nitida que as outras. Ha um grande numero de reflexos ao mesmo tempo defensivos e funcionaes — o da deglutição (*defende* a glote), o bulbar respiratorio (*defende* o organismo em geral)...

6. As mais interessantes das distincções entre os reflexos são as que se referem directamente aos aspectos psychicos. Está neste caso a classificação de Carpenter, que distribue os actos reflexos em duas categorias: *excito-motores* — reflexos simples, onde a

e normaes. Centros de reflexos se encontram, necessariamente, ao longo de todo o nevraxe. Onde ha substancia cinzenta — em relação com fibras centripedas e centrifugas, ha centro reflexo. Theoricamente, a condição essencial para o reflexo é a cellula ganglionar — onde a excitação afferente se transforma em estimulo motor. Mas, no homem adulto, o grande desenvolvimento dosapparelhos nervosos superiores, as suas vastas associações, e a grande intensidade funcional deram a essas regiões superiores, no nevraxe, uma tal ascendencia na actividade nervosa, que a ruptura das communicações produz um desequilibrio extremo, incompativel, de certo modo, com a permanencia das funcções. E' certo que o cerebro absorve um grande numero de coordenações; mas isto não quer dizer que, na decorrencia normal das funcções, a medulla não des-empenhe o seu papel necessario — coordenando actos elementares, e que se combinam na coordenação geral das grandes funcções nutritivas. Para insistir nesse modo de ver, não será preciso nem mesmo acceitar as ideias de Loeb — quando pretende que a organisação dos reflexos é sempre segmentaria, e que o effeito suspensivo, determinado pela interrupção do nevraxe, explica-se pela secção das fibras que ligam os territorios cerebraes aos ganglios segmentarios.

excitação não chega a produzir sensação (reflexos elementares nutritivos); e *sensori-motores* — reflexos acompanhados de sensação, mas sem lembrança (deglutição). Em contraste com esses actos, Carpenter distingue os actos *ideo-motores* — “nos casos em que a successão reflexa se torna irreconhecível, pela interposição dos actos cerebraes da intelligencia”. Esse criterio tem certa relação com as distincções comuns dos reflexos em: *inconscientes*, *subconscientes*, e *conscientes*, e em — *independentes da vontade* (vasculares...), *relacionados com a vontade* (deglutição...), e *subordinados á vontade* (tosse...). Esta ultima distincção é a mais interessante para a Psychologia, e, tomando-a em consideração, torna-se facil relacionar a ella as outras duas: os reflexos excito-motores (pupillares, por exemplo) são ao mesmo tempo inconscientes e independentes da vontade. Parece, á primeira vista, que o character de consciencia e o de subordinação á vontade devem estar ligados ao character — vida de relação. Nem sempre; os reflexos oculares são deste ultimo genero — relação, no emtanto, ahi se encontram: formas que são *inconscientes e independentes da vontade* (os irido-pupillares e os ciliares), formas que são *subconscientes e independentes da vontade* (os de convergencia dos olhos), e formas *subconscientes e subordinados á vontade* (os de direcção conjugada dos olhos). A simples *relação* com a vontade se exprime no facto de que — a vontade póde provocar o reflexo, mas não o póde suspender, nem lhe modifica a marcha; *subordinado á vontade*, o reflexo póde ser suspenso, ou modificado. E' de notar, todavia, que esses typos não são perfeitamente limitados; inteiramente *independentes* — só existem os reflexos inconscientes; mas, na categoria dos subconscientes e dos conscientes, encontram-se todos os typos de transição — entre os *independentes* (passando pelos *relacionados*) e os *subordinados*. O espirro é independente, não tanto, porém, como o reflexo de convergencia dos olhos; e este é menos independente que o

rotuliano... (1). A deglutição, relacionada á vontade, é, no emtanto, menos livre que o pestanejar; a tosse, subordinada á vontade, é menos subordinada, todavia que o bocejar...

7. A esse proposito, devemos considerar que, nos actos nutritivos e organicos relacionados com o mundo exterior — respiração, mastigação, deglutição, tosse... cujos movimentos dependem de musculos estriados, o reflexo é sempre, mais ou menos, consciente e relacionado com a vontade, porque o conjuncto desses actos é uma combinação de volições e de reflexos; a vontade deve intervir, sempre que é preciso modificar alguma das condições reformaveis — de tempo, de logar, ou de intensidade. Então, o phenomeno sensibilidade (sem valor nos reflexos excitomotores e irreformaveis) tem uma grande importancia, si bem que, em muitos casos, a sensibilidade não se distinga da consciencia do reflexo; tal acontece na deglutição. Na tosse, no espirro... porém, a excitação annuncia-se, *primeiramente*, sob a fórma de uma sensação caracteristica.

Tratando das emoções, tivemos occasião de assignalar que estas manifestações affectivas se acompanham de um grande numero de reflexos (quasi todos sub-corticaes), e que a consciencia dessas reacções mecanico-visceraes reforça o estado emotivo; todavia, é mister não confundir a emoção propriamente dita, com os reflexos que a ella se associam, alguns dos quaes — os vasculares são de caracter elementar, e derivam da excessiva excitação diffusa. Outros são esboços ou residuos de reflexos defensi-

(1) A relação existente entre o movimento de convergencia dos globos oculares e a direcção conjugada dos olhos pôde produzir uma qualquer confusão no apreciar os dous casos, e faz parecer que o reflexo de convergencia está directamente sob o poder da vontade, quando só indirectamente influe a vontade sobre elle. Eis como se passam as cousas: voluntariamente movemos os olhos — mas temos de mover os dous; a vontade não pôde applicar um dos olhos sobre um objecto, e dirigir o outro para um outro ponto, como pôde fazer com as duas mãos.

vos, e que foram uteis em tempo. Já o assignalámos: os actos reflexos têm sempre um accentuado character de finalidade: são mecanismos nervosos que, como os instinctos, se apuraram e desenvolveram phylogeneticamente, em razão da selecção natural, si bem que um ulterior desenvolvimento mental, na especie, possa provocar a sua dissolução, ou incorporação a um processo intelligente reflectido. O entrelaçamento da actividade primitiva á acção voluntaria e lucida é, em si mesmo, um aspecto muito importante na evolução psychica; mas só poderemos tratar delle convenientemente quando nos referirmos ás relações da actividade intelligente com o instincto, depois de considerar o processo de normalisação, ou lei do habito.

8. Sendo o reflexo o typo da reacção primitiva, consideram-se todas as outras reacções instinctivas, e as voluntarias, como — formas derivadas, e sobre elle modeladas. De facto, o reflexo consciente se faz sobre a imagem directa do inconsciente; é o que facilmente se constata ao analysar a coega, ou qualquer outro desse typo, ao mesmo tempo consciente e simples. Buscando os typos mais complicados, como a tosse, temos de reconhecer tambem — que a reacção psychica é construida sobre o typo do reflexo consciente (1). Mas, aqui, ocorre uma longa série de intermediarios, que subjectivamente se desdobram em: pensamento e affeições, e convergem para a organi-

(1) Certos autores, affeitos principalmente aos methodos das elucidacões physiologicas, falam de uma *psychologia objectiva*, e onde toda analyse da actividade psychica se faz considerando-se as reacções psychologicas como desenvolvimento de reflexos, modeladas, por consequinte, sobre o reflexo. De facto, essa psychologia só tem de especial o sair dos methodos psychologicos, e o tentar contar os factos da vida psychica em linguagem physiologica, dando em resultado que elles ficam "mal contados". No caso da vontade, por exemplo, Bechterew, que é um dos mais respeitados cultores da psychologia objectiva, para tornar possivel uma analyse descriptiva do acto reflectido, teve de soccorrer-se de uma "esphera pessoal", que não é apreciação psychologica subjectiva, mas não deixa de ser *metaphysica physiologica*.

sação da acção sob o aspecto de vontade. Modelada embora no acto reflexo, a acção voluntaria tem os seus aspectos característicos: começa necessariamente por uma reacção negativa — de suspensão ou inibição, e corresponde sempre a excitações que despertam tendencias diversas, concretisadas em outros tantos sentimentos. Subjectivamente, o caso se define assim: dada a differenciação das tendencias, ha uma situação de contraste na consciencia, e, do conhecimento e dos desejos, resulta a vontade ou — processo de escolha. Objectivamente, a formula é equivalente: desde que a excitação desperta diversas tendencias, a ella se abrem diversas canalisações ou systematisações nervosas, e torna-se impossivel qualquer reacção positiva immediata; a transformação da excitação em estimulo motor dilata-se, torna-se mais ou menos longa, até que se organisa uma systematisação especial, de accordo com as condições actuaes da impressão e as normalisações ou habitos já estabelecidos. De todo modo, qualquer que seja a interpretação que lhe applicuemos, o acto de vontade se define pelo seu aspecto inicial — suspensivo, hesitante. No entanto, cumpre notar que a suspensão ou inibição, sendo condição característica da reacção voluntaria, não lhe é, todavia, exclusiva. Em todo reflexo, complexo e coordenado, encontram-se reacções inhibitorias, porque a coordenação se faz pela excitação de uns musculos e a inibição de outros.

9. Os actos reflexos correspondem a canalisações systematisadas do nevraxe, canalisações que se abrem, como curtos circuitos, a certas excitações específicas, ligadas ordinariamente a uma só tendencia. No entanto, si a excitação determinante do reflexo é muito intensa, póde estender-se aos centros corticaes psychicos, e determinar ao mesmo tempo acções reflectidas. Muitas vezes, a systematisação reflexa se relaciona com systematisações de ordem superior. Estão neste caso todas as percepções cinesthesicas, que resultam, em parte, de reflexos de accommoda-

ção e de equilibrio (Nuel). E é por isso mesmo que certas excitações de character psychico, por serem violentas (emoções), diffundem-se e provocam, por sua vez, manifestações reflexas. Por outro lado, é de notar que raras serão as reacções psychicas complicadas que não incluam alguns reflexos. A linguagem — typo de actividade intelligente e superior — utiliza um grande numero de mecanismos expontaneos. Tudo isto é lembrado para accentuar nitidamente — que a actividade reflexa se relaciona intimamente á actividade voluntaria; e, então, verificado que ha reflexos inhibitorios, bem consideradas as cousas, não seria absurdo admittir que a inibição inicial do acto de vontade tem o valor de um reflexo.

10. A actividade caracterisadamente psychica comprehende tres fórmias de acções: impulsivas, reflectidas, e automaticas. As da primeira categoria são actos que se pronunciam sempre violentamente, e com uma subaneidade quasi comparavel á dos reflexos; no emtanto, não têm a uniformidade destes ultimos, e são, de facto, precedidos de uma phase de inibição, muito rapida, embora. As reacções impulsivas correspondem a excitações que suscitam diversas tendencias, das quaes, uma se revela immediatamente muito mais forte que as outras. Os actos voluntariamente reflectidos dispensam definição; são elles que definem e caracterisam a vontade. Os actos automaticos são ligados a habitos; são actos que se pronunciam com a regularidade e o character necessario dos reflexos, isto é, elles se seguem á excitação, sem apparencia de phase premuntoria, de deliberação. De facto, as ordenações automaticas correspondem a reacções que foram primitivamente voluntarias, reflectidas (pag. 40), mas que, pela repetição, se fixaram como systematisações mecanicas, e ao mesmo tempo descahiram no campo da consciencia. Notemos, no emtanto, que, nem por isso saem ellas do dominio da vontade. Desde que haja uma alteração nas condições de realisação, voltam essas reacções habituaes ao campo da plena consciencia, e a vontade intervem

para reformal-as lucidamente, intelligentemente. Assim, também, as reacções impulsivas estão no domínio da vontade, porque é sempre possível reforçar a phase inhibitoria, fazer intervir a ponderação deliberativa, e transformal-as em reacções calmas, lucidas e reflectidas.

11. A possibilidade de reacções hesitantes e de escolha, isto é, a actividade voluntaria, liga-se positivamente á riqueza do aparelho cerebral. Assim, as excitações que não são inteiramente absorvidas e encaminhadas nas systematisações especificas dos reflexos, derivam para as systematisações superiores corticaes, e suscitam immediatamente diversas tendências, com a possibilidade, por conseguinte, de reacções differentes. O seu effeito immediato é, já o vimos, uma suspensão activa, uma parada inhibitoria — de toda e qualquer reacção. Será uma parada passageira, fugaz, fugacissima... como acontece em certos actos impulsivos, mas, em todo caso, a inibição se pronuncia, desde que haja encontro de tendencias diversas no mesmo acto. As excitações capazes de effeitos inhibitorios são todas essas que reflectem as condições variaveis do mundo exterior, e se referem, por conseguinte, ás relações com o meio; ou, então, excitações resultantes de modificações anormaes no meio interno. A inibição é, por definição tirada da experiencia, a parada ou suspensão da reacção motora, resultante de uma excitação. Faz parte da physiologia normal do aparelho nervoso. Convém, por conseguinte, não n'a confundir com a paralysia — (ausencia de excitação), nem com o choque ou a fadiga — incapacidade de excitação. Sem pretender explicar o mecanismo nervoso inhibitorio, accentuemos que certas excitações do sensorio, ou mesmo de origem interna, mental (ideias) têm esse effeito. De um modo geral, já o dissemos, as excitações que vão até o cortex cerebral, ou aquellas que ahí se pronunciam, têm como primeira manifestação — effeitos inhibitorios. Diz-se, então, em physiologia nervosa, que o ce-

rebro tem poder inhibitorio sobre os centros inferiores (1). Lembremo-nos que as excitações corticaes conscientes, derramando-se por differentes canalisações, ou systematisações de elementos nervosos, são de certo modo indeterminadas, isto é, podem produzir reacções differentes e variaveis. Nestas condições, é natural, que o primeiro resultado de taes excitações seja: a suspensão das reacções, ou dos actos simplesmente impulsivos ou mecanicos. A suspensão ou inibição cortical coincide com a representação consciente; tanto vale dizer: que a inibição normal, nas excitações cerebraes, representa-se na consciencia como o despertar de tendencias diversas, e a concepção de varias modalidades de acção.

(1) A inibição é sempre um phenomeno central do aparelho nervoso; quer dizer, entre o ponto da excitação inhibitoria e os musculos inibidos ha necessariamente uma massa de substancia cinzenta, porque a excitação inhibitoria se resume em provocar uma interrupção da corrente nervosa que devia ir ter ao musculo.



CAPITULO XX

A VOLIÇÃO

Caracter necessario da volição. — Factores da vontade. — Analyse objectiva das reacções voluntarias. — Phases características da volição. — Os "motivos" da vontade. — Organização do acto volitivo. — Inibição e vontade; virtudes neutras. — Papel da ideia na volição. — O esforço volitivo. — Attenção e vontade.

1. A vontade, que se define como — organização da acção consciente e reformavel, comprehende o conjuncto de operações com que se fecha a reacção psychica integral (pag. 16). Pelo seu proprio character, ligam-se essas reacções a excitações que decorrem das variaveis relações com o meio, e que despertam no individuo diversas tendencias. Dest'arte, logo se destacam ahi dous factores: — a necessidade de refazer as condições pessoas de adaptação, e a multiplicidade das solicitações internas. São esses factores que, na actividade psychica, dão logar ás manifestações voluntarias. Em verdade, toda actividade psychica pôde ser considerada como *anecedente* de volições, porque a vida psychica se faz e se passa num entrelaçado de reacções, de que a vontade é o ultimo termo. Das proprias condições da existencia humana, decorre que a todo momento se cream dessas conjuncturas — em que a acção se deve reformar; então, no subjectivismo da consciencia, por entre o impulso do desejo e a lucidez do conhecimento, vemos surgir a nova forma de processo psychico — o acto de vontade. Não seria justo, no emtanto, dizer que elle resulta da

"convergencia" desses dous factores — o *desejo* e o *conhecimento*, porque, em muitas circumstancias, a volição se traduz numa luta contra o desejo expresso. Fôra melhor considerar a vontade como verdadeira "composição de interesses lucidamente definidos".

2. Para caracterisar os factores da elaboração volitiva, a expressão — *interesse* é bem mais propria que a de *desejo*, porque este é apenas a forma consciente e momentanea de uma tendencia que se actualisa; ao passo que — o interesse é a formula permanente, subjectiva, de cada uma das tendencias que avivam e sollicitam o individuo. O caracteristico do acto volitivo está em que, em face dos desejos que se pronunciam e das novas situações que se crêam, ha como que um appello a toda a experiencia adquirida, no intuito de bem discernir ahi os verdadeiros interesses. A primeira consequencia do choque de tendencias nas reacções psychicas é, já o assignalámos — a parada subita, inhibitoria, de qualquer acção immediata. Então, desde que, a inhibição se accentua, a situação especial e nova se impõe á consciencia como representação. Sob a influencia dos estados affectivos, pronuncia-se uma viva *atenção*, e a *imaginação* é fortemente estimulada. E' de notar que são esses os dous aspectos da vida mental sobre os quaes tem maior influencia directa a affectividade. Evocam-se os interesses sob a forma de prazeres, ou de dores, imaginados, e de consequencias que se *prevêm*. Com o inevitavel conflicto das tendencias, reforça-se o estado de atenção, e, na convergencia activa de toda a experiencia mental, ao campo da consciencia acodem as noções e os conhecimentos referentes a situações analogas. A reacção se complica e se prolonga, mas ao mesmo tempo se caracteriza como reacção de escolha; o processo se enriquece cada vez mais com a chusma das ideias que affluem, e com os novos desejos que se definem, até que predomina definitivamente uma tendencia, concretisada numa representação que se affirma — como typo de solução a realisar-

se. Então, podemos dizer: a solução é sempre precedida por uma ideia, e determinada por um sentimento (manifestação da tendencia vencedora), resultando do conteudo inteiro da consciencia. Nestas condições, como os actos volitivos incluem sempre pronunciados estados de atenção, tambem se define a vontade — actividade intelligente e *attenta*.

3. A analyse objectiva do acto voluntario faz reconhecer que o seu mecanismo é, apenas, uma extensão do proprio mecanismo dos reflexos, e com isto, comprehendemos, desde logo, que não ha, na manifestação da vontade, nenhuma criação de energia, nenhuma producção realmente expontanea de excitação, mesmo porque isto equivaleria admittir — effeito sem causa. No entanto, para apreciar lucidamente o complexo processo volitivo, isto é, a realisação integral e effectiva das reacções conscientes, é mister comprehender que, sob essa forma, a transformação das excitações sensoriaes em estímulos motores se torna muito extensa e prolongada (1). O cerebro humano é muito rico em effeitos resultantes das impressões recebidas, e muito rico tambem em centros e em systematisações funcçionaes, capazes de se associarem em diversas direcções. Disto decorre que as excitações que para ahi se encaminham dão lugar, forçosamente, a reacções que se multiplicam na enredadissima teia do manto cortical, e que, quanto mais se disseminam, mais se complicam, devido ás muitas associações que se formam. Na subjectividade da consciencia, todas essas derivações e associações se afiguram como *possibilidades*; novas excitações sobreveem, e todas se accusam como outras tantas representações de — cousas que nos affectam e nos interes-

(1) Para ter-se uma idéa das desenvolvidas systematisações comprehendidas no acto de vontade, basta saber que o "tempo de reacção" no reflexo é, apenas, de 50 millesimos de segundo, ao passo que o tempo de reacção do mais simples dos actos voluntarios é, em media, de 150 millesimos. Chama-se "tempo de reacção" o periodo que vae da impressão á realisação do movimento que a elle responde.

sam. Cada uma dessas excitações equivale a um reforço de determinada tendencia; então, na trama das systematisações corticaes, fazem-se e desfazem-se as associações, sob a formula subjectiva de — hesitações e de escolhas. Para a consciencia que se contempla e conhece a acção sob essa forma de “escolha”, para ella, que *sente* a combinação e o desenvolvimento do acto sob o aspecto de “esforço”, a realisação da vontade tem uma significação de — *poder pessoal*. Não esqueçamos, porém, que a ideia de “*poder*” surgiu no espirito justamente para definir o respectivo estado de consciencia, isto é, o que sentimos em nós, quando se opéra a escolha volitiva (1).

4. O acto de vontade, que tão característico e definido nos parece, é uma synthese, cujos elementos psychicos são esses mesmos processos que formam o material da vida mental e affectiva: *representações e estados affectivos*. De facto, no processo da volição só encontramos um factor novo — a *reacção inhibitoria*, com que ella começa; mas esse mesmo tem aspecto negativo. Donde concluimos: que as propriedades do acto de vontade se ligam á fôrma de organização da respectiva synthese, cujo mecanismo se caracteriza pela manifestação dos phenomenos inhibitorios. Na volição caracterisada, podemos discernir tres periodos essenciaes e característicos: *a)* o de *inibição pura*, inicial; *b)* o de inibição motora e de elaboração psychica, isto é, de *classificação mental e affectiva* da situação; *c)* o de *realisação externa*, ou cessação do tonus inhibitorio. Esta ultima phase pôde faltar — todas as vezes em que a resolução é: *não agir*.

Na generalidade dos casos, as cousas se passam

(1) *Poder* é simplesmente uma definição subjectiva, para distinguir em consciencia os actos mecanisados, dos reformaveis. E' de facto, absurdamente byzantino o discutir-se: si temos, ou não, um “poder de vontade”, para terminar — mantendo essa mesma designação aos actos hesitantes e variaveis... ou ir buscar uma outra designação, que nada significa, porque — definir não é explicar, nem demonstrar.

do seguinte modo: dada a excitação, com o choque de diversas tendencias, pronuncia-se a *inibição* total; mas, desde que a situação se desenha na consciencia, as tendencias mais fortes, entre as que foram solicitadas, determinam a ideia ou a concepção de tal, ou taes reacções possiveis; todavia, persistindo o contraste entre as tendencias e o concomitante estado inhibitorio, accentua-se a intervenção da intelligencia, com a bagagem de toda a experiencia adquirida, e desenvolve-se um trabalho mais ou menos longo — de cotejo de motivos, previsão de consequencias, e exame de possibilidades — é a *deliberação* propriamente dita; finalmente, ha um sentimento que domina, forma-se a *resolução*.

5. Como se vê, a organização da synthese volitiva se faz no segundo periodo — de “classificação da situação”, o qual, por sua vez, comprehende tres phases: *concepção* das reacções, *deliberação* entre os motivos, e *decisão* ou resolução interna da crise. Na concepção, dominam evidentemente os elementos affectivos. As primeiras ideias do acto a realisar, isto é, da decisão a tomar, correspondem sempre ás tendencias mais vigorosas no momento; mas todas as outras tendencias que foram estimuladas manifestam-se, tambem, e representam-se no campo da consciencia por outras tantas concepções, ou ideias de decisões possiveis. Estabelecem-se, então, as alternativas, e o espirito é solicitado em sentidos differentes, oscilando, dest’arte, entre diversos “motivos”... E’ a segunda phase que se inicia, phase caracteristica, e bem mais longa do que qualquer das outras. Esses *motivos da vontade* são as solicitações explicitas das tendencias, concretisadas e definidas em ideias de actos e resoluções. E’ na deliberação que a experiencia adquirida se faz valer; ha uma vigorosissima intervenção da intelligencia, com todos os recursos da memoria, do raciocinio, da imaginação... Cada ideia que surge, cada pensamento que se desenvolve, cada reflexão que se pronuncia, produz reforço de inibição. Por isso

se diz: as ideias que se evocam no processo da volição têm, primeiramente, um effeito inhibitorio. Realmente, essa é a verdadeira phase de elucidação da situação, e enquanto perdura na consciencia a respectiva revista de motivos sob a forma de ideias, toda reacção effectiva se suspende, até que, discriminados os interesses, e apreciadas as condições possiveis da acção, se faz a decisão. Muitas vezes, nesse rebuscar de motivos, uma tendencia, pouco estimulada a principio, reforça-se, graças a representações que occorrem e que sobre ella actuam como outras tantas excitações; e o espirito se decide no sentido de satisfazer-a. Cumpre notar, porém, que o effeito das ideias que assim acodem na consciencia da volição, não é tanto o de reforçar as tendencias a que estão associadas, como o de inhibir e amortecer as tendencias contrarias. E' assim que a resolução primitivamente difficil, pôde tornar-se bem facil, graças ao effeito inhibitorio de uma imagem, ou ideia, que surgiu. A intervenção da intelligencia é, por conseguinte, capital e caracteristica em todo esse periodo de deliberação; mas, realmente, ella consiste em reforçar umas tendencias e afastar outras, de sorte que, quando a decisão se estabelece, é porque um determinado sentimento se firmou definitivamente na consciencia, dominando todos os outros. A resolução é, pois, a definição de uma tendencia victoriosa, assim como a concepção é a expressão das diversas tendencias solicitadas.

6. Essa longa analyse terá servido para indicar as formas e as condições da evolução e da formação da vontade. Vimos em que consiste o seu mecanismo essencial, quer dizer: discriminamos a marcha necessaria do acto volitivo; reconhecemos a origem das primeiras inspirações (concepção); apreciamos a organização dos *motivos* e a natureza dos factores que lhes dão valor; e verificamos, finalmente, como e porque um motivo se impõe á decisão do espirito. A concepção é a explosão, mais ou menos expontanea, das tendencias actuaes; a resolução é a afirmação de uma

tendencia verificada á luz de toda a experiencia, graças á suspensão inhibitoria. Nestas condições, é evidente que o caracter das concepções iniciaes depende exclusivamente da natureza das tendencias, e, por conseguinte, das paixões e dos sentimentos. Disto depende tambem, de um certo modo, o caracter da resolução definitiva, porque ninguém se decide no sentido de tendencia que não possua. Donde resulta que a formação da vontade, desacompanhada da cultura dos sentimentos, jámais poderia produzir um typo humano, razoavel e moral. Mas, resulta tambem da analyse feita, que uma "vontade affirmativa e intelligente" é indispensavel e essencial na constituição do caracter, porque, dado o encontro de tendencias, e as possibilidades de reacções, a acção humana, conveniente e perfeita, exige rigorosa methodisação de processo e um lucido cotejo de tendencias, assistido de toda a experiencia adquirida.

De dois modos se accentuam os actos de vontade: na *regularisação* do processo, para a realização explicita e proporcionada de cada uma das suas phases; e na orientação especial da *deliberação*. O primeiro aspecto se refere exclusivamente á *forma* do processo, e fica um tanto alheio á natureza da decisão; o segundo refere-se especialmente ao cortejo e a distribuição dos motivos que determinam a *natureza* do acto resolvido. Accentuemos, porém, desde já que não é possível chegar á regularisação do processo volitivo, sem, de alguma sorte influir na orientação da resolução, porque, em summa, a chave dessa regularisação é a inibição, cujos factores principaes são as ideias, e essas não podem ser neutras: inibem um sentimento, desviando para outro. Por outras palavras: a *forma* da volição depende em grande parte dos motivos que a orientam.

7. Já vimos que ha, na volição, duas phases de inibição: uma primeira, de inibição total e pura, phase aliás muito curta, e que tem como resultado permittir que se representem as concepções, e dar lo-

gar á intervenção da intelligencia; e uma segunda, de inibição externa, mas de forte trabalho interior. Com a necessaria evolução do espirito, accentua-se a primeira phase, e ao mesmo tempo se attenuam os elementos emotivos que acompanham a excitação inicial. Os resultados dessa evolução traduzem-se como — *presença de espirito, calma, dominio do individuo sobre si mesmo*. . . excellentes qualidades neutras, e que denunciam sempre pronunciada capacidade inhibitoria, expurgada de vehemencias affectivas. Essas virtudes neutras, si bem que negativas, têm grande importancia para a vida moral; são ellas que, desde logo, permittem soffrear os impulsos. Toda acção impulsiva é moralmente inferior, mesmo quando se trata de "bons impulsos", porque é bem certo que essas tendencias que os alimentam, coordenadas em acção reflectida, teriam effeitos bem mais pronunciados. Não esqueçamos, porém, que essa primeira phase — como suspensão total que é, tem de comprehender, apenas, o tempo necessario para que se inicie o processo normal da deliberação. Prolongada a inibição total, cae o espirito na estupidez e na passividade, isto é, torna-se incapaz de querer. Para o perfeito curso da vontade, faz-se preciso que, dominado o impulso, intervenha immediatamente a experiencia, cujos dados elucidativos, como outros tantos soffreadores, ou estimulantes, vêm então encaminhar a volição.

8. Já mostramos que, nessa conjunctura, o principal papel cabe ás ideias, em virtude do seu poder inhibitorio. Não se trata de ideias quaesquer, e sim daquellas que se evocam no conflicto dos sentimentos, e que estão, por conseguinte, a elles associadas. Nellas se concretisa todo o jogo de motivos, no intimo processo da volição. A decisão é sempre expressão de uma tendencia que se impõe no campo da consciencia; mas, antes que a tendencia vencedora se affirme definitivamente, ha cotejo entre as differentes solicitações, ha exame de possibilidades e de alvitres; ha fluctuações no querer, fluctuações e hesitações que são,

de facto, variações na afirmação das tendências. Essas variações formam a propria trama da vontade, e todas ellas se traçam na intelligencia, como outras tantas *representações* — de possibilidades e alvitres. O proceder se exprime como *resultante* de impulsos e inibições que se pronunciam e se encontram no campo da consciencia. E' de notar, porém, que as inibições e os impulsos se accusam concretisando-se em *ideias* — de actos a realisar, ou de consequencias a evitar. Em todo momento, ha, como objecto offerecido á vontade, uma ideia mais poderosa: é a *ideia focal*; e a volição resulta, então, da sua vigorosa attracção, em contraste com a tenaz resistencia das *ideias circumstantes*. O modelo da volição é, portanto, o proprio movimento voluntario — effeito apreciavel da differença de esforço entre contracções de musculos antagonicos. Assim como, no movimento, servem os musculos oppositores de guia e de reguladores, tambem na vontade, servem as inibições para regular e canalisar os surtos de acção. Dentro em pouco, estudando o character, veremos que o reforço da reacção inhibitoria constitue um dos seus aspectos distinctos. Por ora, assignalaremos que a excellencia da vontade não está em eliminar as inibições, mas em organizar, através dellas, uma actividade lucida e efficaç. O despota, que não conhece inibições, não chega a ser o typo da vontade lucida, intrepida e segura; a sua acção será sempre impulsiva, obstinada, ou caprichosa, sem freio, sem ductibilidade, nem opportunidade.

9. Sob o aspecto puramente psychico, o acto de vontade tem um character formalmente pessoal, por ser ao mesmo tempo — desejo e acção. E' a manifestação genuinamente affirmativa e definidora da individualidade. Por isso mesmo, no subjectivismo da consciencia, a vontade tem, como vimos, a significação de um "exercício de poder". Em linguagem subjectiva, não se lhe poderia dar outra designação, uma vez que, no querer, o individuo "sente poder até contra si mesmo..." E é nesse momento que mais nitida se re-

presenta a volição, por ser o “querer esforçado”, feito de luta íntima, intensa e aturada. No entanto, si analysamos o *esforço volitivo*, que é o característico em tal caso, verificamos que elle se resume, de facto, no *esforço* de attenção — para manter na consciencia a representação de um acto. A ideia, pelas suas propriedades — ora, inhibitorias, ora, excitantes, sendo mantida na consciencia, vale como um centro de attracção para as associações coherentemente favoraveis, e acaba afastando, ou eliminando, as associações divergentes, que seriam outras tantas possibilidades e formas de decisão. “O esforço de attenção é o acto essencial da vontade”, assignala W. James. Realmente, só assim podemos comprehender os casos em que a deliberação parece contraria aos interesses pessoais definidos e patenteiados.

10. Entre as categorias mentaes, a volição tem o valor de um julgamento: *fazemos o que julgamos dever fazer...* Ao mesmo tempo, verifica-se que as nossas deliberações correspondem a uma dessas tres formulas: 1ª, ponderamos todos os motivos, *prós e contras*, e decidimos *como nos convém* — segundo nol-o dicta o sentimento, esclarecido pela razão; 2ª, ponderamos... reconhecemos que a boa resolução seria tal, mas uma circumstancia exterior — a lei, por exemplo, obriga-nos a decidir contra o que julgamos mais conveniente, isto é, contra um interesse patenteiado; 3ª, tudo ponderado, os *prós* e os *contras* se equivalem, o que importa é tomar a deliberação... Como se vê no primeiro caso, não ha esforço propriamente dito; mas as duas ultimas formulas, principalmente a segunda, são de typo esforçado. Ora, é nessas duas hypotheses, justamente, que se exige um maior poder de attenção para manter na consciencia a ideia da deliberação a tomar. Em verdade, nenhuma deliberação se affirma sem um interesse que a determine; mas esse interesse pôde ser positivo, ou negativo. Nos casos figurados — de esforço, esse interesse é de aspecto negativo, e, sendo assim, só por um appello especial

à atenção é possível manter na consciencia a representação do acto respectivo. Tudo resumindo: ha esforço volitivo sempre que a decisão se pronuncia contra uma vantagem ou interesse positivo, em nome de uma formula negativa — sacrificar uma vantagem para evitar um damno... Nestas condições, a ideia da decisão firma-se na consciencia por um esforço de atenção, e é nisto que se resume o “esforço volitivo”. Si nos lembramos que, por sua vez, a atenção póde resultar de um acto de vontade (pag. 46), parecerá, talvez, insufficiente esta explicação do processo volitivo esforçado. Ella teve por fim accentuar a importancia do aspecto — atenção, na volição. Em synthese, o caso deve ser interpretado nestes termos: no esforço, quer para conhecer, quer para achar a formula de agir, o processo volitivo se funde no processo da atenção.



CAPITULO XXI

NORMALISAÇÃO DA ACTIVIDADE CONSCIENTE

Psychismo: aquisição, reforma e estabilidade. — Tendência á normalisação; formula da personalidade: iniciativa e habito. — Organização da actividade cerebral. — Condição physiologica da normalisação. — Propriedades e caracter dos mecanismos automaticos. — Habito, automatismo e vontade. — A consciencia nas reacções automaticas. — Habito de "contrôle". — Classificação dos habitos. — Aquisição dos habitos. — Reforma dos habitos. — Reflexo e habito. — Absorção dos reflexos.

1. A vida psychica organisa-se e caracteriza-se sob a forma de — normas que se instituem. As funcções conscientes definem-se no curso da vida livre, após o nascimento; e si as reconhecemos e distinguimos como *funcções*, é justamente porque, no seu desenvolvimento natural, ellas tendem a realisar-se, desde logo, sob o aspecto de processos regulares e distinctos. Quer dizer, as reacções de relação com o meio se fazem ordenada e systematicamente, com relativa estabilidade. Na realidade das cousas, o psychismo resulta das variações do meio exterior sobre o equilibrio da actividade interna, e responde á accommodação da uniformidade e estabilidade interior á instabilidade externa. Por conseguinte, os processos variam, quanto aos effeitos immediatos, na medida das exigencias de accommodação; mas, em essencia, elles têm a estabilidade, a systematisação e a uniformidade coerente da propria actividade interna, de onde derivam. O psychismo é a capacidade de ada-

ptação e de reforma pessoal, com a normalisação das novas reacções; ou, melhor: é a capacidade de reforma das normas individuaes, garantindo-se ás novas formas a necessaria *estabilidade*. Nas manifestações comuns da actividade consciente, essa necessidade de normalisação, essa tendencia á estabilidade, toma o nome de *habito*. E a experiencia nos mostra, de modo nunca desmentido, que, organizada a actividade psychica do individuo por um modelo qualquer, a força do *habito* manterá depois as praticas e as formas de acção.

2. A irresistivel tendencia á normalisação dos actos e á systematisação dos processos repercute na consciencia de modo caracteristico: dada uma excitação psychica, a reacção correspondente se cumpre difficilmente, pela primeira vez — sob a forma de attenção rigorosa e exclusiva... Repete-se amanhã a excitação: a reacção se faz mais francamente... Repete-se ainda... duas vezes, tres, quatro... Com isto, a realisação se vae tornando mais prompta e mais facil, até que toma o character de quasi expontaneidade, e converte-se em movimento automatico, sub-consciente. Dest'arte, *iniciativa* e *habito* dão a formula da vida psychica: iniciativa, porque as variações do meio o exigem; *habito*, porque o organismo é, em si mesmo — systematisação e uniformidade. Por isso, toda personalidade se apresenta como — uma organização de funções conscientes, orientadas intelligentemente, mas normalisadas e regulares, objectivadas numa successão de actos habituaes, *rhythmados*, de formas estaveis, constantes, si bem que possam e devam evoluir. De facto, a individualidade consciente é uma synthese de *habitots*, *dirigindo-se* e *querendo* intelligentemente. No dominio da actividade mental, devemos considerar como expressão dessa mesma tendencia á normalisação toda systematisação de processos, todas as formas fixadas e repetidas. A memoria, especialmente, traduz de modo implicito a realidade do *habito*. O proprio conhecimento só se explica pelo *habito* (pag. 93). O preconceito — é um

habito de ajuizar... A affectividade, pelo seu character subjectivo, é ainda mais fixada em habitos do que a intelligencia. Virtudes e vícios... sentimentos e paixões... são outros tantos habitos. E assim se desenvolve toda a vida moral. E' por isso que mais facilmente distinguimos e definimos os individuos pela moralidade do que pela intelligencia. Quanto á vontade, esta só existe realmente quando se firma no *habito superior* — de dominar os impulsos e de fiscalisar a conducta. Isto se faz como habito, mas é a essencia mesma do querer. Demais, a vontade lucida e caracterisada toma a forma de uma norma ou *regimen de vida*: ha um *habito de querer*, isto é, de não fugir, nem esquivar-se, em face das situações que a vida vae continuamente offerecendo, e de procurar resolvel-as intelligentemente. A relação do habito com a vontade inclue um dos mais importantes capitulos da Psychologia, porque, como veremos dentro em pouco, a caracterisação do individuo e a sua efficiencia dependem muito da forma que tomam essas relações.

3. O habito corresponde essencialmente a uma propriedade geral da materia viva, e de certo modo da propria materia bruta: a propriedade de accommodação dynamica. Impressionada a substancia de um corpo qualquer, sob o choque das vibrações que o agitam, a sua contextura intima se modifica um tanto, guarda vestigios das impressões recebidas, e de certo modo se ajusta ás acções que se repetem. Nos seres vivos, esse facto se pronuncia de modo patente e necessario. O protoplasma assimila as formas dos choques e das vibrações que o impressionam, como assimila os proprios alimentos. Nisto se resume a realisação adaptativa. Esta assimilação dá lugar, inicialmente, a uma imitação, mas a esta se seguem, desde logo — *repetições* da imitação; quer dizer — repetição das formas assimiladas, e que assim se convertem em habitos. Nos organismos superiores, o systema nervoso, por ser o systema de órgãos em que

se differenciou a funcção essencial — da irritabilidade, é um aparelho eminentemente plastico; nelle se imprimem, sob a forma de excitações, as vibrações e os movimentos que impressionam o organismo, de sorte que a reacção correspondente é, de certo modo, uma assimilação do excitante, e a elle se adapta. Quando não, perece o organismo. Já tivemos occasião de ver que o reflexo é uma reacção directa, mas patentemente accomodada ás condições da impressão. Nesses actos se condensam adaptações que se vêm realisando atravez de toda a evolução da especie; o "nevraxe" as guarda, e, por herança, são ellas transmittidas.

4. Os reflexos representam, certamente, reacções uteis, de organização immediata, e que a evolução natural selecciona e conserva. Só indirectamente — pelas suas relações com a actividade consciente, interessam elles á psychologia. Em compensação, os habitos interessam especialmente á elucidação psychologica, porque são acquisições e normalisações de caracter individual, e constituem systematisações e mecanismos nimamente psychicos, que se fixam no cerebro mediante processos conscientes, geralmente intelligentes e voluntarios. A normalisação das reacções psychicas e a fixação das formas traduzem subjectivamente a propria organização do cortex cerebral (pag. 34). O cerebro humano é um aparelho prodigiosamente rico; as suas funcções superiores se instituem após o nascimento, porque ellas correspondem justamente á vida consciente do individuo. Donde resulta que todo elle funciona como um verdadeiro aparelho de repetição: repete as impressões recebidas (imitação), e repete-se a si mesmo (habito); e com isto as formas psychicas se reforçam e se apuram. O cerebro absorve e guarda... O espirito adquire e conserva...

Cumpra notar que a tendencia ao habito soffre excepções, segundo a natureza das excitações que determinam os actos novos. E' bem certo que ninguem

se habitua a "queimar os dedos"; mas habitua-se a evitar a chamma, e a lidar com ella sem se queimar. Attendendo a isto, podemos definir: habito — tendencia a repetir as reacções que nos são agradaveis ou convenientes.

5. Ao habito liga-se immediatamente o automatismo, que vem a ser — a forma mecanisada e o tom subconsciente com que se realisam as reacções habituaes. Em verdade, a actividade consciente paira sobre um sedimento ou uma teia de automatismos, pois que todas as nossas reacções, ainda mesmo as de character superior, incluem um grande numero de formas habituaes. Imagine-se o caso de um juiz — ao lavar uma sentença de morte!... E' um acto gravissimo, essencialmente reflectido; no entanto, quantos automatismos não concorreram para a sua realisação?!... Consideremos que, desde o primeiro momento, forma-se o espirito sob o influxo dessa tendencia ao habito, tendencia que é expressão de uma formula da vida — assimilação e repetição. Nestas condições, o desenvolvimento da personalidade se condensa numa normalisação de reacções, qualquer que tenha sido a origem da reacção. Dá-se, então, que por effeito do proprio habito, e como consequencia da repetição, a mecanisação das formas funcçionaes se torna cada vez mais completa, e mais nitida a coordenação dos movimentos, devido á fixidez das systematisações que se instituem. A reacção se accomoda ás possibilidades pessoaes, e a reacção, no seu todo, se transforma num mecanismo de rhythmo proprio, o qual, uma vez estimulado, por si mesmo se dirige e se effectua. Ora, nós já o sabemos (pag. 38) que a representação consciente de uma reacção qualquer é funcção da sua novidade, e corresponde ao tacteio do organismo para achar a formula conveniente de coordenação. De sorte que, tornando-se automaticas, as reacções se fazem — mais perfectas e menos conscientes.

6. Physiologicamente, caracteriza-se o automa-

tismo pela facilidade da acção, a sua promptidão, a bôa coordenação dos movimentos e a economia de forças, pois que ellas se limitam ao que é estricitamente necessario para os effeitos positivos. Tudo isto resulta do exercicio e da repetição. Psychologicamente, acompanha-se o habito de diminuição do esforço volitivo, eliminação da attenção, regularisação crescente da realisação, e a sua absorpção na elaboração subconsciente. São outras tantas vantagens. A intelligencia e a vontade não poderiam permanecer presas a uma mesma reacção, cuja repetição se torna necessaria. Além disto, a intervenção incessante da intelligencia sobre esse acto que se deve repetir, retardal-o-ia, embaraçando-o necessariamente, porque a intelligencia é — exame, comparação, julgamento, conclusão... No automatismo, pelo contrario, exame, critica e julgamento estão definitivamente feitos; são processos intermediarios que se afastam, ou se suprimem; tudo se accelera — mecanicamente, e a acção, apenas indicada pela excitação (sensorial ou ideal) que a desencadeia, desenvolve-se immediatamente, sem choques, sem hesitações. Mal se comprehende o que seria a complexa actividade humana, si justamente essas formas mais *complexas* de acção não englobassem uma forte somma de automatismos, cada um dos quaes se faz tão perfeitamente como si a consciencia o acompanhasse em todos os pormenores. Essa quêda no gráo de consciencia dos actos habituaes, essa *eliminação de intermediarios* mentaes, indica realmente que, sendo exteriormente equivalentes — o acto deliberado e o automatico, intimamente não são idénticos, nem physiologica, nem psychologicamente; na passagem para o automatismo, a reacção se *simplicificou*, e o número dos systemas elementares postos em jogo se tornou muito menor.

7. Tudo resumiríamos, dizendo: o espirito solidifica a sua estrutura, guarda os seus processos apurados, e reduz o seu trabalho, convertendo as suas reacções habituaes em mecanismos automaticos. En-

tão, os actos se tornam: objectivamente, mais promptos, regulares e perfectos; subjectivamente, mais facéis e menos conscientes. De facto, devemos considerar o habito uma adaptação realisada, e o automatismo, uma reacção fixada. São condições vantajosas, por certo; si consideramos, porém, que a actividade psychica vem corresponder, essencialmente, ás necessidades de adaptação e de reforma, reconhecemos, desde logo, que esse aspecto — vigor dos habitos e solidez dos automatismos — é de grande importancia na elucidação da vida consciente, porque, sendo o habito uma garantia necessaria como normalisação, pôde ser, tambem, um obstaculo ás reformas, si a vontade lucida não tem sobre elle um ascendente real e nitido. Em condições normaes, na generalidade dos casos, os automatismos, derivando de reacções originariamente voluntarias, persistem no dominio da vontade, subordinados a actos conscientes e reflectidos, não só porque vêm concorrer frequentemente na organização de reacções mais complexas, como porque, muitas vezes, esses mesmos automatismos se têm de reformar e corrigir, sob a orientação intelligente da vontade. Tal acontece quando o individuo reconhece, por exemplo, um defeito no articular as syllabas, devido á precipitação da dicção; para corrigir-se, elle trata desde logo de tornar mais lento e mais nitido o seu falar.

8. O caso de habitos incluídos em reacções complexas e reflectidas, e de automatismos dependentes de representações e deliberações, é tão commum e necessario na actividade psychica e consciente, que se deve considerar como regimen normal. Evidentemente, são as praticas mais geraes e frequentes que desde logo se tornam automaticas: os misteres communs, a marcha, a palavra... Ora, esses actos que se mecanisaram de modo completo, só por excepção se poderiam desenvolver isoladamente. Em regra, elles devem concorrer para um objecto superior, complexo, consciente e reflectido: quem cósse, tem uma obra de-

finida a realizar... quem fala, tem alguma cousa a enunciar... quem anda, vac a alguma parte... Quer dizer, em qualquer dos casos, ha uma deliberação a executar; o automatismo se processou em virtude de representações, ou de motivos mais ou menos conscientes, e que influem na sua marcha. Esses motivos mantêm, então, o conjuncto da reacção no dominio do consciente. Isto, porém, não tira ao automatismo o seu character mecanico. Só intervenção directa da vontade pela deliberação especial de reformar o proprio mecanismo, pode fazer perder, momentaneamente, a uma dessas praticas, o seu automatismo. E' o que se dá, no caso já indicado — do individuo que corrige a sua articulação, ou ainda no caso de quem procura imitar um character de lettra. Toma aspectos muito varios essa dependencia dos automatismos, relativamente aos actos reflectidos. De diversos modos póde intervir a consciencia no processo do mecanismo automatico, mesmo quando não se trata de dissolver o automatismo, como nos casos já apontados. Quem tem de fazer uma copia, onde ha palavras a sublinhar, ou palavras estrangeiras, reforça a consciencia, mas não chega a destruir o processo geral automatico; tudo se resume em manter um estado de attenção expectante — para não deixar passar as palavras que devem ser escriptas de modo especial.

9. Ha uma outra forma de *consciencia attenta* — no desenvolver de automatismos: a do esgrimista, ou da generalidade dos "sportmen", nos seus exercicios, e tambem a do executante "virtuose", no piano. E' consciencia perfeita, attenção intensissima, e ao mesmo tempo absoluto automatismo: um chispear nos olhos do adversario, um choque no florete, e eil-o que promptamente — automaticamente, vem com a resposta, parando o golpe que apenas foi presentido. E' que neste caso, como no caso do pianista, a attenção se applica principalmente aos sentidos, — para apanhar de prompto os gestos que se succedem; por-

que, dada a percepção, a ella se segue *automaticamente* a resposta. São iniciativas automaticas. O "virtuoso", por sua vez, quer apenas ler a musica; percebidas as notas e as demais indicações da pauta, a sua compleição educada, de musico, realizará automaticamente a execução. O habito sustem por si mesmo a attenção. E é isto o que se dá com o passeante, que não retira de todo a attenção do caminho — para ver e perceber os accidentes que surgem; percebidos estes, automaticamente, por elles se regulará a marcha. Em todos esses casos, ha um habito superior, uma pratica consciente, dirigindo praticas elementares; a consciencia, ali, é percepção e é "contrôle", porque ella acompanha tambem o seguimento, e aprecia os resultados, prompta a modificar as linhas geraes do processo, si as condições especiaes — do adversario, do auditorio, ou do caminho, o exigem. Entre esses dous casos extremos, do esgrimista e do passeante (mas sempre nessa mesma ordem de relações), encontra-se o caso da velha rendeira, á almofada. Seguindo o desenho da renda, no papelão, correm os seus dedos ageis, por entre as dezenas e dezenas de fusos, que ella tece e enlaça, em pontos contados e medidos, ao mesmo tempo que vae alongando as linhas, á proporção que as *sente* mais curtas. Tudo isto se faz automaticamente; todo esse complicado e maravilhoso trabalho é dirigido e regulado por sensações que vão desencadear directamente os centros motores. A attenção sensorial (chamemol-a assim) mantem-se presa ao papelão; mas a intelligencia vagabundeia: a rendeira pensa na vida, tagarela, ouve, replica. . . no entanto, não deixa de estar prompta a intervir para alterar ou ajustar um detalhe, si é necessario. O mais interessante é que, muitas vezes, essa intervenção esporadica se faz tambem automaticamente, antes de qualquer decisão deliberada: surge um nó, embaraçando uma das linhas — eis que as mãos, muito peritas, acodem promptamente a desfazer a fusada, para refazer-a depois. . .

10. E' bem digno de nota — que, por *habito* ge-

ral de "contrôle", o espirito conta com esses incidentes, que não chegaram, por conseguinte, a ser *imprevistos*; e é por este motivo que, automaticamente, se faz a correcção. No entanto, esse automatismo é intelligente; quer dizer — não é a simples repetição mecânica de um acto fixado, e sim a eliminação de um defeito, de accordo com as condições com que elle se apresenta. E' obvio que a intelligencia não pôde permanecer constantemente nesse estado de tensão, que é a reflexão; a grande vantagem, por conseguinte, está em que ella se torne *habito*, capaz de exercer-se automaticamente, sob o "contrôle" geral da consciencia. Ha circumstancias em que a propria pessoa pôde apreciar, como espectador á parte, essa intervenção, — essa manifestação da intelligencia automatica, ou expontanea. Subjectivamente, os factos se passam como si o consciente se tivesse dissociado do sub-consciente, para assumir uma attitude expectante (pag. 41). E' evidente que esse character se dissipa desde que a consciencia assume um aspecto formal de attenção observadora.

A analyse feita até aqui terá servido, não só para caracterisar as relações do habito com a vontade, como para mostrar quantas formas se apresentam nas reacções e nos processos habituaes. Existem *habitos elementares*, reduzidos geralmente a puros automatismos subsidiarios; *habitos geraes*, tambem sob a forma de automatismos — marcha, palavra, praticas banaes da vida corrente... Existem *habitos particulares* e complexos; *habitos inferiores, organicos*; *habitos superiores* — normas formaes de vida moral, orientações de character, que guiam o espirito como que automaticamente. Esses habitos superiores formam uma especie de cortejo da vontade, e a reforçam; nelles se solidifica o proceder do individuo: são quasi que irreformaveis. São tambem muito vivaces os habitos particulares.

11. Os habitos constituem a propria trama da vida psychica, e lhe dão a indispensavel constancia de

manifestações. Nelles se imprime e se concretisa o character; mas devem guardar, com a capacidade de vontade, uma formula tal de equilibrio, que lhe não entorpeçam a iniciativa, nem cheguem a tolher as reformas necessarias. Em verdade, não ha nenhum antagonismo essencial entre os dous processos, pois que o habito nasce muitas vezes de actos de vontade. Admitte-se que, numa personalidade normal, a vontade deve conservar uma ascendencia explicita sobre os habitos. E como os habitos não têm todos o mesmo valor, organisam-se e dispõem-se formando uma verdadeira hierarchia, sobre a qual reina o "querer". No emtanto, na realidade das cousas, é muito reduzido, ás vezes, esse poder — que sobre os habitos tem a vontade. Isto depende, em primeiro lugar, do character do individuo; depois, da natureza, origem e idade do habito. Ha pessoas realmente "escravas dos seus habitos"; são muitas vezes caracteres tibios, ou pavidos, de vontade fraca e inconsistente. E' de notar, entretanto, que tambem se encontra essa rigidez e constancia dos habitos em pessoas de vontade forte (com uma qual violencia); são vigorosas no habito, como são nas decisões. Para comprehender o quanto a influencia da vontade pôde variar, segundo a natureza e origem dos habitos, convém distinguil-os.

12. Tres condições dão especial solidez aos habitos: serem de natureza organica; concretisarem-se em praticas antigas; terem resultado de imposições superiores á vontade. Os habitos organicos — forma da marcha, accento da pronuncia, gesticulação, attitudes... são aspectos plasticos, e que só se modificam na infancia e na adolescencia. As praticas impostas, quando se implantam realmente, desde que toda a resistencia pessoal foi vencida, tornam-se especialmente tenaces; assim se formam as rotinas mais inveteradas. A mesma cousa acontece com os habitos que resultam de acções impulsivas repetidas. E' realmente o facto de ter passado por sobre a vontade que transforma uma pratica habitual em rotina ferrenha e irreformavel, e não porque ella tenha caído

da consciencia, convertendo-se em automatismo. Verifica-se, então, que o habito *escravisa*, quer dizer, resiste á vontade, desde que não se origine de acções nitidamente reflectidas. Elles tomam, nestas condições, o character de tendencias que se concretisam e se reforçam. Por isso mesmo, os mais resistentes dos habitos são os que resultam dos actos impulsivos. Neste caso, o habito não é, apenas, uma segunda natureza: elle é a propria natureza — definida e fixada.

O aspecto automatico da actividade significa especialmente — que o mecanismo da realisação está perfeitamente systematisado. Isto não tem relação directa com a resistencia dos habitos. Um automatismo formal e nitido póde não ser um habito ferrenho.

13. Ao contemplar a marcha necessaria das reacções intelligentes e voluntarias, derivando para o habito e a mecanisação automatica; ao verificar o que ha de commun entre o acto reflexo e o automatico, parece natural, racional e necessario — relacionar essas tres ordens de factos, e instituir com elles uma serie evolutiva: a reacção voluntaria degradando-se em acto automatico, e este fixando-se definitivamente em reflexo... Pura apparencia. Nada prova que os reflexos tenham sido automatismos, resultantes por sua vez de reacções voluntarias. Pelo contrario: a interpretação intelligente dos phenomenos faz crer que o reflexo é a reacção inicial e essencial do "nevraxe"; é a reacção normal de todas as formas inferiores, onde não existe um appendice cerebral capaz de reacções complicadas e extensas. Póde haver actos reflexos que derivem de automatismos fixados por herança; mas, em si mesmo, a forma reflexa, como processo de reacção, é necessariamente anterior á actividade intelligente, e corresponde immediatamente as condições da irritabilidade original, donde deriva a reacção psychica sensitivo-motora. No caso, é preciso distinguir os dous aspectos: o character necessario e immediato do reflexo (a que se liga a sua precisão e regularidade), e a forma mecanisada e justa que adquire a reacção voluntaria pelo facto da repetição. Por

mais frisantes que sejam as approximações que dahi resultem, não se devem confundir aspectos tão distintos, nem admittir essa marcha evolutiva — que nos traria do mais complexo e mais diferenciado para o mais simples e mais rudimentar. As reacções psychicas e intelligentes, normalisando-se, voltam ás formas mecanisadas porque toda organização é forçosamente mecanisação; mas, por sua vez, ellas surgem e se differenciam por sobre uma estratificação de reflexos primitivos, como o proprio aparelho cerebral se constitue e se differencia sobre o eixo rachiano que o precede.

14. O encephalo — o cerebro nomeadamente, não suprime o resto do “nevraxe”, mas domina-o; absorve grande numero das funcções inferiores, sem transformar, no entanto, as formas geraes de reacção. Por isso mesmo, a reacção psychica se póde considerar — modelada no reflexo. Dominando o “nevraxe”, o aparelho encephalico incorpora todas as coordenações complicadas, e prende nas suas dependencias todos os centros. E’ como se dissessemos que o conjuncto encephalico tem ao seu serviço todo os outros centros. Dest’arte, a evolução psychica se caracteriza justamente por essa absorpção das reacções espontaneas e independentes, enleadas no dominio da actividade encephalica, e — o que é mais importante — aproveitadas em reacções superiores, mais complexas e de character intelligente, como acontece com o reflexo do grito — aproveitado para a reacção altamente complicada e intelligente da linguagem (1).

Já tivemos occasião de accentuar a quasi ausencia de instinctos formaes no homem. O acto instinctivo é, por definição — um mecanismo de finalidade muito nitida, utilmente dirigido, como se fôra intelligente-

(1) O grito é um phenomeno essencialmente reflexo; a phonação representa uma appropriação do aparelho respiratorio (nutritivo) a complexas funcções de relação. O centro respiratorio é englobado em mecanismos psychicos.

mente combinado, mas que se coordena por um processo reflexo. Será temerario affirmar que os actos instinctivos não sejam fixações hereditarias de actos conscientemente combinados; todavia, será mais temerario ainda — o pretender que elles provenham de uma coordenação intelligente, pois nós vemos existir uma especie de contraste entre o valor da intelligencia e a efficiencia dos instinctos. Póde-se dizer que, na especie humana, os instinctos se dissolveram na actividade psychica intelligente e reformavel.

Synthese psychica

CAPITULO XXII

FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE — O DESENVOLVIMENTO PSYCHICO

A personalidade e o "eu". — Processos da evolução psychica. — O cerebro do recém-nascido. — Systematisações nervosas hereditarias; tendencias geraes. — Factores da formação psychica. — A consciencia do recém-nascido. — Primeira phase da vida psychica. — O alvorecer da intelligencia. — Primeiras inhibições systematicas. — Ordem de aquisições. — Primeiras aquisições mentaes. — Curiosidades. — Necessidade de unificação mental. — Egoismo. — Influencia social. — Tendencia a generalisar. — Aquisições symbolicas. — Logica da criança. — Segunda phase mental. — Quadro geral da evolução psychica.

1. A vida psychica realisa uma synthese propria, que é a personalidade ou individualidade consciente, e deve ser apreciada sob esse aspecto. A esta synthese attribuimos a qualidade de — ser humano. Desde que a actividade psychica se suspenda, e que a consciencia se elimine, a creatura moral deixa de existir realmente. Por isso, em cada um dos outros individuos, nós reconhecemos e distinguimos uma pessoa moral, psychologicamente caracterisada, assim como em nós mesmos sentimos e reconhecemos uma unidade de vida consciente, e consideramo-nos tambem como — uma creatura moral. E' o sentimento e a noção do proprio eu. A synthese psychica se forma com a orga-

nisação da consciencia; e, então, para estudal-a, devemos destacar : a *evolução* da personalidade, e a sua *caracterisação*. Isto é, devemos assignalar a marcha necessaria da *formação* psychica, e indicar os elementos de que resulta o *caracter* de cada personalidade. Por sua vez, a formação da personalidade, offerece á apreciação dous aspectos especiaes: o *desenvolvimento* ou a marcha, propriamente dita, da organização; e os *processos* geraes, mediante os quaes se faz a incorporação dos elementos que se organisam no espirito.

2. A verdadeira actividade psychica só póde começar depois do nascimento, de sorte que temos, no caso, uma iniciação a estudar. Nestas condições, a respectiva evolução comprehende: a) a *acquisição* das formas de reacção; b) a *expansão* ou desdobramento das reacções adquiridas em novas formas; c) a *normalisação* das reacções; d) a *correcção* das reacções instituidas. E' obvio que o espirito não se poderia organizar e attingir o gráo de desenvolvimento que é normal na especie, sem *adquirir* continuamente novas formas de reacção; porém, comprehende-se que a necessaria multiplicação das formas de reacção não se deve fazer somente como simples acquisições. Instituidos uns tantos modelos, desde que o individuo é solicitado, tende a applicar essas formas que já possui, esforçando-se por adaptal-as ás novas situações, *expandindo-se* em novas formas. Ao mesmo tempo ocorre que, por tratar-se de uma organização, toda essa actividade psychica se torna estavel, fixando-se em *normas coordenadas*. Finalmente, á evolução da personalidade impõe-se uma outra necessidade: o melhorar e reformar as reacções, *corrigindo* o que se demonstre improprio ou inconveniente. Digamos, desde já, que: a acquisição deriva de uma tendencia natural, irresistivel — a *imitação*; a expansão se realisa na *invenção*; a normalisação resulta de outra tendencia natural — o *habito*; e a correcção se faz por uma *substituição* de reacções.

3. Ao receber as primeiras impressões directas do mundo exterior, é a criança, de facto, um equivalente dos seres inconscientes, isto é, falta-lhe completamente a consciencia lucida. Não ha, nem poderia haver, nas suas repercussões intimas nada que possa ter valor representativo. O recém-nascido é principalmente um organismo, sobre o qual o cerebro ainda não estendeu a sua acção; mas esse aparelho já existe, e com a sua actividade que vae começar crear-se-á, na vida da joven creatura, uma segunda ordem de funcções, em que se incorporarão todas as relações com o meio. O aparelho neuro-cerebral nem está ainda inteiramente constituido, anatomicamente (pag. 27). E' uma massa plastica, apta a organizar-se e a formar combinações e systematisações, complexas e multiplas, de accôrdo com as impressões do meio. Não quer isto dizer, porém, que o systema nervoso da criança, ao nascer, seja um todo indeterminado, especie de "tabula rasa", cuja disposição funcional tenha de depender sómente dos influxos exteriores. Além das systematisações relativas aos reflexos puramente vegetativos, traz a criança na sua organização hereditaria grandes systematisações, correspondentes ás tendencias essenciaes do individuo: tendencias geraes, egoistas e sympathicas, tendencias caracteristicas da raça, da nacionalidade, da familia...

4. Todos esses caracteres se transmittem, e se totalisam na herança organica; tudo isto se fixa em systematisações nervosas, desde que o aparelho cerebral se vae constituindo. São systematisações geraes, vigorosissimas, que valem, porém, como predisposições. Então, desde que o cerebro seja excitado, no curso das relações com o meio, a excitação terá como resultado natural e necessario — o agitar as systematisações geraes ou predisposições, e dahi resultará que a actividade se fará de accôrdo com as impressões recebidas, mas orientada pelas systematisações congenitas (tendencias). Quer dizer, á medida que é solicitado, funciona o systema nervoso da criança, realisando reacções que são apropriações das syste-

matizações geraes ás condições da excitação. Faz-se assim a coordenação funcional, que será uma resultante — dos modelos, ou predisposições herdadas, e das exigencias do meio. A organização psychico-cerebral equivale, pois, ao desenvolvimento e á especificação das tendencias naturaes, em correspondencia com as condições particulares que lhes são impostas. Em summa: a formação da personalidade se realisa como resultante — das tendencias herdadas e da influencia do meio.

5. O desenvolvimento psychico da criança se faz sob o estímulo de tres ordens de influencias: I, excitações directas do meio cosmico; II, excitações, contactos, suggestões, exemplos... expontaneos, oriundos do meio social (educação natural); III, intervenções e suggestões systematisadas e *intencionaes*, com o fim propopositadamente educativo. As reacções provocadas pelas primeiras dessas influencias são bem originaes; dellas resultam conhecimentos directos. São ellas que põem em evidencia a equação pessoal, e fazem valer a iniciativa individual e a capacidade adaptativa. As influencias directas do meio cosmico solicitam principalmente as energias de expansão, si bem que provoquem tambem reacções imitativas, sobretudo, nos primeiros tempos. E' preciso notar que, desde muito cedo, na sua actividade psychica, absorve a criança as formas de reacções que o meio social, ou os educadores especiaes lhe suggerem, de sorte que as suas acções englobam geralmente elementos originaes e formas assimiladas. As duas ultimas categorias de influencias — de ordem social — confundem-se a principio, de modo absoluto, no animo da criança, e têm o mesmo valor; mas desde que ella começa a distinguir e a comprehender, essas duas ordens de solicitações — suggestões do meio e intervenções intencionaes — destacam-se no seu espirito, mesmo porque as simples suggestões expontaneas falam principalmente, ou unicamente, á imitação, ao passo que as intervenções educativas suggerem substituições, quando não *obrigam* a correções.

6. Admitte-se que a consciencia do recém-nascido seja nulla como valor representativo. Não tardará, porém, que ella se agite num perpassar de successivos estados elementares, isolados, chaoticos e indefinidos. Nessa quadra da vida, não póde haver na consciencia a encadeiada successão de estados representativos, lucidos e logicos, como os conhecemos quando nos podemos examinar. De facto, ainda não existe, na criança de tenra idade, unidade subjectiva; mas deve haver uma consciencia fragmentada — repercussão de excitações de origem interna e dos sentidos, influxos de tendencias suscitadas, de appetites despertados, esboços de emoções, correspondendo á actividade de centros inferiores, sub-corticaes, ainda não contidos pela actividade organizada do cortex. Disto resulta que a consciencia da criança não tem analogo, nem nos estados anormaes do adulto, nem na série animal. Será, em todos os casos, uma repercussão mais vibrante, mais intensa, porém, menos lucida, menos distincta. O desenvolvimento psychico-mental consistirá, então, na progressiva differenciação entre os estados de consciencia, fortemente affectivos — desejos, dores, saciedade, aversões... com que se confundem, como numa ganga agitada, as imagens sensoriaes, vivamente estimulantes, mas ainda informes e inharmonicas.

7. O organismo do bebê reage contra as impressões num impulso global, como se toda a massa organica se agitasse em um vigoroso e complexo tropismo. A unidade do *eu*, que ainda não existe, é compensada, ou substituída, por essa reacção global, potente, em que entram todas as systematisações geraes instinctivas, as unicas que já estão organisadas, e que servem para manter e garantir a unidade e continuidade do ser, por entre as variações e dispersões das excitações sensoriaes. A actividade infantil, nos dous ou tres primeiros mezes, é quasi toda de reflexos — reflexos rhythmicos da vida de nutrição, reflexos esporadicos, ou reacções impulsivas, immediatas ás excitações sensoriaes. A insufficiencia representativa,

nessa quadra da consciencia infantil, é correlata da insufficiencia inhibitoria do cortex, de sorte que as impressões dos sentidos dão lugar, sempre, a estados affectivos muito pronunciados, e a excitações que se diffundem immediatamente sobre o systema motor. As côres, os sons, a visão das formas e dos movimentos são excitantes directos da motilidade. A intelligencia se reduz a preferencias e aversões manifestadas pelo bebê, relativamente aos seres que delle se approximam. Toda impressão, todo phenomeno que o alcança, dá lugar a uma affeição — penosa ou aprazível, excitante ou deprimente; e, então, na sua consciencia chaotica, fragmentada, as primeiras associações que se fazem são as de — agradável... desagradável ligado a certos conjuntos de sensações, principalmente tactis e auditivas, sensações que, si se repetem, despertam immediatamente as mesmas affeições. A criança de quatro ou cinco mezes, que se mostra tranquilla, satisfeita, nos braços maternos, denuncia, apenas, um estado affectivo agradável, suscitado na memoria por uma associação que se estabeleceu entre a satisfacção dos appetites e os contactos, ou as vozes, que lhe são habituaes.

8. Até o setimo mez, a estrutura do cortex cerebral da criança não lhe permite uma actividade mental caracterisada e complexa, porque as fibras de associação não estão de todo myelinisadas. Essa formação anatomica só termina do oitavo para o nono mez, e só, então, se accentua o trabalho intellectual discriminativo, nitidamente representativo e cognitivo. E' a phase de mutação mais pronunciada na evolução psychica do ser humano, essa — da affirmacção mental da criança, phase caracterisada pela differença essencial que se nota entre a actividade inteiramente animal do bebê de dous mezes, e as reacções do infante de 11 mezes, onde já se denunciam todos os predicados mentaes da especie, e em cujas attitudes trans-luz uma intelligencia encantadoramente humana. Devemos notar, todavia, que do setimo para o nono mez se esboçam certos aspectos intelligentes na actividade

da criança, a qual, pouco a pouco, vae perdendo aquelle character exclusivamente reflexo e impulsivo. Até na physionomia, vislumbra-se uma mentalidade nascente. Constantemente tentada pelas impressões exteriores, sacudida pelos vigorosos appetites de um organismo em crescimento, ella accusa, apesar de tudo, uma qual orientação da actividade, dirigida para o mundo exterior, e tendo como resultado a concomitante inibição cerebral e a coordenação de movimentos. Reconhece-se, tambem, que as indicações dos sentidos differenciam-se nitidamente. As primeiras reacções apparentemente conscientes e ordenadas são simples imitações reflexas, ligadas a excitações visuaes ou auditivas (quinto, sexto mez), e, logo em seguida, repetições dessas mesmas imitações. Então, começa a manifestar-se de modo formal o instincto de unificação do ser psychico. As reacções denunciam que a criança tem consciencia das situações em que se encontra. Ao mesmo tempo, torna-se explicita a tendencia á normalisação, e a criança imita-se a si mesma, insistindo nos movimentos que conseguiu coordenar.

E' tão importante esse factor da evolução psychica — a *imitação*, que a ella, assim como á invenção, teremos de fazer menção especial. Por ora, queremos assignalar que o primeiro esforço apparente de coordenação e de "contrôle" na criança, é de character imitativo.

9. Imitando, sob a excitação das impressões externas, é a criança levada a refrear certos impetos, e a resistir um pouco aos estímulos que se diffundem até as visceras. Assim, aprende a concentrar a consciencia num objecto — subjugada pela impressão, e a dirigir os movimentos (da cabeça, dos braços...). Com esse momento, que é de facto a aurora mental da criança coincide a systematisação e utilização apreciavel dos movimentos, systematisação que se faz graças á correspondente organização das representações. As excitações se vão differenciando no cortex cerebral, cuja actividade se affirma cada vez mais sobre

os centros inferiores — soffrendo, ou absorvendo as respectivas reacções (1). Esta phase da evolução psychica se distingue por dous aspectos que se accentuam progressivamente: capacidade de soffreamento dos reflexos ligados ás necessidades naturaes; coordenação e “contrôle” dos movimentos voluntarios. O primeiro destes resultados é devido principalmente á intervenção educativa intencional; ao passo que o segundo se liga á propria evolução e expansão da actividade da criança. No entanto, o processo intimo tem a mesma base nos dous casos — a inibição; no segundo caso, a reacção inhibitoria é, apenas, o soffreamento necessario, para que se possa esboçar a coordenação. Então, o processo se continúa, sob a forma de associações que se estabelecem — entre as sensações musculares e as dos sentidos externos. Estas ultimas se tornam suggestivas do movimento, e, dest’arte, chega a criança a regular as contracções — para manter a cabeça e o corpo, abrir e fechar a mão... Da mesma sorte, por suggestão dos educadores, aprende ella a adiar a satisfação das necessidades naturaes, e a tomar os cuidados precisos em taes casos.

10. Reproduzimos aqui o quadro de Baldwin, representando, “segundo os estudos correntes”, a ordem de aquisição dos elementos mentaes, sobretudo no que se refere á linguagem. Esse quadro, si bem que pareça restricto, tem uma grande importancia, como expressão geral do desenvolvimento psychico, porque a linguagem tem papel capital na formação mental do individuo. De todo modo, nelle se encontra

(1) O braço direito é o primeiro que se educa no individuo. No nono mez, já os seus movimentos têm um aspecto ordenado. A organização funcional do cerebro começa pelo hemispherio esquerdo. A coordenação dos movimentos da phonação acompanha immediatamente a coordenação dos movimentos dos braços e das pernas, e começa pela repetição ou imitação dos sons percebidos. A essas imagens sonoras e motoras que a criança repete, associa ella, gradativamente, as imagens dos sons que vae conhecendo e distinguindo.

uma indicação que permite acompanhar a marcha geral da evolução mental.

Sugestão pre-imitativa ...	{ Audição dos sons. Movimentos de acaso e movimentos herdados. Movimentos coordenados por simples sugestão.
Sugestão de imitação simples	{ Reconhecimentos dos objectos, das palavras e das notas. Articulação imperfeita. Começo — fraco — de canto.
Imitação persistente	{ Compreensão da linguagem. Uso dos objectos. Coordenação voluntaria dos movimentos: — de articulação, — de escripta, — de dedilhar. Interpretação visual dos signaes de leitura.

E' possível que, em muitos casos, a evolução psychica da criança pareça afastar-se um tanto desta sequencia. Serão variações nos pormenores, e que traduzem as naturaes diferenças de individuo a individuo, segundo com as respectivas tendencias; não chegam a ser transgressões do typo geral de desenvolvimento. De qualquer modo, não se pôde negar que, no homem, os impulsos e as manifestações dos interesses vitaes se succedem numa ordem distributiva necessaria e apreciavel. Mover com os olhos, buscar com as mãos, sentar-se, arrastar-se, erguer-se, andar, trepar, imitar os sons verbaes, construir, desenhar, calcular... cada um desses esforços se organisa numa epoca propria.

11. Terminada a myelinisação dos axonios corti-

caes, dominados os impulsos motores, canalizadas para o cortex cerebral as excitações sensoriaes, fazem-se as primeiras distincções representativas sensoriaes, desenham-se os primeiros conhecimentos, e a intelligencia irrompe fremente, soffrega, qual uma ganga activa onde se fundem todas as funcções do espirito — associação, generalisação, discriminação, juizo, imaginação... Impetuosa e absorvente, essa intelligencia nascente vae de conjunctura em conjunctura, dispersiva, agitada, mas sempre affeiçãoada ás realidades, immediatamente presa ao mundo exterior. Em verdade, nem os conhecimentos se destacam ainda, porque todo estado de consciencia é, já o dissemos, um bloco — conhecimento, affeição, esforço... Não ha muita coherencia entre os successivos estados mentaes, mas, em cada momento, ha absoluta convergencia e unificação de consciencia. Agora, é que se delineam as funcções mentaes. E estas, quanto mais se desenvolverem, mais entrelaçarão os respectivos processos, donde resultará, então, a coherencia dos conhecimentos. Tanto vale dizer: a coherencia da actividade psychica provém da propria experiencia. Não tarda, porém, que ella se torne patente, porque essa é uma phase de actividade excepcional e caracteristica: discriminam-se as qualidades sensoriaes, as formas correntes, e a multiplicidade dos movimentos usuaes. E' a phase dos conhecimentos directos, dos conhecimentos intuitivos elementares, phase de intensa absorpção do meio. Ha uma verdadeira avidez de conhecer, avidez que corresponde ao surto vital de um órgão excessivamente vibratil, apto a funcionar, mas que só desenvolverá a plenitude da sua actividade na medida em que absorver e coordenar os estímulos oriundos das relações com o meio. Com isto coincide a natural curiosidade da criança, curiosidade que não é, apenas, a simples excitação dos centros corticaes, sob a impressão dos aspectos novos com que se revelam os seres. Não ha duvida que essa novidade atráe e retém a attenção, e é a necessaria condição para o inicio da elaboração do conhe-

cimento; mas, por si só, não explica mentalmente a curiosidade infantil, que traduz um instinto, e corresponde a uma necessidade subjectiva de harmonia mental.

12. O instinto de curiosidade exprime, de modo immediato, a irreprimivel necessidade de organização funcional do cerebro; ora, essa organização só se pôde fazer com o character de unificação dos resultados da sua actividade, condensados na experiencia mental e com a totalisação das energias cerebraes convergindo sempre para os mesmos fins. Quer dizer, o aparelho cerebral tende a trabalhar coherentemente, com toda a vastidão da sua capacidade funcional. Essa coherencia resulta das predisposições geraes ou systematisações hereditarias, que determinam realmente a unificação da individualidade. De sorte que, excitado pelo meio, nos seus multiplos aspectos, o cerebro deve organizar-se definitivamente, relacionando as systematisações especiaes que se estabelecem a essas systematisações geraes unificadas; dahi resultará, necessariamente, uma organização definitiva, totalisada e coherente. Interpretada subjectivamente, a avidez de conhecer apparece como necessidade de ordenar todas as variantes externas, numa concepção pessoal do mundo e das cousas. E cada criança repete, nos limites das suas possibilidades mentaes, esse mesmo esforço de interpretação harmonica do universo, que as intelligencias de escól tentam realizar de modo completo, nos systemas scientificos e philosophicos, tanto é certo que cada individuo refaz abreviadamente a marcha geral da evolução na especie.

13. De modo geral, todas as phases do desenvolvimento mental se podem explicar pela combinação das condições cerebraes ingenitas com as exigências do meio. Correspondendo subjectivamente ás systematisações geraes ingenitas, são muito vigorosas e importantes, entre as tendencias mentaes, as de — *generalisação e affirmação*. Um conhecimento é sempre o relacionamento de systematisações que se esboçam a sys-

tematisações já constituídas — “particularidades a generalidades” (pag. 159). No adulto, onde ha uma grande experiencia organizada, os novos conhecimentos se prendem immediatamente a uma vasta urdidura de conhecimentos feitos, e o pensamento se desenvolve em complexas consequencias. Na criança — na aurora do pensamento — não havendo uma rêde de systematisações formaes, cognitivas, as systematisações nascentes projectam-se livremente, orientadas apenas pelas tendencias; e a mentalidade infantil está sempre — das absolutas generalidades, ás exclusivas particularidades. Além disto, a escassa experiencia não lhe ensinou ainda a duvidar, e a criança accêita promptamente as apparencias. A extrema generalisação e a facilidade de crença dão, então, ao seu mentalismo, esse caracter de systematisação e de sequencia absoluta, especie de *logica instinctiva*. O infante quer que todas as cousas tenham as suas propriedades, os seus nomes, as suas causas, os seus effeitos... E indaga, examina, pergunta, repetidamente, soffrega por encaixar tudo que vae conhecendo nos systemas elementares do seu “logismo” inexperiente. Irá até o ponto de perguntar: “Mãe, para onde vão os dias?...” Cada ser que o impressiona lhe traz uma descoberta; mas, na sua necessidade de generalisar, elle substitue frequentemente a verdade objectiva pela verdade logica. Dir-se-ia que a criança é assim porque a “logica repousa”, e lhe acalma um pouco a febril excitação cerebral; por isso mesmo, a mentalidade infantil não oppõe resistencias ás conclusões, que se prendem ás primeiras impressões, e são sempre affectivas, fantasistas, interesseiras, agitadas... A criança accêita a primeira explicação que se offerece; para ella não ha absurdos; contenta-se com as simples apparencias, e associa levada pelas semelhanças mais facilmente discerníveis. Para ella, a borboleta será — “uma flôr voando...” o orvalho — “lagrimas da planta...” E tudo se anima no seu espirito, porque ella estende as suas qualidades a todos os seres, tanto que, si o acaso lhe apresenta os cubos do

alfabeto assim dispostos *L J*, dirá immediatamente que o *L* e o *F* "estão conversando..." (1).

14. Nos primeiros tempos de vida consciente e intelligente, a criança tudo refere a si mesma, e, realmente, só sente os proprios interesses. Dizemos, então, que ella é egoista. Sim; é egoista, não por defeito moral, essencial, mas por deficiência mental—por não comprehender os interesses dos outros; falta-lhe o elemento representativo para despertar os instinctos sociaes e moraes. Esses instinctos, mais modernos que os propriamente egoistas, só mais tarde se revelam. A criança é egoista por ser egocentrica; o homem primitivo é tambem egocentrico, por insufficiencia mental. E' facil de imaginar e comprehender o vigor com que a vida se impõe á fragil consciencia da criança: as unicas systematisações fortemente e definidamente fixadas são as que dizem com o instincto de conservação pessoal, e é isto o que domina toda a sua actividade affectiva. Si, num momento, a mamãe a adverte carinhosamente: "Eu te castigo porque sou uma bôa mãe...", sem hesitar, a criança responde: "Pois eu prefiro que V. seja má..." Num outro caso, apresentam-lhe um problema: — "Dou-te 5 laranjas, comes 2 — quantas te ficam?..." — "Mas eu não tenho ainda nenhuma!..." A este egoismo nós chamamos legitimamente *ingenuidade*; elle não contradiz de forma alguma a natureza social do ser humano.

15. E' na sociedade que a criança aprende a conhecer a vida; mas as suas primeiras affirmações conscientes não poderiam ser de interesse altruistico ou social, e sim — affirmações pessoas, egoistas. Pela consciencia, incorpora o homem a sua existencia á sociedade; mas essa existencia, que é uma actividade, tem de começar por affirmar-se individualmente. Bem sabemos que a criatura humana não se relaciona ao meio cosmico isoladamente; nascendo, é rece-

(1) J. Sully — "Études sur l'Enfance", trad. A. Monot, pag. 43.

bida pela sociedade, no seio da qual se faz a sua segunda gestação — de character psychico. Mas, quando o meio a impressiona, a criança reage individualmente, si bem que acolhida no seu grupo. Assim amparada, organisa ella a sua vida; conhece o meio cosmico, explora-o, atravez da assistencia educativa; mas a existencia pessoal affirma-se e mantem-se, desde o primeiro momento, como individual. Nesse primeiro momento, emquanto a vida social não tem para a criança valor especial, na sua consciencia não ha outros elementos affectivos sinão os puros interesses pessoais. No emtanto, tal é o poder de absorpção do meio moral, taes são as suggestões e os elementos de conhecimento que o convivio social offerece á criança, que, dentro em pouco, será a sua consciencia um reflexo da propria sociedade.

16. A tendencia a generalisar, insensato logismo da criança, manifesta-se e existe como um verdadeiro instincto, expressão hereditaria da constituição cerebral na especie. Organicamente, essa tendencia logica, generalisadora, explica-se pela natural attracção de umas systematisações sobre as outras, e, tambem, pelo estado de incipiente organisação cerebral. Ha, já o vimos, como que uma gula intellectual — a ávida absorpção de um órgão que precisa alcançar uma forma de harmonia activa, pelo equilibrio de todas as suas funcções. E esta harmonia não se faz emquanto não se systematisam, de qualquer forma, os conhecimentos em que se reflectem os aspectos geraes das cousas. Nesta ancia de conhecer e de construir mentalmente, não tarda que a criança se volte para o meio social, buscando ahi todos os ensinamentos que elle póde dar, e imitando irresistivelmente os processos e as formas de pensar. Antes mesmo de possuir a representação mental, absorve as imagens sonoras dos symbolos; quer dizer: antes de poder comprehender, ella repete syllabas, decora palavras por simples imitação, e, uma vez possuindo a palavra, prevenida pela interpretação que os outros lhe

dão, a criança é como que forçada a servir-se della e a assimilar as respectivas noções. Assim se encaminha a mentalidade incipiente, attrahida pelo convívio social, que, não só lhe fornece conhecimentos, como lhe dá as formulas de symbolisação e de expressão. Poucas, relativamente bem poucas, são as grandes aquisições mentaes que a criança possa fazer por si mesma. São tres as fontes de conhecimentos que se lhe offerecem; conhecimentos directos, ou aquisições pessoas; ensinamentos expontaneos do meio social; e ensinamentos intencionalmente educativos.

17. Nos primeiros encontros da intelligencia infantil com o mundo, não se discriminam os conhecimentos directos — experiencia pessoal — dos conhecimentos suscitados, ou, por outra: todos os conhecimentos valem como experiencia pessoal, e fazem-se pelos mesmos processos perceptivos — de syntheses sensoriaes. A criança que ainda não conhece os valores symbolicos dá ao que ouve e ao que vê, na actividade daquelles com quem convive, aquella mesma significação, quasi, que dá ás imagens e suggestões que lhe vêm por parte dos outros seres. Ella aprende, mas aprende imitando, aprende agindo, sem a consciencia de que está aprendendo. E elabora por si todos os seus conhecimentos, porque ainda não póde adquirir conhecimentos feitos. Esse primeiro periodo de aquisição directa é tanto mais importante, quanto elle corresponde ao despertar da intelligencia, que se abre sobre o mundo numa vivacidade irreprimivel, em relação directa com a extrema variedade e novidade das impressões, que mantêm a criança num estado de superactividade sensorial. E' evidente, porém, que taes conhecimentos são incompletos, e as representações muito imperfeitas. Em verdade, na consciencia infantil — representação, affeição, deliberação, acção, não se destacam, e o conhecimento se formula, muitas vezes, na propria *realisação* da reacção. A actividade que assim se desenvolve é insufficiente, muitas vezes, prejudicial; e a criança se volta sobre si mesma: hesita, retrae-se. Apesar da deficiencia dos jul-

gamentos, á criança se impõe o contraste — entre os seus actos inefficazes e desastrados, e a acção reflectida das outras pessoas. A propria imitação a leva a seguir detidamente, cada vez mais detidamente, o proceder intelligente, consciencioso, dos que a conduzem. Não tarda que o infante comece a desconfiar do seu descortino mental. A propria experiencia lhe mostra, a cada passo, a efficacia e a superioridade dos conhecimentos dos outros. Então, os continuos dissabores e desastres ligados ás generalisações pueris e aos logismos absurdos, em vez de o levarem unicamente a apurar os processos pessoas de conhecer — pela observação e reflexão (pois que assim se retarda a marcha do conhecimento, e de certo modo se contrariam as tendencias a conhecer e a generalisar), o levam, principalmente, para a aprendizagem consciente e a aquisição social, mesmo porque esses desastres, e o tacito reconhecimento do erro, reforçam na sua consciencia o sentimento da propria incapacidade mental. Assim, quasi subitamente, acceita a criança o absoluto valor e saber dos que a dirigem. Este facto restringe a sua iniciativa para o conhecimento directo. Nesse momento, já ella está iniciada no mecanismo mental da symbolisação, e ahi encontra o meio maravilhoso de satisfazer á insaciavel curiosidade: pergunta, multiplica as perguntas... “pede” o conhecimento dos outros... Reconhece-se com isto — que a tendencia a generalisar persiste com o mesmo vigor; mas o infante prefere não generalisar por si, e acceita as generalisações symbolisadas, já feitas, ou pelo menos procura dar ás suas conclusões um caracter mais explicitamente racional, e generalisa por analogia.

18. O raciocinio por analogia, que é normal á criança, traduz imitação, e corresponde justamente aos primeiros ensaios de assimilação do criterio racional, criterio caracteristicamente social. Desta sorte, ao mesmo tempo que acceita e busca os conhecimentos já feitos, absorvendo a experiencia geral, a criança acceita e assimila os processos e os modelos so-

ciaes de ajuizar e de concluir. Isto não quer dizer que, entre a logica incipiente e nimiamente pessoal dos primeiros tempos e essa logica socialisada, haja differença essencial. Não; ha apenas extensão e apuro. A logica (pag. 159) é a marcha necessaria na elaboração do conhecimento, e no decorrer do pensamento. Ella tem um fundo instinctivo; mas só se impõe explicitamente á consciencia como resultado da experiencia (axiomas da logica). Para isto muito concorre a educação. E' pela assistencia da razão que a logica adquire o valor de um guia. No emtanto, em si proprio, o processo logico tem a mesma significação — na criança e no adulto. A differença que ha, entre uma logica e a outra, é a mesma que entre o processo implicito do conhecimento perceptivo (pag. 129), e o conhecimento racional. No raciocinar do adulto, concorre uma grande riqueza de dados que faltam á criança; ha mesmo formulas geraes e explicitas de concluir. Então, com a assimilação das formulas explicitas de concluir, eliminam-se os logismos pueris; e com a experiencia pessoal dissipam-se as illusões. Vêm concepções mais solidas, fundadas em juizos formaes, conservando, no emtanto, o espirito a mesma caracteristica tendencia — de harmonia e de unidade (1). Esse primeiro estagio tem uma significação especial. Pensando e conhecendo *puerilmente*, a criança *exercita-se*, habitua-se a conhecer, a pensar, a concluir... A consciencia, o *eu* que pensa, affirma no mesmo acto a sua existencia (*cogito...*). A necessidade de generalisar e concluir é tambem expressão do instincto de conservação pessoal, subjectiva. No transitorio dos estados de consciencia, é mister uma unidade subjectiva, que dê o "sentimento de ser e de persistir". Nessa primeira phase da actividade cognitiva, a consciencia se formula e se condensa; póde, então, participar activamente do convívio social, que a

(1) "A necessidade de unidade é uma tendencia irresistivel a agir do mesmo modo nas diversas experiencias do espirito" (Baldwin — *The Mental Development*).

enriquecerá, esclarecerá e reforçará. De facto, é na associação das outras consciencias, que o joven individuo vae encontrar o necessario para completar-se e definir-se explicitamente. A absorpção social tem para a intelligencia individual o character de uma verdadeira crise, porque é deste facto que resulta, principalmente, aquella substituição de representações a que nos referimos, a proposito da memoria (pag. 184). Além disto, nesse momento, a criança é levada á reflexão; a evidencia dos proprios erros a faz hesitar, e gera a timidez mental: começa a critica da propria conducta — começa a criança a reflectir realmente.

19. O desenvolvimento psychico é uma verdadeira formação evolutiva, relativamente rapida, e onde não se encontram, nos momentos que se succedem, dous perfeitamente eguaes, nem absolutamente diversos. Quer dizer: não ha, no caso, nem transformações, nem *avatars*. O espirito realisa a sua organização segundo as tendencias normaes á especie. No emtanto, já o reconhecemos, ha phases caracteristicas, nessa evolução, phases em que os processos se acceleram e as acquisições se multiplicam. Duas, especialmente, se fazem notar, e se devem assignalar. A primeira corresponde ao periodo em que a criança, com seu aparelho cerebral completo, começa a conhecer, e acode, com os poucos elementos phoneticos que possui, a indicar e nomeiar os seres que vai distinguindo em conhecimentos directos, pois que — são experiencias proprias. Devido ás condições especiaes de plasticidade cerebral, esses conhecimentos vão influir nas experiencias futuras, mas devem ser substituidos em grande parte, e correspondem aos que Baldwin chamou de *conceptos do primeiro gráo* — “experiencias particulares e que são representativas das cousas em geral”. A segunda phase coincide com essa conjunctura em que a mentalidade infantil, desencantada de si mesma, desconfiada do valor das suas generalisações, em plena socialização, absorve os conhecimentos geraes, ideias e noções, que lhe são transmittidas, e substitue, por isso, grande parte das suas represen-

tações. Na generalidade dos casos, a criança aceita e procura taes conhecimentos porque só desse modo os póde adquirir, pois é bem certo que — raros são os individuos realmente capazes de elaborar por si mesmo ideias e conhecimentos geraes. A maioria pensa com as ideias que recebe, e que, por essa razão, lhes parecem de um valor absoluto. Taes conhecimentos equivalem aos “conceptos de terceiro gráo”, de Baldwin. Essas duas phases assignalam: as primeiras afirmações *cognitivas* de consciencias que apenas podem conhecer pela distincção immediata dos dados sensoriaes; e as primeiras afirmações geraes de consciencias que começam a empregar a experiencia accumulada da especie. A primeira abre a marcha aos conhecimentos directos ou acquisições pessoaes; a segunda, aos conhecimentos geraes, conscientemente aprendidos e assimilados.

20. Deste modo se forma e se enriquece a mentalidade da criança, ao mesmo tempo que a moralidade se vai definindo. Socialisando-se definitivamente, com o despertar das tendencias sympathicas, torna-se a personalidade infantil cada vez mais accessivel ás emoções moraes, e, de um certo modo, attende ao proprio proceder, desde que se faz sensivel á opinião dos outros. Um dos primeiros e dos mais seguros effeitos moraes da socialisação, é esse reforço de motivos, desenvolvendo a capacidade de “contrôle”. Importa á vida moral, e tambem ao entendimento. E’, primitivamente, timidez e contradicção, pois que já produz a quêda da iniciativa impulsiva; mas já é inicio da vontade reflectida.

Não sejam para admirar as apparentes opposições que acabamos de apontar como caracteristicas da consciencia infantil. Não esqueçamos que ella ainda está longe dessa unificação discriminada e lucida, que torna sensiveis, e até penosas, as contradicções. E’ uma consciencia ainda chaotica. A personalidade existe virtualmente, mas a unidade subjectiva apenas se esboça; ha uma direcção fortemente indicada; no

emtanto, a realisação offerece lacunas — nevoas ou eclipses do *eu*, no processar dos seus elementos representativos.

De que é feito o *eu* da criança?...

De uma successão, nem sempre bem harmonica, de estados de consciencia muito objectivados: processos conscientes, complexos e instaveis — sensações do proprio corpo, sensações dos órgãos externos, lembranças sensoriaes, pensamentos *interessados*, sentimentos de satisfação e de desgosto, impulsos de querer, desejos vivos, resoluções immediatas, ou deliberações esboçadas, decepções... germens de volições... Na maior parte dos casos, todas essas formas se encontram, ou se succedem violentamente, sem que a consciencia deixe de ser, em cada momento, uma unidade vigorosa, com um objecto central bem inteso, ainda que mal definido.

21. Resumindo os aspectos geraes da evolução psychica, não pretendemos fixar-lhe um typo definitivo, nem descrever uma marcha invariavel. Trata-se, apenas, de accentuar alguns factos essenciaes e caracteristicos, apezar de todas as variedades possiveis, dentro das modalidades da especie. O schema que fecha este capitulo (inspirado nos trabalhos de W. James e de Baldwin) lembra o que ha de mais generico e expressivo, no desenvolvimento da personalidade que se affirma.

I. Ha um primeiro periodo que coincide com o termo da *organisação anatomica* do apparelho cerebral, sob a influencia das excitações oriundas do meio; e, então —

II. constituido inteiramente o cortex cerebral, manifesta-se vivamente a *imitação espontanea*, accusa-se uma forte tendencia a conhecer e ordenar os factos, e uma intuitiva confiança na sequencia logica; donde, como que —

III. uma intima necessidade de *generalisar* e concluir: para agir, para realisar um fim — fazendo ou

desfazendo; e a criança constrói, mesmo destruindo, pois será sempre uma obra; donde —

IV. uma forma de *conhecer nimamente pessoal*, e um processo de conhecer que é — combatividade, aggressão, confiança no poder constructor; donde —

V. um certo *amor proprio*, uma geral vaidade, desejo de vencer as difficuldades, e receio de ser vencido; donde —

VI. *desconfiança* dos conhecimentos pessoaes, em vista dos desastres; viva decepção de ter errado, e, com isto, o reconhecer a superioridade da experiencia alheia; donde —

VII. observação e apreciação da actividade das outras pessoas; tendencia e *recorrer á experiencia* alheia, e a aprender; donde —

VIII. *amor da approvação*, desejo de conquistar a opinião dos outros; donde —

IX. esforço para *conter e refrear*, nos proprios actos, tudo que possa indispor os animos e alienar sympathias; donde —

X. a *direcção da conducta*, o “contrôle” da actividade, e a conquista da vontade, completando a personalidade.

Resta, apenas, reforçar-a — a personalidade.

21. Desde que a criança, iniciada na linguagem, começa a assimilar a tradição da especie e a aprender, está feita a sua socialização. A individualidade se desenvolverá até a completa expansão das suas qualidades, mas, na evolução mental, não lhe ocorrerá nenhuma mutação analoga á dos dous annos, ou dous e meio. O mesmo não acontece quanto á vida organica e moral. Dos treze para os dezeseis annos, dá-se a crise da puberdade, que indica o pleno desenvolvimento organico, e que se traduz numa verdadeira crise de affectividade. Terminou a infancia — a formação propriamente dita; existe uma individualidade, um tanto inexperiente embora, mas na plenitude das suas energias, e com a consciencia dos seus interesses. A educação e a tradição orientam as novas manifes-

tações affectivas, de sorte que as tendencias de expansão, que então se pronunciem, espiritalisam-se desdo logo, e o termo da puberdade representa a socialisação completa do individuo, e a sua definitiva affirmação moral. Um facto de tal extensão não poderia deixar de ter influencia sobre a vida mental, como estimulante e como direcção. Os novos sentimentos que se esboçam repercutem fortemente sobre a imaginação, activam a intelligencia, e lhe offerecem novos themas de pensamento. Ao mesmo tempo, occorre, no joven individuo que já se sente expandir, a viva necessidade de ser autonomo. A crise affectiva se complica, então, de luctas moraes — surtos de rebeldia ou revoltas interiores, contra as formulas de dependencia domestica, porque a personalidade que “se quer dar” — precisa, antes de tudo, sentir-se senhora de si mesma. Neste momento, a noção do proprio *eu* é uma representação bem explicita na consciencia do individuo.



CAPITULO XXIII

IMITAÇÃO, INVENÇÃO E CORRECÇÃO

Necessidade da adaptação individual. — Character imitativo das primeiras reacções psychicas. — Assimilação cerebral das formas de excitação. — Distincções na imitação. — Evolução da imitação. — Condições naturaes da invenção. — Imitação e invenção. — Prazer infantil no inventar. — Invenção e imaginação na criança. — O brinquedo. — Processo de correcção. — Formulas de substituição.

1. Ao nascer, o individuo humano ainda não possui formas explicitas e definidas de reacções psychicas, isto é, de reacções em que se coordenem as impressões do meio e as necessidades vitaes. O recém-nascido, é, de certo modo, um inadaptado. Todos os outros seres vivos trazem mais ou menos inscriptos na sua organização physiologica os respectivos processos e recursos adaptativos: têm uma adaptação hereditaria e somatica. O homem deve completar a sua formação com uma adaptação nimamente pessoal, consciente e intelligente. Dahi, a superioridade que lhe é dada na natureza: os seus recursos adaptativos, sendo pessoaes, são por isso mesmo reformaveis e relativamente inesgotaveis. Mas, em compensação, para cada ser humano, essa adaptação consciente é uma verdadeira aquisição individual, em que elle condensa a experiencia geral da especie, e que equivale a uma gestação psychica (periodo de educação). Dahi resulta que, nos primeiros tempos de vida livre, a criança é relativamente um invalido — tem de ser

amparada, assistida, guiada... Mais tarde, porém, a insufficiencia do recém-nascido é fartamente resgatada no adulto, pela efficiencia da acção que elle chega a desenvolver, graças a essa forma de adaptação consciente, reformavel, ao mesmo tempo — individual e socialisada. Tudo isto é possível porque o homem entra para a vida livre trazendo um aparelho cerebral muito rico e muito plastico, que lhe confere excepcional capacidade de assimilação do meio. A expressão immediata desse poder assimilador é o caracter imitativo que têm as primeiras reacções psychicas da criança (pag. 299).

2. Não podendo deixar de reagir contra as impressões que recebe, o infante reage *repetindo*, quanto possível, em seus movimentos, as respectivas impressões sensoriaes: o aparelho cortical excita-se, e, como ainda não ha processos de reacção normalisados, nem systematisações psychicas que absorvam a excitação numa coordenação complexa e intelligente, o influxo se communica directamente ao systema motor, que o reproduz de modo immediato. Verifica-se, dest'arte, que a iniciação da vida psychica se faz sob a forma de actividade expontanea, com um certo caracter mecanico e reflexo. Nem poderia ser de outra forma, porque o joven organismo deve assimilar o meio, e este se impõe por si mesmo; então, cada excitação externa é como que um modelo para o aparelho nervoso — que "deve reagir, e ainda não possui formas de reacção constituidas". Toda a possibilidade de aquisição, toda a capacidade educativa repousa nessa tendencia á imitação: "O homem é educavel porque é imitador..." Na propria aquisição intensiva, ou instrucção formal, ha imitação, pois nisto consiste — a assimilação dos methodos e das formulas. A educação, qualquer que seja o seu dominio ou objecto, é sempre absorpção e repetição de normas e de processos; tanto vale dizer — um appello á imitação.

3. Nos primeiros tempos da vida livre, o cerebro é, já o lembrámos, um simples aparelho de repetição

do mundo exterior. As impressões, recebidas pelos sentidos, transformam-se subitamente em estímulos para os músculos, cuja incoordenação, no entanto, não deixa bem perceber essa immediata dependência. Os actos que serão mais tarde da esphera da vontade se fazem como simples reflexos de accomodação, não systematisados, e têm um processo psychico bem analogo ao das imitações que realisamos quando, ouvindo um trecho de musica, expontaneamente reproduzimos em movimentos o respectivo *rhythm*o. Essa primeira manifestação imitativa recebe o nome de *imitação expontanea*, porque representa a reacção immediata e impulsiva do *systema motor* sob o influxo directo de excitações sensoriaes. Da imitação expontanea, reflexa e machinal, á imitação intelligente e esforçada, ha uma grande differença de gráo, differença que assignala, justamente, um dos aspectos mais característicos no desenvolvimento psychico da criança — a evolução da sua actividade imitativa. Começando por manifestações impulsivas, isoladas e desordenadas, essa actividade se vai transformando em actos regulares, coordenados e definidos. A' medida que os movimentos se normalisam, e que a consciencia se esclarece pela experiencia adquirida, convertem-se os surtos imitativos em esforços reiterados e cuidadosos, para reproduzir acções complexas, intelligentes e uteis.

4. No conceito commum, só é considerada como imitação essa ultima forma de imitar — quando se trata de copiar convenientemente um modelo adoptado. E por isso, parece ainda maior a differença entre a incipiente actividade expontanea da criança, e o seu imitar meticoloso e consciente de mais tarde; parece que não existe ligação directa entre uma e outra forma de agir. Mas quando se observam cuidadosamente os factos, reconhece-se que ha, apenas, uma differença de gráo, e que a transformação da expontaneidade primitiva em imitação conscienciosa se faz por transições insensíveis.

Na evolução imitativa da criança, distinguem-se

tres phases características: a) *Imitação espontanea*, impulsiva, immediata, sob a excitação directa dos sentidos; b) *Imitação persistente*, que é expressão da accommodação do organismo a uma impressão; c) *Imitação intelligente*, reflectida, voluntaria, com plena consciencia dos meios de acção.

5. A imitação espontanea é, de certo modo, passiva, por ser a reacção immediata do systema motor sob o influxo directo da excitação sensorial. Mas, desde que a imitação se pronuncia como instincto, esses primeiros actos imitativos tornam-se agradaveis, e ha tendencia a insistir nelles, principalmente nos casos em que a excitação que os provocou seja convenientemente para o organismo. Então, a imitação passa á forma persistente, que se relaciona directamente com o *habito*. Aliás — *habito e imitação* correspondem, já o vimos, a uma mesma propriedade do aparelho nervoso, que é, essencialmente assimilador e repetidor. A imitação intelligente, voluntaria, não é mais que a confirmação das accommodações que se esboçam na forma *persistente*. A imitação fornece ensino á criança para exercer a sua actividade; isto lhe é agradável e conveniente, e ella insiste em imitar. Depois, vêm os conhecimentos, affirma-se a vontade, e a criança transforma as suas imitações primitivas em actos intelligentes e voluntarios. As tres formas de imitação infantil se patenteiam bem na actividade vocal. A principio, os sons emitidos pelo bebê — ou são gritos de dôr, ou sons inarticulados, aparentemente sem significação, e que, em realidade, são reacções imitativas, em correspondencia com as excitações auriculares. Então, começa um balbuciar accentuadamente imitativo — o *ma... ma...* característico da criança, que vozêa pelo prazer de vozêar; finalmente, os sons onomatopaicos, por conseguinte imitativos, com que ella designa — o cão, o gato...

6. As primeiras manifestações da actividade psychica têm de ser imitações — repetições, reproduções... E' evidente, porém, que a evolução da personalidade não se poderia reduzir a imitações formaes e

servis. A criança, sendo essencialmente assimiladora, é igualmente activa, e tende a expandir-se. Desde que tenha adquirido formas de reacção, applica-as interessadamente, modificando-as, si tanto é necessario, no sentido de accomodar as suas possibilidades ás formas da excitação. Disto resultam reacções relativamente novas, ou desdobramentos das formas adquiridas — *invenções*. Neste caso, a reacção nervosa não se limita a uma assimilação passiva do meio, como na imitação expontanea; ha esforço para a appropriação de formas já constituidas ás exigencias do momento. E assim adquirem ellas um caracter especial e novo: são de certo modo innovações, *invenções*... Reconhecemos, então, que a personalidade nascente, enriquecendo-se por aquisições imitadas, revela-se, em seguida, por invenções, que dão desde logo a indicação do seu valor.

A capacidade de invenção tem grande importancia na apreciação da synthese psychica — por ser um processo necessario de evolução, e porque traduz, de modo explicito, o que ha de mais especial e demonstrativo na caracterisação mental do individuo. Para comprehender o valor da *invenção* como processo evolutivo, é preciso ter em vista e considerar: em que consiste a invenção infantil, como se faz, e que relações tem ella com as outras formas de actividade psychica.

7. A' primeira vista, parece que ha entre *imitação* e *invenção* uma opposição tão formal como entre *dôr* e *prazer*. Simples apparencia; no caso, não ha nenhum contraste essencial. Pelo contrario, a invenção deriva da imitação. A criança *inventa* porque *imita*. Adaptado ás condições pessoas, o movimento imitado ha de apresentar um caracter especial e novo. E como é irresistivel na criança a tendencia a agir — para dar emprego ás energias crescentes e estuantes do seu organismo juvenil e vibrante, ella entrega-se á acção: age imitando, e imita como póde... Deste modo, as imitações a levam ás innova-

ções. As primeiras invenções, como as primeiras imitações, são manifestações espontaneas; são actos cujo desdobramento se impõe em virtude das condições pessoais da criança, de accordo com o seu temperamento e as suas tendencias. Só mais tarde, com o progredir do espirito, é que a invenção se torna perfeitamente consciente, intelligente, voluntaria. E' assim, tambem, na imitação; mas, como a invenção corresponde directamente ao que ha caracteristico em cada individuo, por ella se distingue e se revela a criança, não só aos outros, como a si mesma. Dado um modelo da acção, sob o influxo da excitação sensorial, ella procura imitar, insiste em imitar, insiste nos ensaios e nos mesmos movimentos. E' nessa phase da imitação persistente que a consciencia começa a definir-se e a esclarecer-se; e é nesse momento que começam a caracterisar-se as invenções. Os movimentos adquirem significação para a propria criança: ella compara o resultado dos seus actos aos modelos que a estimularam, nota as differenças, reconhece o que póde fazer, e assim descobre o que ha de novo na acção que praticou. E' a contemplação da propria actividade.

8. As sensações internas que acompanham esses primeiros esforços conscientes, principalmente as sensações musculares, têm uma grande significação no caso. São sensações confusas, mas que se impõem á consciencia da criança, porque são ellas que se associam intimamente ao prazer de agir, e á imagem do acto realisado. A sensação muscular, agradável como é, dá lugar a um "sentimento de poder pessoal". Deante do que fez, a criança reconhece-se capaz de produzir por conta propria: de produzir — alterando, modificando... Então, reage activamente ao receber as impressões, e escolhe, procura, combina, ageita... *inventa, cria*... Geralmente, nesses momentos, intervêm suggestões educativas — guiando, estimulando, completando as invenções infantis. Sugerem-se, naturalmente, modificações necessarias, que valem

tambem como formulas geraes, e a criança, já confiante em si mesma, sentindo-se capaz de produzir e reformar, include definitiva e conscientemente a invenção nos seus recursos de acção.

9. Comprehende-se bem que taes invenções não se podem realisar sem o concurso da imaginação. A criança é, desde cêdo, inventora, innovadora, porque, desde cêdo, nella se pronunciam os surtos imaginativos. As primeiras invenções traduzem, apenas, uma apropriação da imitação ás condições pessoas; mas, logo que a criança reconhece em si mesma a capacidade de inventar, intervém a imaginação, e ella inventa levada pela phantasia. E esta imaginação infantil, sem base de experiencia, perde-se no absurdo, na inverosimilhança. Acode, então, a assistencia educativa, suscitando as necessarias substituições correctivas. Em verdade, a imaginação nunca é inteiramente creadora. Si ella pôde ser fecunda e util, é por ser essencialmente organisadora e reformadora, inspirando-se sinceramente nas realidades. A imaginação infantil, antes de ser realmente organisadora, é simplesmente restructora; e como lhe falta experiencia propria, ella recorre á experiencia alheia, ou deriva para o absurdo, porque o pensamento imaginativo é, na puericia, uma sorte de embriaguez. A criança não precisa sahir da realidade para perder-se no absurdo imaginoso; a inverosimilhança não a detém. As suas percepções, frustradas e falhas, a incapacidade para distinguir o que é essencial do que é secundario, levam-na, muita vez, a exaggerar o que não tem importancia, e a ampliar os aspectos que a empolgaram. Deste facto, resultam, naturalmente, incoherencias, enganos, deformações...

10. O brinquedo é a perfeita expressão da alma infantil. Ahi ha de tudo: imitação, invenção, organização, realidade, phantasia, sinceridade, esforço, puerilidade e "virtuosidade". O brinquedo, a que a criança se entrega — com plena consciencia de que está brincando, é, por isso mesmo, um excellent estimulante, um forte motivo de invenção. No brinquedo

completo, em que a criança tem um papel, e conscienciosamente o representa, notam-se duas cousas bem importantes: a primeira é que ha um programma a executar, um fim a conseguir, e que a criança sinceramente se dedica a um e a outro; a segunda é que o brinquedo é effectivamente um ensaio da vida real. E', por conseguinte imitação; mas é tambem invenção, innovação, porque, no desenvolver dos actos nimiamente pueris, tudo se reduz ás proporções da personalidade infantil, inexperiente e incompleta. A todo instante, e nas circumstancias mais simples, ella tem de inventar o meio pratico de realisar as suas imitações e reproducções. Nesses momentos, a criança está inteiramente entregue a si mesma, e revela-se francamente; parece que o resto da vida se suspende. No entanto, são momentos de actividade efficacissima, porque é brincando que a criança se inicia plenamente na vida.

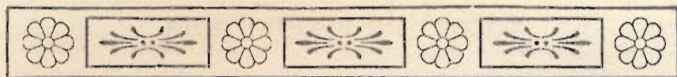
11. A capacidade de *correccão* psychica, ou modificação aperfeiçoada, não é exclusiva do periodo de desenvolvimento e de evolução. Por todo o correr da existencia normal, pode o individuo apurar os seus processos de acção, e quando definimos a actividade psychica e consciente como — capacidade de adaptação intelligente e reformavel, é justamente para assinalar que ella se caracteriza por essa — possibilidade de reforma e de apuro ou aperfeiçoamento. No entanto, devemos referir-a especialmente ao periodo de formação porque, então, sendo muito mais plastica a organização nervosa, o processo de modificação é mais franco e efficiente. Psychologicamente, as correções consistem em *substituições* de reacções, substituições que se farão lentamente, gradativamente, nuns casos; subitamente, integralmente, noutros casos. Mas, em si mesmo, o processo é sempre esse. A educação, entendida em termos restrictos, comprehende justamente essa parte da formação da personalidade; e como ha dous modos de realisar a substituição, ha tambem duas formulas educativas. Todavia, notemos, em primeiro lugar que, no periodo de desenvolvi-

mento, raramente se fazem substituições realmente expontaneas, ou que resultem exclusivamente de um esforço proprio. Quasi sempre, são substituições determinadas pela educação, e que se ligam a intervenções *intencionaes*, ou a influencias quaesquer do meio. A substituição correctiva póde ser determinada: por uma imposição, que despreza a consciencia da criança, e lhe domina a acção; ou por uma suggestão, que procura captar a consciencia, e obter, acceitação convencida e franca da modificação indicada. Dahi, os dous programmas educativos: o *autoritario* e o *liberal*.

12. De modo geral, as reacções substituidas são reacções primitivas, expontaneas, simples, em lugar das quaes se adoptam reacções mais complicadas, e mais perfeitas: a criança sente a excitação do larynge — tósse, escarra... vê um fructo — apanha-o immediatamente... São as reacções naturaes, primitivas. A educação procura substituil-as por outras mais convenientes, mais de accordo com a hygiene e com o viver social. A criança tem de habituar-se a conter o impulso e a procurar um lenço... a servir-se na mesa como os outros se servem. São formas de agir mais perfeitas, mas, tambem, mais difficeis. Só por excepção succederá que a reacção nova seja mais facil e menos ardua que a reacção primitiva. Nestas condições, sendo as novas reacções mais complexas e mais difficeis, são mais penosas. Dahi a grande difficuldade de fazel-as acceitar, desde logo, pela criança. Diante desta difficuldade, é que vem a ideia de obter a substituição por imposição. Em verdade, tanto uma formula de substituição como a outra têm justificativa; a circumstancia mais importante, no caso, é a idade. Nos primeiros tempos, enquanto não existe na criança uma consciencia capaz de ser captada, todo esforço neste sentido seria absurdo. Mas, desde que a personalidade infantil se vá affirmando, para que a substituição seja efficaz, sem mutilar essa mesma personalidade, será necessario *corrigir por suggestão*. A suggestão se apre-

senta com a grande vantagem de poder dirigir-se especialmente á tendencia imitativa. As formulas de substituição correctiva incluem um dos mais importantes e debatidos problemas da pedagogia (1).

(1) A analyse do psychismo da criança, e a apreciação lucida da sua evolução só podem ser feitas por quem esteja educado nos methodos geraes psychologicos, mediante um estudo preciso e racional de toda a psychologia, cujo caracter scientifico se baseia essencialmente na noção — da unidade dos processos geraes de conhecer e de sentir. Por isso mesmo, para surprehender em flagrante essas formas simples e primitivas, que nos revelam o mecanismo elementar do espirito, é preciso estudal-as na criança. Quer dizer: os processos da mentalidade infantil nos ensinam muita cousa, e muito nos esclarecem, quanto á personalidade do adulto. No entanto, nota-se, por parte dos que, aqui, parecem procurar na Psychologia inspirações para uma boa Pedagogia, a pre-occupação muito explicita — de reduzir os estudos psychologicos a consciencia da criança; e, com isto, repetem insistentemente que — a criança não é o homem adulto, e que a sua psychologia “não é a redução da psychologia do homem”, mas uma cousa bem diversa... Eis, uma concepção que, applicada á educação, será dos mais desastrosos effeitos; convém, por conseguinte, fazer sentir a verdade. A criança não é uma redução do homem — porque é o proprio homem em formação. Nella está virtualmente o adulto; e fôra impossivel interpretar racionalmente, e convenientemente, a actividade do espirito que se está constituindo, sem ter em vista, bem explicitamente, as formas para as quaes elle se encaminha. O homem é a criança que se formou. Ha tanta razão para fazer-se uma psychologia infantil á parte, como para crear-se uma *physiologia da puericia*, independente da sciencia physiologica. Neste caso, então, seria preciso crear, não uma, mas oito ou dez psychologias especies, porque a criança é tão diversa do adulto, como de si mesma. Ha, certamente, muito maior differença entre o bebê de tres mezes e a criança de tres annos, do que entre esta e o adulto; e teriamos deste modo: a psychologia do recém-nascido, a do bebê que engatinha, a do que balbucia... a dos dous annos, e dos tres annos, e dos cinco, dos sete, dos dez... a do adolescente, a do joven... Toda essa estranha orientação é repetida das laboriosas concepções pedologicas do Sr. Claparede, que, num livro feito de pedaços, parece, afirmar — que o espirito da criança é diverso do adulto. Que se procurem inspirações pedagogicas num Baldwin, ou num W. James... num Binet, num Wundt, num Stanley Hall... comprehende-se; são espiritos reveladores de verdades, e que trazem ou inspiram concepções de conjunto. O Sr. Claparede, no seu estreito biologismo, compraz-se excessivamente em miudezas, que fazem perder de vista o conjunto do problema. Os que o consultam, aqui, o tornam ainda mais estreito.



CAPITULO XXIV

O CHARACTER

Factores da personalidade. — Definição de character; tendências innatas e tradição. — Compleição organica. — Classificação dos temperamentos. — Elementos constitutivos do character. — Classificação dos caracteres. — — Classificação de Malapert. — Classificação de Ribot. — Classificação de Paulhan. — O character como symbolo pessoal.

1. A personalidade, que é a individualidade consciente, realisa-se pela coordenação das actividades psychicas, e forma-se como um germen que se desenvolve assimilando o meio, em successivas acquisições. As formas geraes de actividade são as mesmas; os attributos genericos são identicos nas creaturas humanas; no emtanto, todas ellas se individualisam. Cada uma se distingue por um aspecto pessoal e exclusivo, como se distinguem e se individualisam as physionomias, apesar de conterem, todas, os mesmos traços geraes. Esse aspecto distinctivo de cada personalidade vem a ser o seu *character*. A analyse que fizemos da evolução psychica deixou patente, desde logo, que na formação da personalidade concorrem necessariamente duas ordens de factores: a *herança organica*, em que se englobam todas as systematisações geraes — predisposições, tendências naturaes diversas... e as *influencias mesologicas e educativas*, correspondentes ás formas explicitas de reacções que o aparelho cerebral deve assimilar para organisar-se funcionalmente. Nos elementos herdados se encontram os motivos essenciaes da

discriminação dos caracteres; quer dizer: entre as predisposições congenitas encontram-se as que realmente caracterisam e distinguem o individuo.

2. O caracter define a personalidade, e resume o que ha nella de distincto e individual. E' a affirmação propria e explicita da individualidade consciente. Dahi a tendencia a designar especialmente, como typos de caracter, as formas bem nitidas e vigorosas de affirmação pessoal. E' neste sentido que o conceito commun distingue: "individuos que têm caracter", e "individuos que não têm..." Em verdade, ninguem poderia deixar de ter caracter, pela mesma razão por que ninguem poderia deixar de ter physionomia. Sendo um tom pessoal, de fundo organico e hereditario, o caracter é relativamente pre-determinado, e por conseguinte insubstituivel. A pedagogia scientifica sabe disto, e conta com isto; quer dizer: sabe que a educação póde sempre apurar o individuo normal, e adaptal-o á forma do viver humano e moral, mas — que não conseguiria nunca transformar a essencia do caracter, porque isto equivale a substituir predisposições innatas. Seria o mesmo que pretender substituir a organização somatica (a que se ligam, em summa, as tendencias congenitas). Ha, portanto, dous aspectos a considerar na apreciação da personalidade constituida: a natureza dos *elementos* innatos que a caracterisam, e as formas explicitas de viver que ella assimila, e que se incorporam na *tradição*.

3. Desde que consideramos o caracter como a expressão synthetica das particularidades individuaes, é nas manifestações da vontade que devemos procurar interpretal-o, porque é ahi que o individuo se revela realmente. E podemos, sem contradicção, acceitar a definição: "Caracter é o modo conjuncto de ser e de reagir do individuo", porque — já o assignalámos, a vontade, ou o *modo de agir*, resulta principalmente da affectividade, ou *modo de ser e de sentir*... No emtanto, para a elucidação completa e racional do caracter, convém considerar distinctamente, não só a affectividade e a vontade, como as proprias condições do

equilibrio organico, em que uma e outra se baseiam, e que se synthetisam no chamado — *temperamento*. E' disto que, em primeiro lugar, depende a caracterisação da personalidade. Por sua vez, o temperamento resulta dos estados de nutrição e da actividade funcional do organismo, e equivale ao caracter physiologico. Tudo isto tem repercussão necessaria sobre a vida psychica, porque desses estados organicos deriva a cinesthesia corporal, ou sentimento vital, que é uma sorte de affectividade surda, mas profunda, e que se reflecte, de forma bem definida, no humor pessoal. Ora, o humor pessoal é a propria formula do temperamento; é a expressão immediata do modo de sentir e de reagir; constitue, por isso, o elemento essencial do caracter.

4. O temperamento, por ser um simples resultado de estados organicos, é relativamente pobre de modalidades. Todavia, a classica distincção dos quatro typos—sanguineo, lymphatico, nervoso e melancholico — não poderia comprehender todas as formas especificas de temperamento. Höffding (1), acceitando a apreciação de Haller quanto ás discriminações psychicas ligadas aos temperamentos, classifica-os baseando-se no gráo de energia do organismo — ao receber as impressões e ao reagir. Como elementos immediatos, elle toma em consideração: o tempo de reacção e a disposição affectiva do individuo. Então, distribue os temperamentos em 8 categorias, segundo o modo pelo qual se combinam estas tres direcções geraes das reacções: *dor-prazer, força-fraqueza, rapidez-lentidão*.

E, assim, enumera:

Temperamento	alegre,	fórté,	vivo
"	sombrio,	"	"
"	alegre,	"	lento
"	sombrio,	"	"
"	alegre,	fraco,	vivo

(1) "O temperamento é determinado pela constituição organica, e se manifesta no sentimento vital" (Höffding).

Temperamento sombrio, fraco, vivo
" alegre, " lento
" sombrio, " "

5. Podemos considerar, por conseguinte, o temperamento, isto é, a compleição physiologica, como o primeiro, ou o mais profundo, dos factores constitutivos do character, pois é dahi que sóbe para a consciencia essa tonalidade affectiva que, sob o nome de "disposição de espirito", é orientadora immediata de toda reacção affectiva. Com a *disposição de espirito* se combina intimamente a *summula* das tendencias, ou a intensidade e a natureza da affectividade, que vêm a ser — o *segundo factor* essencial do character. E assim se compõem esses aspectos pessoaes, que geralmente designamos nas expressões — *indifferente, instavel, inquieto, apathico, irritavel, rabugento, pessimista, despreoccupado*... outros tantos modos de ser, em que se reflecte a intima caracterisação. A formula da vontade nos dá o terceiro elemento do character. E' certo que a direcção explicita da vontade resulta, já o vimos, da affectividade; mas a formula propriamente dita — notação do poder pessoal, esta se liga aos processos inhibitorios, que são como que o arcaboço da volição. Todas essas distincções communs — *calmos, reflectidos, ponderados, caprichosos, impulsivos, fracos, irresolutos, obstinados, tenazes, prudentes*... são derivadas, quanto á vontade, das suas inibições. Racionalmente, os caracteres se distinguem, a esse respeito, em: tipos de inibição reforçada e intensa; e tipos de inibição deficiente (1). O ultimo elemento do character, nós o encontramos na organização intellectual. Dahi derivam as variantes: *fantasista, observador, meditado, abstracto*...

Os caracteres se distinguem e definem pela natureza das tendencias dominantes, e pelo modo de combina-

(1) V. *Licções de Pedagogia*, pag. 331.

ção das respectivas actividades: equilibrados, dispersivos, systematicos... Estes ultimos são typos que derivam da *forma* propriamente dita.

6. Cada individuo constitue um character; mas isto não quer dizer, já o vimos, que não haja typos geraes de caracteres, em que se possam incluir as variantes que reconhecemos e distinguimos. Varios psychologos têm tentado classificar esses typos geraes. Os francezes, principalmente, insistem nestas systematisações, que correspondem muito bem ao genio que lhes é proprio. Além das classificações de Paulhan, Ribot e Malapert, ha a citar: a de B. Perez e a de Feuillet. Desde que se trate de apreciar o valor de taes systematisações, é preciso notar que uma classificação de caracteres tem sempre significação relativa, ou approximativa, porque se baseia, apenas, em diferenças de dosagem, e não, como as classificações naturaes, na existencia, ou não existencia, de determinados attributos. Quer dizer, as tendencias e actividades que formam a personalidade são as mesmas em todos os individuos; ha, porém, diferenças de proporções, e dahi, as diferenças individuaes: nuns, mais egoismo, noutros, mais aggressão, noutros, mais desconfiança...

7. A classificação de Malapert é uma das systematisações racionais do assumpto, e é, tambem, uma das mais vulgarisadas e mais simples, porque se baseia na predominância de uma das actividades psychicas geraes: sensibilidade, intelligencia, e vontade. Dentro dos grandes grupos, distinguem-se, então, as especies, na seguinte forma:

Sensibilidade.	{	sensitivos (moveis e vivazes) emotivos apaixonados
Intelligencia...	{	analystas reflectidos (rectos e praticos) especulativos

actividade, propriamente dita.	{	inactivos activos reagentes	
	{	amorphos rotineiros impulsivos instaveis	sem vontade
Vontade	{	fracos irresolutos caprichosos	vontade incompleta
	{	homens de acção senhores de si mesmo	vontade completa

Esta classificação, si teve o merito de mostrar que a discriminação dos caracteres se pôde fazer com orientação racional e scientifica, tem o grave defeito de consagrar um criterio banal e insufficiente. Essa tendencia a distinguir os caracteres pela ascendencia de *sentimento*, *intelligencia* e *acção*, — é contemporanea dos primeiros ensaios de psychologia. Tal criterio, simples de mais, pretende dar o mesmo valor a factores de significação bem diversa, qual seja a affectividade comparada á intelligencia.

8. Ribot, cuja classificação ainda é a mais referida na psychologia franceza, baseia o seu criterio discriminativo nos proprios aspectos que servem para definir o character, e que são as manifestações essenciaes da individualidade: *affectividade* e *actividade* (modo de sentir e de reagir). Então, estabelece elle duas grandes divisões: dos *sensitivos* e dos *activos*; a esses dous grupos, junta um appendice — dos *apathicos*, cuja atonia organica determina, no seu entender, "um modo de sentir e de agir abaixo da média". Essas divisões se distribuem, por sua vez, em generos, que, pela combinação com as qualidades mentaes, permitem a Ribot instituir as *especies* de caracteres. E' assim que, nos sensitivos, elle distingue: os *humildes*, os *contemplativos*, os *emotivos*. Nos activos, separam-

se — *activos mediocres e grandes activos*. Os *apathicos* pôdem ser: *apathicos puros, calculistas...* Finalmente, combinadas umas ás outras, as especies dão lugar a variedades: *sensitivos-activos, apathicos-activos...* Apesar do que tem de claro e de racional, esta classificação não pôde satisfazer porque se afasta, sem necessidade e sem razão, das distincções naturaes entre as formas de affectividade. Creando o grupo geral dos sensitivos (affectivos), Ribot os subdivide, depois, arbitrariamente, quando a affectividade tem as suas modalidades especificas, pois que ella se differencia nas tendencias e inclinações, cuja predominancia define perfeitamente o typo de character.

9. Não sendo das mais recentes, a classificação de Paulhan, é, talvez, a que fornece indicações mais completas e racionais. Aponta-se-lhe um defeito — o ser muito vasta, complexa e pormenorizada, de sorte que os typos de categorias differentes se confundem. A objecção é verdadeira, mas deriva, em grande parte, da propria natureza das differenças distinctivas. Paulhan se baseia, primeiramente, na *predominancia* — da actividade, ou da affectividade, subordinando, depois, esse criterio ao modo de “associação psychologica”, na seguinte fórma:

ACTIVIDADE — fórma de associação.

Fórmulas de associação systematica: *equilibrados, unificados...*

Predominancia de inibição: *reflectidos, senhores de si...*

Predominancia de associação por contiguidade e semelhança: *bôa memoria...*

Predominancia de associação por contraste: *inquietaos, nervosos, contrariantes...*

Actividade independente: *impulsivos, compositas, incoherentes, dispersivos, suggestivos, fracos, distrahidos, levianos...*

ACTIVIDADE — qualidades do espirito.

Amplitude da personalidade: *largueza de character, estreiteza, mesquinha...*

Pureza dos elementos do espirito: *puros, tranquilos, perturbados...*

Força das tendencias: *apaixonados, emprehendedores...*

Persistencia das tendencias: *voluntarios, obstinados, constantes... fracos, voluveis...*

Plasticidade das tendencias: *malleaveis, doces... rudes, rispídos...*

Sensibilidade dos elementos psychicos: *vivos, impressionaveis... frios, molles...*

AFFECTIVIDADE — predominancia, ou deficiencia, de uma tendencia.

Tendencias vitaes.

Vida organica: *sensuaes e sóbrios*.

Vida mental: *sensoriaes, intellectuaes, affectivos, "virtuosi"...*

Tendencias sociaes.

Objecto—individuos: *egoistas, altruistas... amor, amisade, affeições domesticas.*

Objecto—collectividade: *patriotas, philanthropos...*

Objecto—impressoal: *mundanos, profissionais, avarentos, generosos, prodigos, vaidosos, orgulhosos, autoritarios, ambiciosos, humildes, submissos...*

Tendencias syntheticas: *felizes, gosadores... pessimistas, ascetas...*

Tendencias supra-sociaes: *apostolos, mysticos, revolucionarios...*

Esta classificação, apesar da complicação que apresenta, é um bom guia; é uma orientação bem util, para quem deseje apreciar os differentes modos de combinação dos elementos do character.

10. Como facto positivo, o character representa uma virtualidade: é o que se deve realisar. Resultante directa de todas as tonalidades pessoaes, o character presuppõe uma formação propria, pois que elle é o symbolo do individuo, e se constitue como formula de equilibrio entre as tendencias naturaes. O character organisa-se e define-se affirmativamente atravez das inevitaveis opposições e lutas das tendencias. E' pre-

ciso, porém, não n'ó considerar como o equilibrio resultante do conflicto entre o fôro intimo e as resistencias exteriores. Não; o character é a propria formula de equilibrio interno, que se estabelece para reagir e lutar contra o exterior; é a affirmação explicita das tendencias conservadoras do *eu*. Mas, por tudo isto — por ser a expressão de um equilibrio entre energias vivas e modificaveis, e por ser o producto de uma formação progressiva, o character é, de certo modo, instavel. E' uma virtualidade que evolue.



CAPITULO XXV

A PERSONALIDADE E A TRADIÇÃO SOCIAL

(Conclusão)

Formas explicitas nas consciencias. — Comunicação das consciencias. — O subjectivo pessoal e as concepções collectivas. — As ideias como valores sociaes; a transmissão symbolica dos processos adaptativos. — Organização social. — A evolução humana; nucleos de elaboração civilisadora. — Orgãos e funções sociaes. — Autonomia pessoal e solidariedade affectiva. — A tradição: assimilação do individuo no grupo social. — Significação objectiva da sociedade humana.

1. O character engloba e traduz os elementos implicitos e innatos da personalidade, e, por isso mesmo, essenciaes para a sua definição e orientação. Tudo que é forma, na consciencia, tudo que a exprime, resulta de aquisições, nas relações do individuo com o meio. Desta sorte, para bem comprehender a formação do *eu* consciente, ou da personalidade, é indispensavel ter a noção synthetica desse conjuncto de relações que a consciencia deve condensar para constituir-se, porque, de facto, a consciencia se realisa como uma teia de representações e affeições, onde se reflecte o mundo ambiente, relacionado aos interesses da individualidade. Muitas dessas representações se formam graças aos contactos directos e exclusivos do individuo com o meio cosmico; as mais importantes dellas,

porém, resultam das próprias condições do viver social. Não será exaggero considerar a consciencia individual, na sua forma lucida, como função do regimen social no viver humano. Isolado, em face da natureza, o homem não teria chegado a esse psychismo efficaz e superior, que lhe garante a supremacia na criação, e de que a consciencia é repercussão subjectiva. Lembremo-nos de que uma das noções fundamentaes na interpretação que damos á vida, é que — os outros seres da nossa especie desenvolvem uma actividade analoga á nossa, e com a qual nos podemos associar efficazmente. Então, contamos com o subjectivo, nelles, como em nós mesmos. E isto é essencial na constituição de cada personalidade. Nas apreciações superficiaes das relações com o meio, quanto aos esforços adaptativos, referimo-nos sempre ao individuo; temos o *preconceito do individuo*, porque a consciencia só pôde ser individual; mas, em verdade, a creatura humana nunca reage isoladamente, e sim incorporada na sociedade, com a sua cooperação, implicita, ou explicita, no tempo e no espaço. E todo o valor dessas relações de cooperação se definem na consciencia. Si nas relações da especie com o resto do universo, nada significa o subjectivo consciente, nas relações inter-individuaes esse factor adquire significação especial, porque é a propria realidade para cada individuo.

2. Não ha duvida que as consciencias são estanques; mas não são incommunicaveis. Pelo contrario: ellas só se pôdem constituir graças a essa communicação. De individuo a individuo, os estados mentaes provocados pelos mesmos factos têm valor analogo; então, para trazer uma representação ás consciencias, e determinar as correspondentes reacções psychicas, basta que entre ellas se produza um symbolo evocativo. Objectivamente, as tres syllabas — *floresta* — são meros phenomenos sonoros; no entanto, enunciadadas num circulo de individuos para quem esse conjuncto de sons seja um symbolo, eil-as com o poder

de trazer-lhes á mente o grandioso e formidavel espectáculo da selva primitiva. Assim se relacionam e se entrelaçam as consciencias. Então, si é verdade que o subjectivo só tem significação para a propria pessoa, uma vez que ella se pôde communicar com as outras, é esse mesmo subjectivo que se estende, e de certo modo se torna commum, dentro da especie, graças ao symbolo. Quer dizer, individual como representação, a consciencia tem uma repercussão *geral*, e uma significação collectiva, pelas *formas geraes* dos seus processos e pela natureza do conteudo. Esse conteudo, por ser transmissivel, faz, então, da consciencia individual uma dependencia das concepções collectivas. Tudo resumindo: dada a analogia das organizações cerebraes e a correlativa analogia das consciencias, com o processo de symbolisação, creou-se um subjectivo geral — de toda a especie; desta sorte, o problema psychologico só se pôde elucidar completamente, si tomámos em consideração este mesmo subjectivo generalizado. A contemplação da consciencia individual, isolada, será sempre incompleta.

3. Toda a superioridade humana se liga ao viver social, e é pela consciencia que os individuos se associam. A Historia, em toda a sua grandeza, se faz nas consciencias; dahi procede, e ahi vem ter. São as *vontades* entidades meramente subjectivas, que se organisam e realisam a sociedade. Notemos tambem que, apesar de individual, a consciencia lucida não reflecte as relações inter-cellulares, e sim, as relações inter-individuaes. Em grande parte, a personalidade — o espirito — é um producto da assimilação social; está em funcção da vida collectiva, porque em cada um se fez a synthese dos sentimentos e das ideias geraes. O subjectivo pessoal inclue o subjectivo geral. "A consciencia é a sociedade no individuo". Imitação voluntaria, educação, suggestão, propaganda, persuasão, pleito... são outros tantos modos de nomear subjectivamente as variantes, nas communicações de exci-

tação ou de influxo, de um cerebro a outro, pelos processos subjectivos, e sympathicos, de reconstituições de estados de consciencia, por meio dos symbolos. E dahi deriva o apparente absurdo: geralmente, a *forma* da actividade psychica depende mais das formas de relações inter-individuaes (*educação*) do que das formas organicas (*temperamento*). E' que toda a riqueza plastica do cerebro se organisa sob a acção immediata dessas transmissões symbolicas — sob a influencia de outras organizações cerebraes. Noutros seres vantajosamente cerebrados, essa parte do aparelho nervoso se systematisará sob a pressão directa do meio cosmico — conhecimentos immediatos, experiencia individual... No homem, social como é, o symbolo abrevia extraordinariamente a necessaria systematisação da actividade cerebral, ao mesmo tempo que a enriquece. No symbolo se supprimem todos os intermediarios entre a sensação inicial e a synthese mental — conhecimento; a percepção pura se associa directamente ao concepto superior. Por isso, é elle essencialmente educativo.

4. As ideias são aspectos definidos do universo — são subjectivações que passam de consciencia a consciencia. Qualquer que seja a sua origem, si ellas se accentuaram, e se impuzeram, e se generalisaram, já não são mais representações individuaes, transitorias e fugitivas; são formulas permanentes (si bem que evoluíveis) da constituição mental da especie; são interpretações definitivas da natureza, das cousas, e das nossas relações collectivas. Uma série de percepções individuaes dá lugar a uma concepção abstracta; milhares de espiritos collaboram para uma ideia geral. Deste modo, os processos de adaptação se podem comunicar symbolicamente, de consciencia a consciencia, e na especie se constituem, então, formas geraes de adaptação, formas que não se inscrevem nos órgãos, porque se transmitem e se refazem nas consciencias. A personalidade se organisa, assim, pela aquisição desses processos geraes. As ideias são sys-

tematisações que valem como esboços de acção, e que, propagando-se pelos symbolos, reforçam-se e modificam-se, ao passarem de cerebro a cerebro. Os conceptos são productos historicos, que evoluem com a sociedade. O individuo conhece o mundo atravez da experiencia social, recebe da sociedade os processos geraes de reacção adaptativa, e reage "solidarizado" com a sociedade. A consciencia lucida vem a ser, realmente — assimilação abreviada do universo, e em que, graças ao viver social, se condensa toda a adaptação da especie. E' por essa razão que William James, não hesitando em admittir que o pensamento seja "função do cerebro", restringe o conceito, no emtanto, para affirmar que, nesse caso, "o trabalho cerebral no pensamento será mais de transmissão do que de produção". A superioridade do homem não está somente no facto de que elle pôde pensar; está principalmente na circumstancia do viver social, que, com o symbolo, deu ao pensamento individual uma extensão que alcança toda a especie, porque o symbolo torna objectivos os estados de consciencia, dentro do subjectivismo social. Os symbolos são os nodos, reformaveis e moveis, dessa teia viva, que é a sociedade humana.

5. Todas as tentativas de systematisação sociologica, em vista do Direito, da Economia Politica, da Moral, da Educação... têm tentado definir e caracterisar a organização social, attribuindo-lhe uma estrutura definida, como que analoga á dos organismos biologicos, e, assim, determinam-lhe as funções. Dessas ideias — que são outras tantas noções preconcebidas, deduzem-se theorias, systemas, e por elles se formulam preceitos e sentenças. Geralmente, resultam falhas, taes systematisações, discordantes dos factos, ou alheias á realidade. Todas essas theorias da sociedade-organismo inspiram-se, desde os primeiros momentos, em falsas analogias. Não ha duvida que a sociedade é uma organização viva; e nisto se resume a sua approximação relativamente aos com-

plicados seres biologicos. Nem pela estrutura dos respectivos órgãos, nem pela distribuição de funções, nem pela natureza das relações intimas, nem pelo processo de formação, podemos comparar o conjuncto social a um organismo biologico, principalmente aos individuos das elevadas especies zoologicas. As sociedades são grupos de individuos, unidos *psychologicamente*, isto é, grupos de individuos que, subjectivamente, vivem segundo tradições communs, e que, objectivamente, apresentam umas tantas systematisações cerebraes fixadas segundo o mesmo typo. Isto determina reacções geraes analogas, e que correspondem ao viver geral da especie, e ao caracter normal de cada grupo. Note-se, porém, que os agrupamentos sociaes não são bem limitados, nem no tempo, nem no espaço. Dentro do conjuncto total da especie, os grupos humanos entrelaçam-se, confundem-se e complicam-se, porque se incluem uns nos outros. Realmente, todos elles se distinguem, apenas, como *nucleos*, profundamente instaveis, aliás. E' obvio que os limites artificiaes e convencionaes das Nações, e os respectivos *fóros* de nacionalidade, não delimitam de modo nenhum os grupos humanos, porque não os isolam. Sem considerar os outros aspectos que pôdem servir para distinguir os nucleos sociaes, apreciando apenas a nacionalidade: o Suisso é num elemento social relacionado immediatamente ao nucleo helvetic, e relacionado, tambem ao nucleo germanico, ou ao francez, relacionado tambem ao grande nucleo europeu occidental... O canadense, é canadense, inglez, norte-americano, europeu, occidental...

6. A sociedade, qualquer que seja a sua extensão, tem de ser considerada como organização *sui generis*, cujos elementos — que são seres vivos (humanos) — dependem immediatamente do meio cosmico; delle tiram directamente o que lhes é preciso para se conservarem, e estão ligados entre si por dependencias meramente psychicas. Quer dizer: entre os elementos sociaes, livres como são, estabeleceu-se um systema de

transfusões psychicas, por meio de symbolos, transfusões que se tornam cada vez mais extensas e mais efficazes, e se resumem na transmissão consciente — dos processos geraes de reacção e de adaptação. São estas as unicas relações entre as chamadas “cellulas sociaes”. A circumstancia da procreação não altera este aspecto geral das relações individuaes, porque os laços e as dependencias domesticas são de ordem psychica, como as dos outros individuos. No entanto, dependendo immediatamente do meio cosmico, os elementos sociaes dirigem as suas relações directas sempre orientados pela *tradição*, segundo as transmissões de que têm participado. Os individuos systematisam em normas communs os seus actos; coordenam-se, cooperam e formam, por conseguinte, órgãos e apparatus sociaes,—instituições, *corpos*...—Esses órgãos, porém, são constituídos de elementos igualmente livres, virtualmente autonomos, organicamente independentes. São, por isso mesmo, órgãos instaveis, continuamente reformados, e cujas relações se cifram, tambem, em transfusões psychicas, mais ou menos accentuadas. O corpo social vem confundir-se, pois, com a especie humana. A evolução das sociedades é, de certo modo, a propria evolução da especie; e cada vez mais se confunde uma cousa com a outra, pois o caracteristico dessa evolução está no alargamento constante, e no continuo desenvolvimento dessas transmissões, que formam as relações inter-individuaes. Dest’arte, a solidariedade que entre os elementos sociaes existe é toda virtual, sem nenhuma expressão organica directa. O destino organico, ou material, de cada elemento é sem importancia, quasi, para a organização social. Ha uma continua renovação de elementos; e o que importa ao conjuncto, na existencia do individuo, é o seu valor psychico, — acção, moralidade, pensamento... O organismo propriamente dito perde tanto de significação, que a sociedade vale realmente como uma associação de consciencias, objectivadas em symbolos immediatos — expressão verbal, e symbolos mediatos e complexos — obras, monumentos, etc.

7. O corpo social — o grande corpo social, a humanidade—compreendendo nucleos mais ou menos instaveis, não tem que cogitar (nem cogita, de facto) de morte, ou desaparecimento. Esses nucleos, sim, podem desaparecer, ou decompor-se, ou reformar-se, enquanto outros surgem e se affirmam. Mas, desde que elles correspondem realmente a simples tradições, o seu desaparecimento significa, apenas, na maioria das vezes, o abandono dessas tradições, supplantadas por outras, que contrastam com ellas, e a ellas se substituem. Nesses nucleos se consagram e se realisam completamente as dependencias moraes; quer dizer, nelles se definem as mais estreitas e completas relações humanas. E si elles se dissolvem, o facto se consigna historicamente como o “desaparecimento de um povo, ou de uma civilisação”. Elles são, por conseguinte, os nucleos de coordenação e de orientação, na evolução da especie. São os centros fecundos e efficientes, onde se cream e vivificam as tradições. O elemento social vivo é o *individuo consciente*; mas, entre a personalidade individual e a sociedade na sua totalisação, existem todos esses systemas representativos — todos esses nucleos, cada um com seu character, cada um com a sua capacidade de socialisação; de forma que a mesma consciencia pode estar sob a influencia de differentes systemas, pois que os grupos não se isolam. Em verdade, a humanidade procede como um vasto corpo, com multiplos centros de actividade. Dir-se-ia uma trama viva, solidaria, formada por tramas particulares, que se entrelaçam, e se superpõem, e se combinam — nações, corporações, igrejas, instituições, companhias, associações... Em cada uma dellas se encontram motivos que fazem gravitar os espiritos para determinadas ordens de pensamentos e de sentimentos. De toda forma, as relações se fazem simplesmente entre as consciencias. No emtanto, por serem meramente psychicas as dependencias sociaes, não é menos perfeita a solidariedade dos elementos, nem menos formal a differenciação das funções psychicas, tanto mais quanto uma e

outra cousa derivam de profundos instinctos, fixados e reforçados por selecção, ao longo de toda a evolução da especie. São os instinctos sociaes. Ha, na especie humana, elementos e *orgãos* especializados na funcção de formular procesos geraes de adaptação, e modos geraes de reacção — conhecimentos, pensamentos, systemas... arte, industria... como, nas sociedades biologicas dos insectos, ha individuos conformados e especializados na funcção de procrear, ou de guerrear, com a differença de que, nas sociedades humanas, sendo os laços simplesmente psychicos, não ha aquella fixidez dos caracteres somatico-physiologicos. Vae a tal ponto, porém, a solidariedade virtual dentro da especie, que, de facto, nenhum elemento social conseguiria formular um novo processo de adaptação que não aproveitasse aos outros do grupo, estendendo-se, finalmente, a toda a sociedade. O facto de serem puramente psychicas as dependencias sociaes, não prejudica os interesses geraes; pelo contrario, disto resulta grande facilidade de progresso — pelas infinitas facilidades de reforma, e pela facil e prompta condensação de todas as reformas em cada individuo. Succede, justamente, que o progresso só se realisa francamente quando os individuos ou elementos sociaes são livres — para que, de accôrdo com a capacidade pessoal, elles possam proceder a essa condensação de reformas, e consigam coordenar, nos seus meios de acção, os processos geraes de adaptação que se vão creando.

8. Accentuemos, mais uma vez, que a differença entre o organismo biologico e o conjuncto social está em serem individualmente conscientes, e anatomicamente livres, os elementos vivos do corpo social. Cada um desses elementos tem consciencia dos liames que o prendem ao todo, e, com esta representação, elle se torna, *ipso-facto*, autonomo, tem iniciativa, e *sente-se* directamente responsavel pela propria existencia organica, pois que, biologicamente, é um todo isolado e absolutamente limitado. As relações psychicas super-

postas ás condições organicas, a autonomia consciente e a necessidade de iniciativa deram, então, á evolução geral da especie o character humano que ella tem — de livre coordenação. Nisto differe, essencialmente, a evolução social, da evolução biologica. O progresso não está, não poderia estar, na formal centralisação dos processos sociaes, nem na subordinação dos individuos a um poder exterior ás consciencias. O ideal, como regimen social, ideal que já se define, ha de ser o de — autoridade moral, cooperação voluntaria, e solidariedade affectiva. Por isso, só se realisa verdadeiro progresso quando, satisfazendo ás tendencias intimamente ligadas á organização nervosa cerebral, tem o individuo a possibilidade e a liberdade para desenvolver a sua inteira actividade, donde surgirão iniciativas, formas novas de reacção e de coordenação. O progresso se exprime, dest'arte, por um crescente poder de adaptação, poder que resulta da socialisação cada vez mais perfeita, e da intima solidariedade da especie. Todas as circumstancias que agora lembramos, e tudo que accentuamos no interpretar a *illusão subjectiva*, nos levam á conclusão formal de que — sendo o homem um poder para si mesmo, sendo capaz de reflectir e de contemplar-se, elle tem de ser livre, dentro do grupo social, afim de poder adaptar-se efficaçmente, e desenvolver a iniciativa pessoal, pois que a assimilação social se faz pela affirmação da vida individual. A sociedade é, pois, uma simples organização de consciencias, uma livre associação de systemas nervosos, biologicamente semelhantes, possuindo systematisações hereditarias comuns. Os seus elementos—educaveis, plasticos, reformaveis, organicamente independentes — têm vida propria. Cada um encerra em si os seus proprios destinos, e influe necessariamente no destino geral. Como todas as outras funcções sociaes, a *direcção* das relações humanas é sempre reformavel e instavel, e se define, como o proprio pensamento, sob o aspecto de formulas geraes, que cada elemento social assimila, como assimila os outros processos secundarios, de adapta-

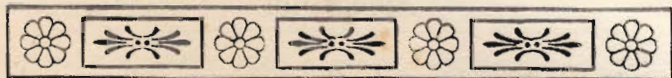
ção. Os órgãos directores instituem-se expontaneamente; valem como órgãos pensantes, sem nenhum imperio effectivo sobre os individuos, porque os actos são coordenados no dominio de cada consciencia, e só a consciencia individual os póde modificar. A influencia directora, efficaz, é toda suggestiva, por effeito das transmissões de symbolos, de consciencia a consciencia. Essas influencias inspiradoras irradiam dos differentes nucleos sociaes, confundindo-se umas com as outras, como se confundem as respectivas tramas, entrelaçadas no grupo total. Os systemas directores se instituem, apenas, como indicações geraes, que se aceitam na razão da correspondencia que exista — entre elles e as necessidades intimas de socialisação crescente e de solidariedade completa. Os interesses sociaes, reconhecidos e systematisados, realisam-se em serviços geraes, reflectidamente organizados, e incessantemente reformados e aperfeiçoados.

9. Na livre associação dos individuos humanos, o organismo biologico representa um conjuncto de relações interiores em correspondencia com relações exteriores. Elle se harmonisa no meio geral segundo a dupla orientação — interesses pessoaes e interesses da especie. As relações exteriores, de adaptação, unificadas e reflectidas na consciencia, valem como uma synthese, que é a personalidade, a *unidade social* — o eu da vontade, ao mesmo tempo, entrelaçado no corpo social e em relação directa com o meio cosmico. Nestas condições, o conjuncto dos processos adaptativos se torna apreciavel em cada pessoa, e constitue um ser perfeitamente definivel — o ser a que chamamos *espírito*, e que se forma á custa das aquisições directas e das transmissões symbolicas (mais de transmissões symbolicas, talvez, do que de aquisições directas). O espirito é, pois, uma realidade, na subjectividade do agrupamento social: é uma realidade de relações, resultado de transmissões psychicas, producto da educação, orientada pelos instinctos geraes da especie. As proprias tendencias naturaes, hereditarias, só se

revelam sob o influxo da sociedade, e exprimem-se pelos meios de acção que a educação fornece. A educação corresponde á assimilação do individuo na actividade social, e, por isso mesmo, comprehende a organização da consciencia — que é, em summa, a synthese, continuamente reformavel, do viver social no subjectivismo da personalidade. Eis a razão por que a criança não póde ter uma consciencia lucida e moral, sinão á proporção que vae assimilando os aspectos collectivos das relações inter-individuaes. E' possivel que essa dupla subjectividade — na consciencia individual, e nas relações inter-individuaes, isto é, essa apparente objectividade da consciencia como facto social, tenha obscurecido um tanto a apreciação geral do caso; e isto fará, então, surgir a objecção: "Si os processos adaptativos se pódem communicar de consciencia a consciencia, por meio de symbolos, é evidente que a consciencia constitue, por si mesma, um facto novo, uma vantagem especial para o homem, porque, sem ella, o viver social fôra impossivel..."

10. Essa objecção, apesar da forma logica em que se apresenta, nada mais faz do que repetir a absurda hypothese — *de não haver consciencia*... Pois que ella existe; pois que nós não nos podemos conhecer sinão em consciencia, quer reflectamos sobre nós mesmos, quer reflectamos sobre o viver social, torna-se absolutamente descabida essa formula — da *não consciencia*... Não podemos discorrer, isto é, — viver subjectivamente, admittindo que o subjectivo não exista. O que nos cumpre fazer é continuar a accentuar: que o viver social tem tambem o seu subjectivo, nas nossas consciencias. Objectivamente, na vida da especie, não ha, nem symbolo, nem communicação de consciencias; ha uma transmissão de excitações, de cerebro a cerebro, por intermedio dos sentidos, condicionada pela analogia de organização nervosa, transmissão que se explica biologicamente pela complexidade da organização cerebral. A vantagem objectiva para a especie está em possuir esse

apparelho cerebral, de que a consciencia e o symbolo são *expressões subjectivas*. Não é por serem conscientes que os homens pôdem transmittir, uns aos outros, as formulas de excitações a que damos o nome de symbolo; mas, sim, porque possuem uma complicadissima e rica organização nervosa, onde, desde cêdo, se distribuem variadas systematisações de reacções, analogas umas ás outras, porque correspondem a uma herança commum, e são modeladas nas mesmas impressões exteriores. Objectivamente, a sociedade é uma associação de systemas nervosos. Subjectivamente, nós a representamos organizada em torno do symbolo que associa as consciencias, porque somos, subjectivamente, consciencias.



APPENDICE I

CARACTERISAÇÃO DOS ANORMAES ESCOLARES

Consideram-se como — *anormaes escolares* as crianças que apresentam anomalias psychicas, de desenvolvimento, ou de coordenação e equilibrio das respectivas actividades, e que, todavia, convenientemente educadas, podem corrigir-se ou melhorar tanto que poderão viver, depois, a vida commum e livre, como personalidades uteis e moralisadas.

Os anormaes escolares caracterisam-se pela triplíce circumstancia — de serem *anormaes num gráo reduzido*, tanto assim que *podem ser educados*, isto é, são relativamente curaveis, mas *precisam de um regimen especial*.

Quasi todas essas crianças refractarias á educação commum são typos de anormaes escolares. *Indisciplinadas, rebeldes, distrahidas, impulsivas, preguiçosas, indolentes, viciosas, agitadas*. . . taes crianças são más companhias, exemplos perniciosos para os outros meninos, e constituem o flagello dos educadores, o martyrio e o desespero dos paes, desde que o caso não seja attendido como é preciso.

A vida psychica começa a organizar-se depois do nascimento; a coordenação se vae instituindo lentamente, gradativamente. Por isso, nas condições communs, as deficiencias e os desequilibrios mentaes da criança passam despercebidos, e só se fazem notar como *defeitos*, por essa ineducabilidade. No emtanto, é de toda importancia que a anormalidade psychica seja devidamente reconhecida e classificada desde cedo, afim de ser convenientemente attendida, porque é essa a condição essencial de cura — instituir-se em tempo um regimen educativo apropriado. O anormal escolar, abandonado á vida commum, torna-se geral-

mente um typo insocial. Os processos ordinarios de instrucção não chegam a dar-lhe o preparo e o desenvolvimento preciso para que elle possa tirar da intelligencia os recursos que a vida exige de cada um. Sendo creaturas mais incapazes para se conformar com as regras da moral do que as crianças normaes, dada a insufficiencia do preparo mental, facilmente descambam para a desmoralisação, o parasitismo, e o crime.

E' obvio que os symptomas mediante os quaes é possível reconhecer e classificar as anomalias mentaes da criança são principalmente de character psychologico; por isso, nos seus estudos de psychologia, os educadores occupam-se especialmente deste assumpto.

Os anormaes escolares distinguem-se em dous grandes grupos: o dos *retardados* e o dos *desequilibrados*, a que alguns pedagogos applicam de modo geral a designação de *instaveis* (1). A esses dous typos se junta geralmente o grupo dos — *retardados pedagogicos*, onde se incluem — *crianças*, ou *adolescentes*, *psychologicamente normaes*, mas cujo desenvolvimento mental se atrazou por *terem iniciado tarde* a sua educação systematica, principalmente na parte de instrucção. Nestes — nos retardados pedagogicos — não ha anomalias essenciaes; no emtanto, é preciso submettel-os a um *regimen especial*. Elles não podem razoavelmente seguir as classes communs, nem se deixam levar pelos mesmos processos que as outras crianças com quem teriam de estar. E' evidente que as primeiras lições de calculo, as primeiras sugestões quanto aos deveres domesticos, por exemplo, não poderiam ser feitas com a mesma forma e os mesmos recursos — para uma criança de 7 annos e para uma de 13. Estes retardados designam-se explicitamente no proprio acto de apresentação: todo indi-

(1) Binet, por exemplo, distingue os anormaes em dous grupos: *retardados* e *instaveis*.

viduo que *entra* para a escola, *analphabeto*, depois dos 10 annos exige processos especiaes: é um *atrazado pedagogico*.

Os *retardados mentaes* caracterisam-se, como o proprio nome o indica, pelo atrazo na evolução das actividades intellectuaes, de sorte que, muitas vezes, um retardado de 14 annos tem intelligencia equivalente á de um bêbê de 4 annos. O desenvolvimento mental é mais lento que nos typos normaes; e como esse desenvolvimento não é indefinido, na época propria elle cessa, e o retardado adulto se apresenta como um typo de intelligencia reduzida. Dest'arte, o retardado — em criança, apresenta *atrazo mental*, e quando adulto, *deficiencia intellectual*.

Esses anormaes assim se caracterisam — pelo retardamento. E' dahi que lhes advem o defeito. Isto não quer dizer, porém, que dentro do seu atrazo e da sua reduzida intelligencia, elles sejam typos rigorosamente equilibrados. Não o são porque o retardamento não se pronuncia por igual em todas as funcções mentaes. As actividades e as operações intellectuaes se distinguem, de modo geral, em: *inferiores*, que são aquellas donde resultam os conhecimentos directos (percepções), e *superiores*, a que se ligam os conhecimentos racionaes, que se fazem com o jogo das abstracções, e que se podem elevar ao vigor e á profundeza das syntheses scientificas e philosophicas. E' no dominio das actividades superiores — na capacidade de abstracção e de razão, que o retardamento se manifesta.

Em regra, o retardado percebe tão bem como o individuo normal, mas não sabe aproveitar-se dessas percepções como o fazem as intelligencias bem constituídas. Dahi resulta que, no retardado, ha sempre um relativo desequilibrio. Além disto, as causas (geralmente hereditarias) que produzem o retardamento são da mesma natureza das que produzem as anormalias de coordenação. Quer dizer: na maior parte das vezes, coexistem as duas formas de anormalidades. Retardados puros, sem symptomas de *instabilidade*, é muito raro. Os classificados como retardados são

typos de degenerados nos quaes predomina o retardamento.

Os retardados mentaes incluidos nos anormaes escolares se subdividem, por sua vez em — *imbecis* e *debeis mentaes*, sendo estes *menos atrasados* ou mentalmente deficientes do que os imbecis. E' de notar que a psychiatria reconhece um outro grupo de retardados — o dos idiotas.

Está claro que os limites entre os differentes typos de retardados não são rigorosos, nem bem precisos. Ha nelles toda uma gradação de deficiencia e de atraso mental. Então, a medicina e a psychologia estabeleceram trez typos nas suas classificações: os mais atrasados — *idiotas*; os medianamente atrasados — *imbecis*; e os menos atrasados — *debeis de espirito*. E' obvio, porém, que ha typos de transição entre essas categorias. Os idiotas excluem-se do numero dos "anormaes escolares" porque — tal é a sua deficiencia mental que, "nem mesmo sob um regimen apropriado, se podem preparar e educar de modo a constituirem personalidades autonomas e responsaveis". Devem viver sempre reclusos e assistidos — nos asylos, ou mesmo no seio da familia.

Os psychiatras distinguem dous grãos de idiotia: *idiotas profundos*, e *idiotas communs*. Na imbecilidade tambem podemos distinguir dous grãos: imbecilidade pronunciada e imbecilidade leve. A debilidadade mental, sendo a forma attenuada, ou menos pronunciada de retardamento mental, apenas se accentua, e muitas vezes, quasi não se distingue dos typos normaes menos intelligentes.

*
* *
*

Os desequilibrados se podem separar em dois grupos: os *degenerados* e os *nevroticos*. Aliás, essa distincção bem applicavel aos adultos, é illusoria na infancia, quando não se pronunciaram ainda, nem os symptomas caracterisados das nevroses, nem os de-

lirios e disturbios mentaes das psychoses. Em regra, os defeitos desses anormaes são mais do dominio da affectividade e da actividade, que de ordem mental exclusivamente. E disto resulta a sua relativa ineducabilidade. Pertencem á categoria dos — desequilibrados — todas as crianças que a educação commum condemna sob pécha de : incorrigíveis, preguiçosos, inquietos...

Effectivamente, é sob o aspecto de — más qualidades moraes, ou de insufficiencia na acção, que as suas anomalias se caracterisam. São rebeldes, desattentos, distrahidos, mentirosos, crueis, dissimulados, impulsivos, deslembados, tibios, timidos, fatigados, irascíveis, exigentes...

Decroly os distribue nestes 6 grupos: *instaveis, loucos moraes, psychastenicos, epilepticos e hystericos*. Esta classificação segue um criterio clinico, e tem o defeito de só poder ser applicavel numa idade relativamente avançada, quando os symptomas clinicos já se manifestaram. E' possivel simplifical-a, dando-lhe um character mais especialmente pedagogico.

Desde cedo, distinguem-se nos anormaes desequilibrados tres typos geraes: os *instaveis*, os *asthenicos* e os *viciosos* (loucos moraes). Os primeiros se caracterisam pela — irritabilidade, desattenção, impulsividade, vehemencia, agitação, turbulencia, tagarelle... Ha nelles, principalmente: *exagero de excitabilidade e deficiencia de inibição*. Os *asthenicos*, esses padecem de defeitos oppostos aos dos instaveis: são indolentes, tibios, hesitantes, intimidados, lentos, inertemente distrahidos, flacidos, preguiçosos... Em muitos casos, taes defeitos são symptomas immediatos de miseria ou incapacidade physiologica. Os *viciosos* pertencem, em muitos casos, a essa mesma categoria — de instaveis; outras vezes, são crianças que se fazem notar principalmente pela tendencia ao vicio e á immoralidade. De todo modo, o vicioso é um desequilibrado que se caracteriza pelas taras de ordem

affectiva — exagero de tendencias egoistas e ausencia de senso moral.

*
* *
*

O diagnostico do anormal escolar se faz, á parte as indicações resultantes da observação commum no curso da educação, mediante um triplice exame: medico-anatomico, psychologico e pedagogico. A observação commum serve de elemento de suspeita. De facto, os competentes só examinam uma criança — para reconhecer si é *anormal*, quando, pela difficuldade e resistencia que offerece ás influencias educativas, ella *faz suspeitar da sua integridade mental*. A natureza dessas resistencias serve para orientar as pesquisas.

O exame clinico procura reconhecer si ha affecções chronicas, geraes, ou do systema nervoso, porque, muitas vezes, um tratamento tonico, um regimen de ar livre, uma cura nervosa — um simples tratamento medico, basta para reformar uma criança que se apresenta como anormal. O exame anatomico procura reconhecer os *estigmas*, e definir-lhes o valor. Malformações osseas — craneo ovalar, craneo em quilha, abobada palatina ogival, assymetria facial, prognatismo exagerado...; malformações exodermicas — defeito de implantação dos cabellos, de implantação dos dentes... conformação das orelhas... são outros tantos estygmas anatomicos. A presença ou existência de um desses estygmas não quer dizer que a criança seja um anormal. Todavia, é absolutamente certo que mais communmente se encontram desses defeitos nos anormaes que nas criaturas normaes. De modo geral, a existência de dous ou mais desses estygmas é um poderoso motivo de suspeita.

O exame psychologico visa verificar o valor e a efficiencia de certas funções caracteristicas — memoria, attenção, associação das ideias, e a capacidade geral de discernimento. Então, fazem-se os respectivos

tests — de memoria, attenção... O valor geral do entendimento se aprecia por meio de perguntas, cuja resposta, pelo grão de sensatez e de intelligencia, permitta fazer um juizo do conjuncto da intelligencia. Este exame é precioso para o caso dos retardados, cujo defeito mais sensível é justamente a falta de discernimento, e a reducção da capacidade de abstracção. Nesses anormaes são tambem muito pobres as associações. Nos instaveis, ha perturbações notaveis da attenção, e que se revelam nitidamente nos respectivos "tests". Para o diagnostico dos asthenicos, são utilisaveis todas essas provas já citadas — sobre memoria, attenção, associação... porque elles se caracterisam pela lentidão e deficiencia de energia, donde edrivam, de modo geral, defeitos sensíveis nos resultados. Utilisa-se tambem, nelles, a pesquisa do tempo de reacção.

O exame pedagogico se faz quanto ao aproveitamento em classe, e systematisam-se em — provas de leitura, de calculo e de orthographia. A criança que, frequentando regularmente as classes, chegou a atrazar-se de 3 annos, é quasi sempre um anormal. Em regra, os imbecis atravessam esses tres annos, sem que consigam, siquer, aprender a ler; nos debeis, si não são deste modo negativos os resultados, ha, no emtanto, um atrazo bem sensível. O exame propriamente dito consiste no seguinte: estabelece-se um criterio do *minimo que uma criança normal deve ter aproveitado* após — um anno, dous annos, tres, quatro... em cada uma dessas materias de instrucção; submete-se a criança suspeita a uma prova, e aprecia-se assim a sua deficiencia. A mais efficaç dessas provas, quanto aos retardados, é a de calculo, porque permite avaliar ao mesmo tempo o grão de discernimento. Ella se faz sob a forma de problemas, tão simples que sejam perfeitamente accessíveis aos alumnos de typo normal, nas classes correspondentes. Ditam-se os dados, sem fazer nenhuma outra suggestão. Então, acontece que, geralmente, os retardados ficam perplexos, sem saber que operações têm

de realizar: "V. veio para a escola ás 9 horas, teve de voltar ás 12 — quantas horas passou aqui?..." fórmula o examinador, e a criança addiciona 12 a 9, sem considerar no absurdo do resultado — ter passado 21 horas na escola.

O regimen educativo do anormal se institue bem de accordo com o seu estado. A' pedagogia cabe formular os preceitos orientadores. De modo geral, a educação do anormal é uma obra nimiammente individual: o que convém a um, póde ser altamente inconveniente para outro. Em todo caso, é preciso contar nitidamente com os defeitos; não transigir com elles; mas consideral-os como symptomas morbidos, que não se podem eliminar de um lance, e que têm de ser tratados com a paciencia e a bôa vontade com que são tratados os dos outros doentes. Considera-se o anormal como um *insufficiente*, então, o educador suppre, quanto póde, esta insufficiencia, e auxilia-o racionalmente na coordenação das suas reacções, isto é, no preparo dos actos, e na organização da conducta.



APPENDICE II

ANALYSE DA FADIGA E ESTAFA

A questão da estafa (*surmenage*) nos collegiaes interessa á hygiene, á pedagogia e á psychologia. Os hygienistas e pedagogos formulam o regimen conveniente para evitar, ou corrigir a estafa; a psychologia intervem para caracterisal-a, indicando symptomas de ordem psychica, e fornecendo processos racionais e seguros de pesquisa.

A fadiga simples é um facto normal, physiologico, inevitavel, em quem trabalha; quer dizer, desde que um órgão funccionou sobrevem-lhe a fadiga, com repercussão sobre o organismo em geral. E' indispensavel, então, dar-lhe o repouso preciso, para que os tecidos fatigados se regenerem, e que se eliminem os productos de desassimilação, que resultaram especialmente do trabalho em questão. Nestas condições, convem distinguir a fadiga simples da *estafa*, porque é a esta ultima que os hygienistas visam nos seus preceitos e prescripções, quando tratam da *fadiga*.

A *surmenage* é a fadiga que se accumula, isto é, que se não dissipa completamente no periodo de repouso, donde o preceito: o que tem importancia para o diagnostico da estafa não é verificar si após a aula ou o estudo a criança está fatigada, e sim, — reconhecer si, após o repouso instituido, ainda persistem os symptomas de fadiga.

A *estafa* — persistencia ou accumulo de fadiga, póde ser a expressão de um trabalho muito longo e intenso, ou de um repouso insufficiente; donde a necessidade de pesquisas especiaes: immediatamente *antes e depois das classes*, para verificar o gráo de fadiga ligada a cada uma dellas, e pesquisas *depois dos*

repousos, para verificar si se realizou a regeneração completa das energias normaes do apparelho cerebral.

Outra noção geral que se deve ter em vista, na apreciação da fadiga, é a de que: não ha duas fadigas, uma intellectual e outra muscular (1). Não existe sinão uma especie — a *fadiga nervosa*. E' pelo menos este o phenomeno preponderante; a fadiga do musculo, não é, no fundo, sinão um phenomeno de esgotamento nervoso. Por outro lado, os exercicios de gymnastica apresentam um coefferiente de fadiga relativamente mais forte que o trabalho intellectual commum. Binet assegura que é um erro aconselhar os exercicios de gymnastica em seguida ás classes ou lições — como recurso de repouso ou de compensação do trabalho mental.

Os effeitos da fadiga produzida por trabalho mental se podem apreciar quanto: á respiração, á temperatura, á circulação (inclusive o pulso capillar), ás trocas nutritivas, ao systema muscular em geral, assim como sobre a propria actividade mental — manifestação de rapidez e de apuro das differentes operações intellectuaes.

Sobre a actividade motora involuntaria: a fadiga intellectual produz um pronunciado relaxamento dos musculos de accommodação do apparelho ocular, manifestando-se por achatamento do crystallino, direcção divergente dos olhos... Quanto aos movimentos sub-conscientes (gestos imitados involuntariamente, escripta automatica, etc.), estes são mais faceis de obter no estado de fadiga, devido á queda do *contrôle*.

E' quanto aos movimentos conscientes e volunta-

(1) Esta é a opinião de Messro.

rios que as observações e experiencias se systematisam de modo mais completo e elucidativo. A analyse do vigor e das condições functionaes do systema muscular se faz pela apreciação do — *maximo de contracção* ou *energia* que um musculo, ou um grupo de musculos, pôde desenvolver (*prova de força*), e tambem pela apreciação do grão de resistencia á fadiga (*prova de fundo*).

O apparelho mais correntemente usado nessas pesquisas é o dynamometro, applicado aos musculos da mão e do ante-brço, é o *ergographo*, de Mosso. Foi em fins do seculo passado, que Mosso creou esse apparelho, hoje vulgarisadissimo nos laboratorios de physiologia e de psychologia. Em verdade, os dynamometros (o modelo commum e o *dynamometro universal*) são os apparellhos mais proprios para as *provas de força*, ao passo que o *ergographo* se presta especialmente para as *provas de resistencia*; no entanto, na falta do *ergographo*, o *dynamometro registrador* pôde servir para a prova de resistencia. A grande vantagem do apparelho de Mosso é que, com elle, é possível limitar, quasi que rigorosamente (com o dispositivo de Binet), o trabalho a um só grupo de musculos — o da flexão do mediano. A prova consiste numa série de flexões, repetidas rhythmicamente, até que, pela fadiga, o dedo se immobilize. Os movimentos se inscrevem pelos processos usuaes, no registrador de Marey, e o traçado geral do trabalho apparece como uma linha quebrada, correspondendo cada angulo a uma flexão. Os vertices dos angulos se vão abaixando á medida que, pela fadiga, as flexões se tornam menos completas. A formula geral do trabalho muscular é dada pela curva formada pelas coordenadas dos vertices dos angulos que exprimem as flexões. A's vezes, a curva geral do trabalho se inclina logo para baixo, outras vezes ella se mantém approximadamente na mesma altura, para depois cahir subitamente. . .

Mosso chama a primeira dessas formas — *curva de fadiga*, e á segunda, *curva de esgotamento*. Eviden-

temente, pela comparação do trabalho ergographico obtido antes de uma classe, com o obtido depois, avaliavam-se bem os effeitos do trabalho mental sobre o systema muscular. A proposito das indicações do ergographo, Binet levanta uma objecção muito justa: de que esse apparelho não exprime, no seu traçado, o maximo de trabalho que o paciente pôde produzir, porque, no começo da experiencia, o individuo certamente poderia dobrar o dedo erguendo um peso maior, assim como, ao sentir-se fatigado, para vencer o peso-estalão, esse mesmo individuo ainda poderia erguer um peso menor. Attendendo a isto, faz-se substituir, em certas experiencias de fundo, o peso fixo commum por um cylindro ôco, afunilado na parte inferior, terminando por um tubo munido de torneira; carrega-se o cylindro de grãos finos de chumbo, dando-se o peso maximo compativel com a energia muscular da pessoa, e gradúa-se a abertura da torneira, de forma que os grãos de chumbo vão cahindo, e o peso vá diminuindo á proporção que a fadiga se vai pronunciando.

*
* *

VERIFICAÇÕES REALIZADAS: O trabalho intellectual curto produz exagero de força muscular; actúa como excitante. Faz subir o dynamometro de $\frac{1}{4}$. O trabalho muscular continuado e longo diminue, não a força propriamente, mas a resistencia. Tanto vale dizer — *a fadiga se accusa na prova de fundo*. No emtanto, si o trabalho intellectual longo — de uma hora, por exemplo — é acompanhado de estado emotivo, ha um exagero de força nas primeiras flexões, mas logo depois ella cahe abaixo do normal. Quanto á prova de fundo, — ha sempre diminuição de resistencia.

A fadiga intellectual é apreciada tambem nos seus effeitos sobre a propria actividade mental.

Distinguem-se na continuação do trabalho, duas ordens de influencias, que lhe modificam o curso: a do *exercício* e a da *fadiga*. A do exercício é benéfica, tanto para a quantidade ou velocidade, como quanto á qualidade; a da fadiga é malefica, num sentido e no outro. Os efeitos do exercício se fazem sentir antes dos da fadiga; donde resulta que nos primeiros periodos da experiencia, o observado vai ganhando em perfeição e principalmente em velocidade; depois manifestam-se os efeitos da fadiga, em sentido contrario, e o trabalho peora e se retarda. Exemplos de exercicios adoptados para analysar a fadiga: *contar e bifar* letras em textos de vernaculo e de idioma estrangeiro; *sublinhar* palavras, realizar *adições, dictado* de palavras usuaes... Kraepelin, um dos primeiros que systematisaram as pesquisas da fadiga, dividia os exercicios em periodos de cinco minutos, durante uma hora. Si se tratava de contar, ou bifar letras, ou de um dictado, os periodos eram separados por um grande traço horisontal, ou vertical, sobre o texto; ao mesmo tempo, si era uma simples contagem de letras, o paciente separava cada cem letras por um pequeno traço. A esses exercicios outros observadores experimentadores têm juntado a *leitura em voz alta*, tão depressa quanto possível, assignalando-se todos os cinco minutos a porção lida — *memoria de syllabas* e de *numeros*, indicados em series de 7, 8, 9, 10 e 12. O texto para as adições é assim supposto:

6+8... 7+2... 5+4... 3+7... 3+9... 4+8...
 2+9... 6+5... 5+8... 3+4... 8+6... 9+7...
 2+8... 5+6... 9+7... 6+9... 2+4... 4+9...

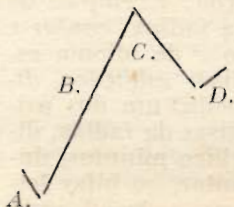
O observado escreve adiante das duas cifras indicadas o algarismo da respectiva somma.

Admitte-se a influencia opposta dos dous factores principalmente quanto á velocidade, já o dissemos. Dest'arte, o trabalho é, em cada momento, função do exercício e da fadiga. Convém notar, no emtanto, que

o maximo de producção varia muito no tempo: ás vezes manifesta-se cedo, outras vezes, muito tarde; verifica-se tambem que o augmento de producção não se accusa desde logo; nota-se tambem que no final, depois que a influencia da fadiga já é manifesta, dá-se muitas vezes uma recrudescencia de velocidade.

Binet chama a esses dois pequenos periodos (o inicial e o final) de *verve inicial* e *verve final*. Este diagramma, de Binet, representa uma experiencia de duas horas, em periodos de cinco minutos: A, verve inicial;

B, função do exercicio; C, função da fadiga; D, verve final.



A forma de evolução no desenvolvimento da experiencia tambem varia com a natureza do exercicio. A *memoria de syllabas* ou de *cifras* dá o seu maximo no começo, ao passo que a *contagem de lettras* tem o seu optimo mais para o fim, o que, aliás, facilmente se explica, porque a contagem exige mais machinismo mental e depende mais, portanto, do exercicio.

Outras formas se deram a essas experiencias — alongando os exercicios, separando-os por periodos de repouso. Por exemplo, addições feitas por periodos de $\frac{1}{4}$ de hora, separados por periodos de meia hora, ou de hora. Nessas addições apreciava-se, por um lado, a velocidade (numero de addições), e, por outro lado, apreciavam-se os erros. Os dous primeiros quartos são de trabalho seguido; no 2º (influencia do exercicio), ha menos erros, e augmenta a velocidade; vem um periodo de repouso de meia hora. Após esse repouso, o trabalho do quarto que se lhe segue é superior ao do quarto antes do repouso (no 3º quarto mais do que no segundo). Segue-se outro $\frac{1}{4}$ de trabalho, em que se faz menos que no anterior (influencia da fadiga). Vem outro repouso de 30 minutos; segue-se o quinto $\frac{1}{4}$, cuja producção augmenta um pouco sobre o anterior; continua-se o sexto quarto de hora de trabalho, com uma producção menor. Segue-se

um repouso de uma hora; mas, agora, elle já não basta para dissipar os effeitos da fadiga; a produção do $\frac{1}{4}$ que se segue é ainda menor. Si se organizam esses exercicios com repousos de uma hora os resultados são differentes: a optima de produção corresponde aos quartos pares: 2° — 4° — 6°... Todas essas experiencias são de laboratorio; ellas se completam com os *tests* de tempo de reacção simples, e de escolha. Verificou-se plenamente que o tempo de reacção varia com o estado de fadiga; todavia, não foi possível estabelecer uma relação precisa, pelo que esse *test* é usado como complementar dos outros.

*

* *

PESQUISAS NAS ESCOLAS: — Os exercicios feitos especialmente com as crianças das classes são distribuidos — antes e depois das aulas e dos trabalhos escolares, e constam desses mesmos *tests* usados nos trabalhos de laboratorio. No entanto, usam-se principalmente: as *addições*, a *memoria de cifras e de syllabas*, o *bifar* e o *contar lettras* e o *dictado*. O criterio de apreciação é o mesmo — rapidez de produção e numero de erros. Nas classes, esses *tests* tomam um outro aspecto, porque podem ser feitos em commun, e têm, então, o valor de uma indicação geral. Para isto, ou se apuram os resultados collectivamente — numero de erros de toda a classe, tempo consumido em commun; ou, então, faz-se uma apreciação individual, que permite tambem tirar medias. No parecer de Binet, o melhor dos *tests* de fadiga é o dictado de palavras facéis e usuaes. O iniciador desse methodo foi Sikorsky, em 1875. E' essencial, no caso, não contar os erros correspondentes a vocabulos difficeis, de sorte que, em vez de dictar trechos correntes, mais convém dictar simplesmente palavras soltas, adrede escolhidas. Posteriormente, Höffner e Friedrich retomaram os processos do dictado, e obtiveram resultados muito expressivos. O ultimo desses investigadores systematisou muito racionalmente as suas pesquisas, e chegou

a verificações bem praticas. Elle reconheceu, por exemplo, que a mais pronunciada aggravação da fadiga, após as classes, manifesta-se depois dos exercicios de gymnastica. Friedrich realizava as suas experiencias antes e depois das classes — classes seguidas de recreio, e classes sem recreio, na seguinte forma:

1. ^o antes das cl. da manhã: 47 erros	2. ^o dep. de 1 hora de aula: 70 erros, i. é +23	3. ^o dep. de 2 hs. com recreio: 122 erros, i. é +52	4. ^o dep. de 2 hs. recreio: 158 erros, i. é +36
5. ^o dep. 3 hs. C/2 recr.: 211 erros, i. é +43	6. ^o dep. 3 hs. C/1 recr.: 273 erros, i. é +62	7. ^o dep. 4 hs. S. recr.: 288 erros, i. é +15	8. ^o dep. gde. recr. meio-dia: 163 erros, i. é -125
9. ^o dep. 1 hora de gymnastica: 253 erros, i. é +90	10. ^o depois de 2 horas C / recreio: 203 erros, i. é -53	11. ^o depois de 2 horas sem recreio: 283 erros, i. é +90	

O processo dos calculos foi empregado pela primeira vez por Burgerstein, em 91, fazendo addições de dous numeros de vinte cifras:

5832494728493564732734 + 74967243689354734257...

e multiplicação de numeros de vinte cifras por um de uma cifra, de dous a seis. Faziam-se os calculos em

classe; as crianças tinham dez minutos para realizar as operações, e cinco para receber as folhas de papel com as cifras dos novos calculos. Assim se faziam quatro séries, comprehendendo ao todo uma hora. Os resultados annunciam-se assim:

1ª série (10')	28267 calculos,	851 erros.
2ª " (10')	32477 "	1293 "
3ª " (10')	35443 "	2011 "
4ª " (10')	39450 "	2360 "

Esses trabalhos confirmaram-se, nos seus resultados quanto á gymnastica, pelas pesquisas que em 95 se fizeram na Allemanha, sob a direcção de Ebbinghaus, e nas quaes ficou provado que — duas horas de trabalho physico fatigam mais que uma hora de trabalho intellectual — fadiga accusada sobre as actividades mentaes. As experiencias de Ebbinghaus foram ordenadas pelo governo, diante de reclamações insistentes contra o regimen escolar de — “cinco horas seguidas de classes”. Binet critica os methodos adoptados e faz objecções. Ebbinghaus usou as provas correntes, já citadas — calculos, memoria de cifras... e creou uma nova forma: completar phrases juntando-lhes palavras; por exemplo: “O viajante... muito, mas não... o trem. Gosto de... mas não gosto de doces...” Na opinião de Binet, esses exercicios, a que elle chama de *combinação*, são muito *vagos*. Ebbinghaus realizou as suas experiencias — antes de todas as classes, depois da primeira, depois da segunda, depois da terceira, da quarta, da quinta, e, finalmente, uma hora depois da ultima, duas horas depois, tres horas, quatro...

RESULTADOS VERIFICADOS: — I. O numero de erros vai augmentando á medida que se succedem as classes; II. Os alumnos das classes elementares se fatigam mais depressa; III. Nas experiencias apoz a totali-

dade das classes, o coefficiente de fadiga se vai accusando de mais em mais durante cinco horas, por exemplo: nas classes elementares — uma hora depois das cinco horas de lição, vinte e oito erros, por alumno, ao passo que, cinco horas depois, o numero de erros subia a trinta e nove; nas classes mais elevadas — uma hora depois, oito erros, cinco horas depois, treze erros. . . Essas experiencias indicam que, nesses casos de fadiga accumulada, o periodo de repouso necessario para a reparação das energias nervosas, deve ser bem superior ao periodo de trabalho.

A todos esses processos indicados junta-se, hoje, correntemente, o da esthesiometria tactil, pela comparação do limiar de consciencia — antes do trabalho intellectual, e depois. Cumpre notar que, no caso, sob dous aspectos se pôde apreciar o limiar de consciencia — a simples percepção de um contacto (por meio das agulhas graduadas de Toulouse), e a percepção de dous contactos, por meio do compasso graduado de Weber. Numa determinada região da pelle, a medida do afastamento minimo necessario para perceber os dous contactos indica o respectivo limiar de consciencia. Para cada ponto, o limiar de consciencia sobe com o grão de fadiga. Sabe-se que o limiar de dous contactos varia muito de uma região para outra: de dous a quatro millimetros na polpa dos dedos, ponta do nariz, ponta da lingua, nos labios; de 7 a 12 na fronte, no dorso das mãos, nas bochechas. . . , de 40 a 60 no braço, na perna. . . Não ha duvida que um augmento do limiar de sensação tactil indica fadiga; mas Binet acha que não se pode reconhecer proporcionalidade, e, então, aconselha de empregar esse processo como contraprova. Depois de varias experiencias, Binet chega a admittir que haja fadiga que se não accuse sensivelmente sobre o limiar de sensação tactil.



INDICE GERAL

	PAGS.
PREFACIO	5
Nota á 2. ^a edição.....	9

CONDIÇÕES GERAES DA VIDA PSYCHICA

CAP. I. OBJECTO DA PSYCHOLOGIA

O espirito... definição 1. — A vida psychica 2. — Exigencias essenciaes no ser vivo; superioridade e aspectos proprios da adaptação humana; conquista do meio 3. — A actividade consciente e a adaptação pessoal 4. — Factos psychicos, sua classificação 5. — A personalidade 6. — Condições da vida psychica 7.....	11
---	----

CAP. II. CONDIÇÃO ORGANICA DOS FACTOS PSYCHICOS: SYSTEMA NERVOSO

Relação da actividade consciente com a vida physiologica 1. — Papel do systema nervoso na economia geral do organismo; adaptação e coordenação 2. — Nervos e centros; excitabilidade e conductibilidade; transformação e systematisação 3. — Systema nervoso da vida de relação; eixo encephalo-rachiano 4. — Estructura geral do aparelho nervoso 5. — Substancia branca e substancia cinzenta 6. — Distribuição geral dos nervos; origens e relações. — O elemento nervoso: o neurónio 7. — Estructura geral do cerebro; o cortex cerebral 8. — Vias de condução do cerebro; ganglios cerebraes 9. — O cerebello 10. — Estructura geral da medulla 11. — O bulbo rachiano 12. — Estructura e função geral dos nervos 13. — Polarisação da condução nervosa; organização das cadeias de neuronios 14. — Condução na medulla e no bulbo 15. — A actividade cerebral; transformação das excitações sensoriaes em estímulos motores 16. — Trabalho associativo 17. — Centros corticaes; diferenciação das funções conscientes; localisações cerebraes 18.....	19
---	----

CAP. III. CONSCIENCIA E ATENÇÃO

PAGS.

Definição de Consciencia 1. — Unidade dos estados de consciencia 2. — Aspecto geral da consciencia 3. — Psychismo, adaptação e variação 4. — Fluencia dos estados de consciencia 5. — Intensidade nas representações conscientes 6. — Factos psychicos inconscientes e sub-conscientes 7. — Optima de consciencia: Attenção 8. — Formas geraes de attenção 9. — As duas phases da attenção expontanea: passiva e activa 10. — Formas de attenção voluntaria 11. — Attenção esforçada 12. — Attenção reflectida habitual 13. — A physionomia na attenção 14.....	35
---	----

CAP. IV. A ACTIVIDADE SENSORIAL

Definição e condições geraes da sensação 1. — Impressionabilidade do organismo; natureza e formas dos agentes impressionantes 2. — Atributos das sensações 3. — Tom affectivo das sensações 4. — Importancia e origem das impressões sensoriaes; sentidos 5. — Sensações internas 6. — Sua classificação 7. — Distribuição geral da sensibilidade sensorial externa 8. — Adaptação dos elementos receptores á natureza do agente impressionante. 9. — Classificação das sensações externas 10.....	51
--	----

CAP. V. ESTUDO ANALYTICO DAS FUNÇÕES SENSORIAES

Sensações cutaneas; órgãos receptores 1. — Qualidades de sensações da pelle 2. — Distribuição dos elementos receptores 3. — Tacto de defesa e tacto de conhecimento 4. — Sensações gustativas 5. — Sensações olfactivas 6. — Agente impressionante e qualidades das sensações auditivas 7. — Som e ruido 8. — Órgãos receptores das impressões sonoras 9. — Sensações visuaes: agente impressionante e órgãos receptores 10. — Sensações de luz e sensações de côr 11. — Escala de saturação das côres 12. — Côres fundamentaes; combinação das côres 13. — Diferenciação funcional da retina 14. — Campo visual; accommodation 15. — Sentido visual 16. — Sentido cinesthesico; sensações musculares 17.....	65
---	----

CAP. VI. ASPECTOS GERAES NA CONSCIENCIA DAS SENSACÕES

Localização das sensações 1. — Persistencia das excitações sensoriaes; imagens consecutivas 2. — Lei da inercia nas excitações sensoriaes 3. — Limiar de consciencia das sensações 4. — Lei de Weber-Fechner 5. — Lei da relatividade 6. — As sensações como dados de conhecimento 7.....	85
---	----

A INTELLIGENCIA

CAP. VII. O CONHECIMENTO CONCRETO, ESTUDO GERAL DA PERCEPÇÃO

PAGS.

As sensações na synthese perceptiva 1. — Elementos e dados do conhecimento concreto 2. — Identidade dos elementos sensoriaes na diversidade das combinações perceptivas 3. — Percepção e reconhecimento 4. — Percepções puras; percepções assimiladas e percepções symbolicas 5. — Conteudo da percepção; importancia relativa dos attributos 6. — A apercepção 7. — Colaboração dos sentidos; grão de conhecimento na percepção 8. — Classificação das percepções 9. — Percepções de qualidade 10..	91
--	----

CAP. VIII. TEMPO E ESPAÇO. PROCESSO GERAL DE CONHECER

A duração e a extensão nas sensações 1. — Noção de tempo: ideia e percepção 2. — Apreciação do tempo: função da memoria 3. — Condições subjectivas na apreciação de tempo 4. — O rhythm physiologico 5. — Percepção do rhythm; sentidos que mais se apuram nessas percepções; medidas naturaes de tempo 6. — Importancia dos dados TEMPO e ESPAÇO 7. — Attributos da realidade 8. — A percepção de espaço como reconhecimento directo e distincto 9. — Sensações que mais concorrem para as percepções espaciaes 10. — Significação das sensações internas como fontes de conhecimentos 11. — Principaes percepções de espaço 12. — Posição e distancia 13. — Forma 14. — Movimento 15. — Tempo e espaço no movimento 16. — Percepções espaciaes adquiridas 17. — Interpretação perceptiva; illusão 18. — Dieriminação 19.....	103
--	-----

CAP. IX. ORGANISAÇÃO DA EXPERIENCIA MENTAL

O conteudo mental; conhecimento e pensamento 1. — As tres ordens de representações 2. — A Memoria como condição mental 3. — Função geral da Intelligencia; aquisição e utilização do conhecimento 4. — Conhecimento; reconhecimento; lembrança 5. — Memoria, habito e normalisação 6. — Funções associativas 7.....	123
---	-----

CAP. X. A IDEIAÇÃO

A discriminação na percepção 1. — Character e importancia das ideias 2. — Elaboração da ideia 3. — Abstracção e generalisação 4. — Symbolisação, evocação e communicação das ideias 5. — Extensão e comprehensão 6. — Classificação das ideias 7. — Grão de abstracção 8. — Os abstractos puros 9.....	131
--	-----

CAP. XI. IMAGEM E IMAGINAÇÃO

PAGS.

Definição e classificação 1. — Processos de elaboração imaginativa	
2. — Conteúdo das imagens 3. — A imagem e a percepção 4. — Tipos sensoriais predominantes 5. — Compleição mental e tipos de imagens 6. — Ideia e imagem geral 7. — Imaginação passiva e imaginação activa; reconstituição de imagens 8. — Comunicação das imagens 9. — Creação e originalidade 10. — Poder imaginativo 11. — Imaginação e entendimento 12. — Imaginação scientifica 13. — Hypotheses e systemas 14. — A imaginação no raciocínio 15.	143

CAP. XII. ELABORAÇÃO DO CONHECIMENTO RACIONAL. JUÍZO E RACIOCÍNIO

O conceito no mecanismo do pensamento 1. — Character do juízo: formula explicita do conhecimento 2. — A associação e o juízo; associações preferenciaes 3. — Relações impositivas 4. — Elaboração do juízo 5. — Pensar, julgar e afirmar 6. — Juízo e verdade; duvida critica. — Crença; logica e razão 7. — Conhecimentos directos e conhecimentos indirectos; juízos geraes e juízos particulares 8. — Papel e importancia do raciocínio 9. — Aquisição dos conhecimentos geraes; sua applicação para explicação dos factos. 10. — Inducção e deducção 11. — Hypothese e verificação 12. — Descrição formal do raciocínio 13. — A experimentação 14. — Deducção e syllogismo 15. — Erro e sophisma 16. — Cooperação da imaginação na elaboração do raciocínio 17.	157
---	-----

CAP. XIII. MEMORIA E ASSOCIAÇÃO DAS IDEIAS

Aspectos geraes da memoria 1. — Condições cerebraes de que resultam as funções associativas 2. — As lembranças 3. — Operações da memoria 4. — Evocação e associação 5. — Qualidades e tipos de memoria 6. — Memoria elemental 7. — Substituição de representações 8. — Perturbações da memoria 9. — Character geral da associação das ideias 10. — Formas de associações 11. — Contiguidade e semelhança 12.	177
--	-----

CAP. XIV. A LINGUAGEM

Exteriorisação e objectivação da actividade psychica 1. — Expressão intencional e linguagem 2. — Character geral da função da linguagem 3. — Symbolisação 4. — Exteriorisação e comunicação 5. — Analogia das consciencias 6. — Socialisação do pensamento 7. — Expressão verbal automatica 8. — Condições	
--	--

psychico-sociaes da linguagem 9. — Origem da palavra 10. —	
O grito e o gesto 11. — Vantagens dos signaes sonoros 12. —	
Evolução das linguas 13. — Normas e lexicon 14. — Desenvolvimento do vocabulario 15. — Diferenciação dos termos	
16.	191

AFFECTIVIDADE

CAP. XV. CARACTERES GERAES DOS FACTOS AFFECTIVOS

Polarisação affectiva 1. — Diferenciação da sensibilidade : sensação e	
afeição 2. — Co-existencia de representações e afeições 3. —	
Distincções entre os estados affectivos 4. — Passagem do agradável ao desagradavel 5. — Relatividade dos estados affectivos 6.	211

CAP. XVI. NATUREZA E CAUSA DOS ESTADOS AFFECTIVOS

Caracterisação das sollicitações vitaes 1. — Diferenciação affectiva,	
segundo a natureza das sollicitações 2. — Affectividade physica e affectividade idealisada 3. — Tendencias de conservação e tendencias de expansão 4. — Discriminação das tendencias egoistas 5. — Estados affectivos sensoriaes e organicos 6. — Causa e natureza nas afeições sensoriaes-organicas 7. — Estados affectivos sensoriaes-externos 8. — Polarisação affectiva nas manifestações sensoriaes e organicas 9. — Compensação : dor-prazer 10.	221

CAP. XVII. AS AFEIÇÕES SYMPATHICAS

Idealisação das afeições 1. — Diferenciação das tendencias sob o	
influxo das representações 2. — Depuração, multiplicação e definição das manifestações affectivas 3. — Tendencias egoistas : defensivas e aggressivas 4. — Origem das tendencias sympathicas ; unidade affectiva 5. — Expansão da vida individual 6. — Influencia do grupo domestico 7. — Espiritualisação das tendencias de expansão 8. — Contraste : egoismo-sympathia 9. — Riqueza da affectividade sympathica 10. — Afeições desinteressadas 11. — Affectividade esthetica 12. — A actividade artistica 13. — As afeições sympathicas e a saciedade 14.	231

CAP. XVIII. COMPOSIÇÃO E FORMAS DOS ESTADOS AFFECTIVOS

Afeições simples 1. — Os estados affectivos compostos e a vida moral 2. — Discriminação das formas affectivas 3. — A emoção 4. — Cortejo sensorial e visceral das emoções 5. — Cara-	
--	--

cter primitivo da emoção 6. — Significação objectiva da emoção 7. — A paixão 8. — Evolução normal dos estados affectivos; sentimentos 9.....	247
--	-----

A VONTADE

CAP. XIX. FORMAS DE REACÇÃO

Definição da actividade consciente 1. — Formas geraes de reacção objectiva: reflexos, instinctos e acção voluntaria 2. — Caracterização do acto reflexo 3. — Classificação dos reflexos 4. — Os quatro typos de Longet 5. — Relação entre os reflexos e a vontade 6. — Os actos reflexos e a consciencia 7. — O acto reflexo como typo da reacção psychica 8. — Os reflexos são systematisações especificas e hereditarias 9. — Formas da actividade reformavel 10. — A inibição 11.....	259
--	-----

CAP. XX. A VOLIÇÃO

Character necessario da volição 1. — Factores da vontade 2. — Analyse objectiva reacções «voluntarias» 3. — Phases características da volição 4. — Os «motivos» da vontade 5. — Organização do acto volitivo 6. — Inibição e vontade; virtudes neutras 7. — Papel da ideia na volição 8. — O esforço volitivo 9. — Attenção e vontade 10.....	273
---	-----

CAP. XXI. NORMALISAÇÃO DA ACTIVIDADE CONSCIENTE

Psychismo: reforma e estabilidade; 1. — Tendencia á normalisação 2.—Formula da personalidade; iniciativa e habito 3. — Organização da actividade cerebral 4.—Condição physiologica da normalisação 5. — Subconsciencia dos mecanismos automaticos 6. — Propriedades e character dos mecanismos automaticos 7. — Habito, automatismo e vontade 8. — A consciencia nas reacções automaticas 9. — Habito de «contrôle» 10. — Classificação dos habitos 11. — Aquisição dos habitos 12. — Reforma dos habitos 13. — Reflexo e habito — Absorção dos reflexos 14.	285
---	-----

SYNTHESE PSYCHICA

CAP. XXII. FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE — O DESENVOLVIMENTO PSYCHICO

A personalidade e o «eu» 1. — Processos da evolução psychica 2. — O cerebro do recém-nascido 3. — Systematisações nervosas hereditarias; tendencias geraes 4. — Factores da formação
--

PAGS.

psychica 5. — A consciencia do recém-nascido 6. — Primeira phase da vida psychica 7. — Alvorecer da intelligencia 8. — Primeiras inibições systematicas 9. — Ordem de aquisições 10. — Primeiras aquisições mentaes 11. — Curiosidade 12. — Necessidade de unificação mental 13. — Egoismo 14. — Influencia social 15. — Tendencia a generalisar 16. — Aquisições symbolicas 17. — Logica da criança 18. — Segunda phase mental 19. — Quadro geral da evolução psychica 20.....	299
---	-----

CAP. XXIII. IMITAÇÃO, INVENÇÃO E CORRECÇÃO

Necessidade da adaptação individual 1. — Character imitativo das primeiras reacções psychicas 2. — Assimilação cerebral das formas de excitação 3. — Distincções na imitação 4. — Evolução da imitação 5. — Condições naturaes da invenção 6. — Imitação e invenção 7. — Prazer infantil no inventar 8. — Invenção e imaginação na criança 9. — O brinquedo 10. — Processo de correcção 11. — Formulas de substituição 12.....	321
--	-----

CAP. XXIV. O CHARACTER

Factores da personalidade 1. — Definição de character; tendencias innatas e tradição 2. — Compleição organica 3. — Classificação dos temperamentos 4. — Elementos constitutivos do character 5. — Classificação dos caracteres 6. — Classificação de Malapert 7. — Classificação de Ribot 8. — Classificação de Paulhan 9. — O character como symbolo pessoal 10.....	331
---	-----

CAP. XXV. A PERSONALIDADE E A TRADIÇÃO SOCIAL

(Conclusão)

Formas explicitas nas consciencias 1. — Comunicação das consciencias 2. — O subjectivo pessoal e as concepções collectivas 3. — As ideias como valores sociaes; a transmissão symbolica dos processos adaptativos 4. — Organização social 5. — A evolução humana; nucleos de elaboração civilisadora 6. — Órgãos e funções sociaes 7. — Autonomia pessoal e solidariedade affectiva 8. — A tradição: assimilação do individuo no grupo social 9. — Significação objectiva da sociedade humana 10...	341
---	-----

APPENDICE I

Characterisação dos Anormaes escolares.....	355
---	-----

APPENDICE II

Analyse da fadiga e estafa.....	363
---------------------------------	-----

Santa Cruz de
Buenos Aires, Julio 19/92
Juan Antonio